Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 14 DE JANEIRO DE 1973 — N.º 17981 — ANO 52.º PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

A NOVA EUROPA

A Grã Bretanha, a Dinamarca e a República da Irlanda fazem oficialmente parte da Comunidade Económica Europeia desde 1 de Janeiro de 1973, mas foi só no passado dia 6 que a nova Comissão de Bruxelas assumiu efectivamente as suas funções sob a presidência de François-Xavier Ortoli. A Imprensa britânica saudou o acontecimento com entusiasmo, mas a última sondagem efectuada do outro lado da Mancha revelou que os ingleses se mantêm divididos em pró-europeus (38 por cento) e anti-europeus (39 por cento), enquanto o resto da população se mostra indiferente

Desde a assinatura dos tratados de adesão, em Janeiro de 1972, os novos membros da CEE foram associados aos trabalhos dos «Seis». Na conferência cimeira do Outono os candidatos participaram já na qualidade de convidados e desempenharam um papel relevante. Conseguiram mesmo fazer fracassar um dos acordos penosamente elaborados pelos «Seis». Dez anos após o general de Gaulle ter sabotado as primeiras negociações tendo em vista a entrada da Inglaterra na Comunidade Europeia, o chanceler Willy Brandt refere-se à responsabilidade do Mercado Comum alargado nos seguintes termos: «Aqueles que, no passado, criticaram a Comunidade por parecer erigida numa «Europa dos Negócios», podem agora, com base nesta nova orientação comum, fazer com que a Comunidade ofereça melhores e mais justas oportunidades de vida para todos».

A NATUREZA NA GULBENKIAN

Na sexta-feira passada, às 18 horas, foi aberta na Fundação Gulbenkian uma exposição retrospectiva que abrange quarenta e dois anos de actividade do arquitecto paisagista e pintor brasileiro Roberto Burle Marx. O principal responsável pela moderna Rio de Janeiro, que é simultâneamente um dos nomes mais significativos da moderna pintura brasileira, falou ao DL da sua obra e das suas experiências. Lançou também um grito de alarme aos portugueses: «O homem está a destruir a natureza. É preciso salvá-la». (Pág. 12)

OS ANOS LOUCOS NA AMAZÓNIA

No romance «A Selva» o escritor Ferreira de Castro conta o que foram os anos vinte na Amazónia: tão loucos ou mais do que na Europa. Hoje, quarenta e dois anos depois da publicação do romance, em Lisboa, um jovem cineasta amazonense mostra, em imagens, o que foi a irresponsabilidade do chamado «ciclo da borracha» no Brasil. O produtor brasileiro deslocou-se a Lisboa para mostrar «A Selva» a Ferreira de Castro — um filme feito a partir dum livro recentemente apontado pela UNESCO como uma das dez obras mais lidas em todo o mundo. (Pág. 17).

Van Thieu a Oriana Fallaci

"SE OS AMERICANOS NOS DEIXAM É O FIM ABSOLUTO"

WASHINGTON, 14 (FP) — «Disse não aos americanos... demasiado impacientes em fazerem a paz» delcarou o presidente do Vietname do Sul Nguyen Van Thieu, numa entrevista que deu à jornalista italiana Oriana Fallaci do «L'Europeo» e que é reproduzida pelo semanário americano «New Republic».

Na longa entrevista que foi dada em língua francesa em 30 de Dezembro no Palácio presidencial, Van Thieu explicou, pela primeira vez, pùblicamente, as suas duas objecções fundamentais ao plano de paz que Henry Kissinger lhe veio submeter em Outubro passado.

Não contestando a unidade do Vietname o presidente vietnamita, todavia, insistiu em que «há dois Estados separados que aguardam a reunificação». Nas suas discussões «muito francas e duras» que teve com Kissinger, recusou aceitar a manutenção das tropas norte-vietnamitas no Sul e a fórmula de solução política que teria significado impôr-se um Governo de coligação ao Vietname do Sul.

Thieu insistiu em que não perdeu a confiança no presidente Nixon. Julga que a paz pode ser feita «dentro de semanas» desde que os norte-vietnamitas renunciem à imposição de todas as condições. Doutro modo a guerra ainda durará três ou quatro anos.

No plano militar, Van Thieu propõe que as tropas norte-vietnamitas retirem do Vietname do Sul simultâneamente com as americanas. Quando essa retirada estiver terminada compromete-se a reduzir o seu exército em tantos homens quantos os norte-vietnamitas retirados.

No plano político quer três mezes para discutir com a FNL, depois de terem partido as tropas de Hanoi, e mais três meses para ambas as partes organisarem eleições gerais.

Declara-se pronto, depois da entrada em vigor do cessar fogo, a libertar 10 000 prisioneiros de guerra norte-vietnamitas e todos os presos civis vietnamitas, laocianos e cambojanos, ao mesmo tempo que a libertação pelos comunistas dos prisioneiros americanos.

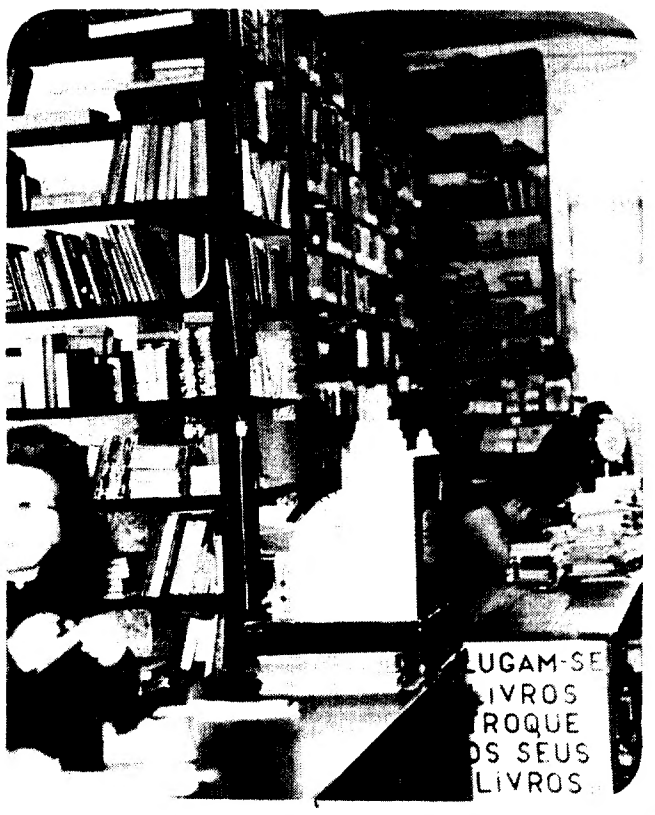
A questão crucial a resolver pelo acordo de paz é, a presença de 300 000 soldados norte-vietmanitas, disse em substância o presidente Van Thieu. Esta presença tem, entre outras finalidades, não deixar que o «vietcong» (FNL) discuta directamente com o Governo de Saigão. Depois do cessar-fogo esses 300 000 soldados transformavam-se em «vietcong». Ora estes não passam de 100 mil — afirmou. O general Thieu reconheceu que sem a intervenção massiça da aviação americana na Primavera passada, o exército sul-vietnamita, apesar dos progressos da vietnamização, não teria podido resistir à ofensiva comunista. Calcula precisar ainda da assistência americana para ter aviação própria capaz de substituir completamente a americana. «Mas se os americanos nos deixam, disse, é o fim, o fim absoluto, não há nada mais a discutir.»

Para Thieu, as divergências entre Saigão e Washington a respeito das condições da paz explicam-se pelo facto dos Estados Unidos serem uma superpotência que pode permitir-se trocar um peão por outro no xadrez mundial. Para o Vietname é uma questão de vida ou de morte.

A respeito da sua opinião quanto a Kissinger e ao general Giap, Thieu disse: «Kissinger quer que o Sueste Asiático seja controlado pelos russos, a fim de conter os chineses; entende que os russos são menos perigosos do que os chineses. Giap, é um bom general, mas o seu alegado génio militar foi inventado pelos franceses, depois de Bien Phu quando era uma batalha, afinal, fácil de ganhar, estando a guerra então perdida, em França, política e moralmente; cometeu o erro de substimar o poder dos Estados Unidos e o do Exército sul-vietnamita.

Por fim, o presidente Van Thieu deplorou que, desde 1965, os Estados Unidos sòmente tenham exercido uma pressão gradual, e intermitente, sobre o Vietname do Norte, em vez de o bombardear maciçamente e invadi-lo desde o princípio. «Só tivemos afinal uma meia guerra» concluiu.

Alfarrabistas: Negócio de lucro a 300 por cento



Apesar das aparências, o negócio de compra e venda de livros usados ainda proporciona bons lucros aos comerciantes do ramo. Mas as valorizações pouco racionais feitas ùltimamente pelos alfarrabistas no acto de compra, tem vindo a afastar muitos clientes da classe dos trabalhadores-estudantes que eram até aqui os mais interessados neste tipo de intercâmbio comercial. **«Por este livro ainda em bom estado ofereceram-me só dez escudos. Entretanto, vi ali na montra um igual que tinha marcado como preço de venda quarenta.»** — desabafou uma jovem à nossa reportagem. E quando um negócio rende trezentos por cento ao comerciante, não há clientela que resista.

LEIA HOJE

Facetas desconhecidas de Lisboa (Reportagem na pág. 10)

Carta do Brasil por Chianca de Garcia (pág. 11)

Um erro de Pompidou (pág. 13)

Desporto **Scopelli, o «velho do Restelo»**

LEIA AMANHÃ

Exclusivo

- **O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS - FEIRAS** que inclui entre outros assuntos:
- **TRUMAN** — «O Capitão da Guerra Fria» e «Babitt na Casa Branca»
- **A CRÍTICA DO ESTANILISMO**
- **PELO MUNDO**

INFORMAÇÃO ECONÓMICA

ECONOMIA MUNDIAL

Nova York, (por Leroy Pope, da UPI - exclusivo da ANI em Portugal) — Com o estrépito das manadas em correria, entraram os negócios no ano novo, mas um estampido mais forte se ouviu — o do comércio retalhista, cujas vendas, na semana seguinte ao Natal, estiveram 21 por cento acima das do ano passado, sendo também, em todo o mês de Dezembro, melhores do que em 1971.

No mesmo contexto mensal destacou-se um progresso de tal ordem nas vendas de automóveis — 19 por cento numa base diária — que logo os fabricantes projectaram a produção recorde em Janeiro de 913 000 unidades.

As bolsas de valores não faltaram nos lugares da frente desta desfilada. Avançaram numa frente larga e compacta, só desunida num único dia pela venda realizadora de lucro.

A produção mineira em 1972 atingiu o valor recorde de 32 300 milhões de dólares, com um aumento de 1 500 milhões sobre a de 1971, e a transacção de mercadorias a prazo registou um novo recorde expresso num aumento de 20 por cento que, sem excluir uma certa percentagem de especulação, levou para 17,8 milhões o número de contratos negociados nos respectivos mercados.

A adjudicação de obras públicas subiu 13 por cento em Novembro em comparação com o ano anterior, e no mesmo mês de 1972, as encomendas recebidas pela indústria aumentaram 3,9 por cento.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil

AEROPORTO DE LISBOA

ARREMATAÇÃO DE LIXO

O Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa torna público que até às 17,30 h. do próximo dia 30 do corrente, aceita propostas em carta fechada e lacrada, para arrematação anual de cerca de 12 000 m3 de lixo, o qual deverá ser retirado do Aeroporto pelo Adjudicatário, em local e prazo a estipular oportunamente.

A adjudicação terá a validade de um ano.

Aeroporto de Lisboa, 3 de Janeiro de 1973.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

RELAÇÕES COMERCIAIS BRASIL - CHINA POPULAR

Rio de Janeiro (F.P.) — Os exportadores brasileiros reivindicam o estabelecimento de relações comerciais com a China Popular, afirma-se nos meios comerciais locais.

O Brasil não mantém relações diplomáticas com a China Popular e o delegado do Brasil votou no ano passado contra a entrada da China na ONU.

No entanto, em 1972 uma missão de comerciantes brasileiros foi autorizada pelo Governo a deslocar-se àquele país. Em Junho próximo, outra missão de comerciantes, mais numerosa que a anterior, visitará Pequim para oferecer os seus produtos.

Em 1972 o Brasil vendeu açucar à China por intermédio dum comerciante de Londres.

Segundo versões que até agora não foram confirmadas nem desmentidas pelo Governo de Brasília a China Popular comprará aproximadamente 200 toneladas de açucar brasileiro.

EGIPTO COMPRA TRIGO

Cairo — O Egipto contratou a compra, na França, de 334 000 toneladas de trigo, devendo receber a primeira remessa — 100 000 toneladas — dentro de dois meses e o restante ao longo do ano — anuncia o jornal «Al Ahram».

BALANÇA COMERCIAL INGLESA

Londres (ANI) — A balança comercial inglesa, em 1972, piorou em cerca de mil milhões de libras, em relação a 1971.

No mês de Dezembro, registou-se um saldo negativo de 93 milhões de libras. A flutuação da libra agravou o deficit da balança comercial inglesa.

100 BARCOS PARA CUBA

Lima, (ANI) — O Governo cubano, através da organização oficial Cubapesca, firmou um contrato de 28.2 milhões de dólares (706 000 contos) para a compra de 100 barcos de pesca a estaleiros peruanos — anuncia-se em Lima.

Trata-se da segunda transacção de vulto entre os dois países que reataram as relações diplomáticas em meados de 1972. A primeira foi a compra por Cuba de 120 000 toneladas de farinha de peixe, uma das principais exportações peruanas.

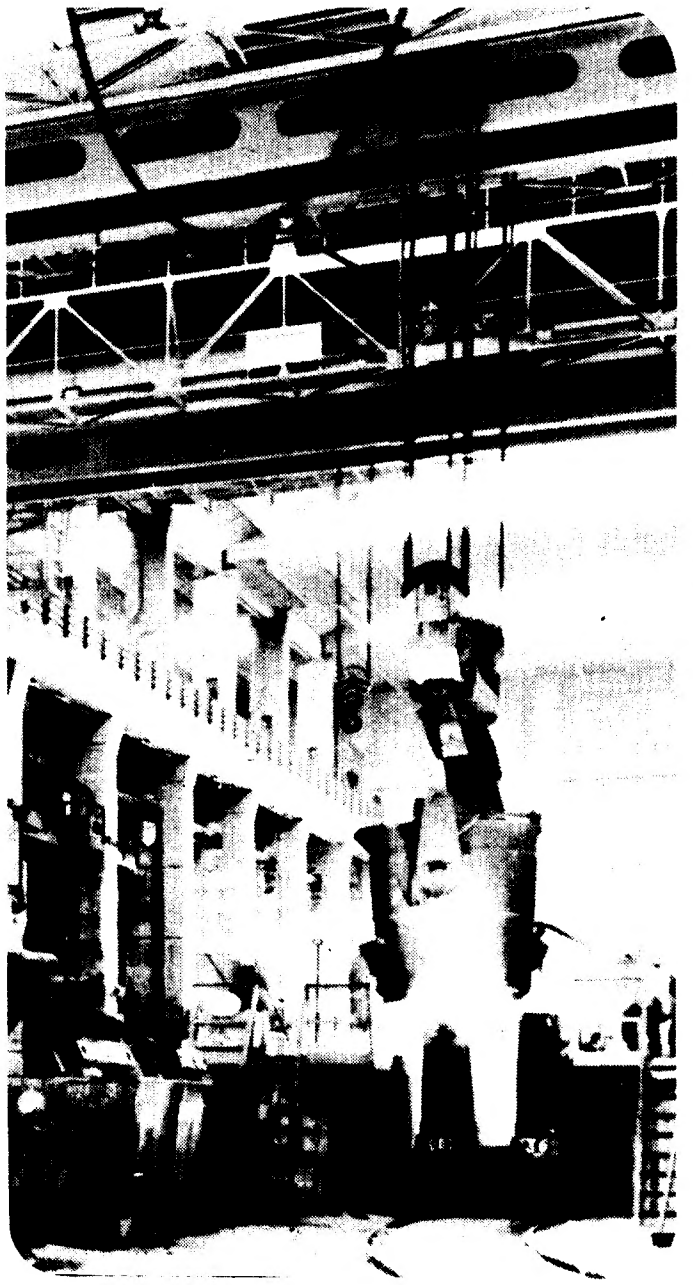
OS PREÇOS DA CARNE NA INGLETARRA

LONDRES, (ANI) — Os produtores aumentaram o preço da carne, enquanto os preços de quase todos os outros produtos estão congelados — concluiu a comissão de inquérito formada pelo Governo para esclarecer os motivos do aumento de 40 por cento na carne, em poucas semanas.

A comissão nada encontrou para confirmar a tese de que o aumento resulta do ingresso da Inglaterra no euromercado. Os produtores aproveitaram o aumento da procura, tanto interna como do continente ao mesmo tempo que descuravam o abastecimento interno e a importação da Irlanda.

Notou-se, simultâneamente, que os lucros dos retalhistas e dos matadouros se mantiveram congelados.

A comissão recomenda que também os preços dos produtores sejam congelados.



saldos pronto a vestir

a partir de 15 de Janeiro no Pão de Açúcar de Alcântara · Benfica · Amadora Olivais-Sul · Almada · Barreiro · Porto

Vestidos, camisolas, saias, calças, blusões, casacos curtos e compridos, gabardines, sapatos e botas para homem, senhora e criança.

Pão de Açúcar

FACTOS

A OUTRA POLUIÇÃO

Por JOSUÉ DA SILVA

Numa sessão organizada em Paris pela Sociedade Medico-Psychologique e em que participam psiquiatras da quase toda a Europa, o dr. Hazemann, de nacionalidade alemã focou, dentro de um tema geral subordinado à ecologia em relação com a psiquiatria, um aspecto de largo interesse e bem na ordem do dia: a poluição.

Hazemann considerado um dos mais destacados especialistas germânicos em psiquiatria, afirmou que os níveis de poluição física a que estamos sujeitos nas gigantescas cidades modernas, a contaminação provocada pela absurda superconcentração de habitantes, explodem em terríveis transtornos psicológicos dando lugar a toda uma alteração psíquica que mina os nervos do ser humano e o leva à esquizofrenia, à irritabilidade, à incapacidade de raciocinar e, por fim, aos parâmetros da aberração e da loucura. Outras causas que, em conjunto com aquelas podem conduzir o homem a um estado depressivo alarmante, foram igualmente apontadas por Hazemann como resultados directos das aglomerações monstruosas e da hiperindustrialização. Diz ele:

— À irritabilidade causada pela falta de espaço, pela rudeza do ambiente, pelo ruído, pela contaminação, pelo inferno do tráfego, pela pressa febril, pela rigidez dos sistemas, veio juntar-se o medo. Um enorme e terrível medo que pesa sobre a cabeça de cada um, qual espada de Damócles prestes a desferir o golpe fatal. Medo aos perigos que a cidade contém em si e de que ele, cidadão, não pode fugir e medo á vigilância do grupo, á espreitadela do vizinho, á soturnidade dos sistemas. O cidadão vive, deste modo, num alarme constante que lhe esfrangalha os nervos, lhe deturpa as ideias e o atira quase inconscientemente para outro perigo nada menor: o comprimido. O comprimido para dormir, o comprimido para acalmar, o comprimido para baixar a tensão que nunca baixa. E empurrado, agredido, excitado, apavorado, drogado, o cidadão sente um vazio no cérebro, uma tormentosa necessidade de se evadir, de fugir da sua angústia. Como o não consegue, mais tarde ou mais cedo terá de recorrer a uma clínica ou de viver amassando no seu íntimo os átomos de uma violência mil vezes recalcada, mas que surge em tristes lampejos, mais dignos de comiseração do que de condenação, quando se revolta contra o conjugue, contra o patrão, contra o empregado, contra o cobrador do autocarro, contra o passageiro desse mesmo autocarro, porque todos somos tocados pelo mal.

Não será difícil a qualquer de nós verificar até que ponto o dr. Hazemann tem razão nas suas afirmações. Basta sairmos para a rua de olhos abertos e atentarmos no que se passa à nossa volta. As pessoas tornam-se cada dia mais conflituosas, mais agressivas, mais cruéis, até. Os choques sucedem-se — em casa, no emprego, nos transportes colectivos, de carro para carro, (basta uma manobra menos feliz de um automobilista para que chovam insultos, ameaças, quando não a agressão imediata e incoerente) de indivíduo para indivíduo. O medo estaabeleceu-se no coração dos homens, preterindo a fé e a confiança no mundo e descambando em atitudes virulentas ou grosseiras. Reina uma estranha anarquia nos cérebros, que se poode chamar outra coisa, mas a que Hazemann, e muito bem, resolveu pôr o nome de «poluição mental» As caausas desse medo são muitas e algumas de uma profundidade inquietante. Se a saúde de um povo é o melhor capital-reserva desse povooo, não seria de todo fora de pppropósito que se tomassem as mais urgentes medidas que a situação requer, procurando arrancar o medo do coração das pessoas. Mas quem vai tomar a iniciativa?

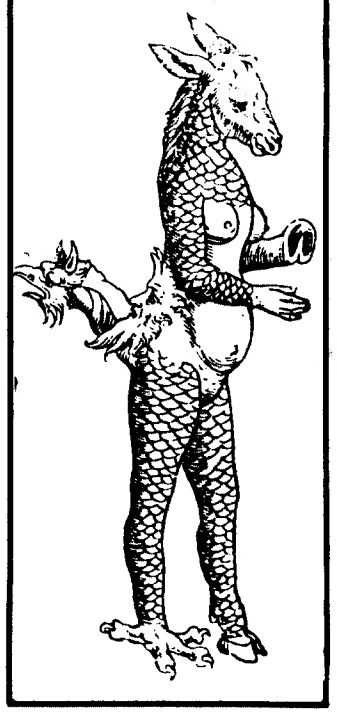
O nosso mundo

● VOTOS

Desejamos que os pais sejam felizes com os seus filhos, que as crianças cresçam ao sol de Deus, que a juventude seja alegre e forte e, na procura dos meios de viver e assegurar o futuro, se prepare para resistir às solicitações que pervertem os sentimentos e podem comprometer a honra e degradar a vida. Desejamos que a torrente do turismo nos não afogue, nem nos desvirtue ou desqualifique a identidade, mas que a sua força tentacular, mediante um acolhimento criterioso e colaborante, sejà captada e aproveitada para bem da Província e do País. Desejamos salvaguardar a todo o custo os valores espirituais, actualizar e enriquecer o património da tradição algarvia, portuguesa e cristã, que esses valores sustentam e devem animar. Estes, em resumo, os votos do humilde Bispo, responsável pela evangelização do povo algarvio. («Folha do Domingo», palavras do bispo de Faro, D. Florentino de Andrade e Silva, antigo administrador apostólico do Porto).

● REFORMA

Fala-se agora muito numa importante reforma no ensino que abrangerá apenas a parte norte e centro de Portugal Continental, tendo-se até já escrito que depois da reforma pombalina de 1753 nada tão grandioso se levou efeito no País. Ignoram a obra legislativa do Setembrismo levada a cabo pelo ministro Passos Manuel, nos anos de 1836 e 1837. Estas grandes reformas da instrução pública, quanto ao Alentejo em geral e ao concelho de Évora em particular, representaram benefício negativo para a nossa região. Quanto à reforma pombalina trouxe como inovação extinguir a prestigiosa Universidade de Évora onde no dia 8 de Fevereiro de 1758 se deram as últimas aulas. Assim apagaram no Alentejo este importante foco de cultura que no dizer do actual ministro da Educação, Veiga Simão» nunca devia ter deixado de existir em Évora uma Universidade» e por isso reconhecer declarou públicamente, quando, por sua exclusiva iniciativa visitou Évora, que «nos alimentava a esperança da criação de uma Universidade do Povo de Évora, do Povo do Alentejo». (M. Carvalho Moniz, in «Notícias d'Évora»).



— Já decidimos operá-lo... Agora estamos a discutir como!

SUBSISTE UMA "NAÇÃO ALEMÃ" ?

BONA — A assinatura do tratado não conheceu a atmosfera febril — entusiástica ou hostil — que assinalara as primeiras diligências do chanceler Brandt na sua política a Leste. A normalização das «relações fundamentais» entre as duas Alemanhas afecta contudo os cidadãos da República Federal de uma maneira muito mais directa do que no caso dos tratados assinados em Varsóvia e Moscovo. Mas o curso do degelo e da normalização encontra-se fixado a partir de agora. O facto de o chanceler não ter podido ir pessoalmente a Berlim Oriental para a cerimónia da assinatura priva naturalmente esta de uma boa parte do seu carácter «histórico».

Até mesmo a indignação dos dirigentes da C. D. U.-C. S. U. parece um tanto artificial. Os falcões da facção bávara continuam, por ora, a dominar as pombas da C. D. U. Apenas algumas vozes, no grupo parlamentar cristão-democrático, se pronunciaram assim contra uma resolução que condena o tratado inter-alemão. Este não reservaria o lugar de um futuro acordo de paz, não teria em conta o direito dos alemães à «autodeterminação» e sabotaria o acordo de 1954, no qual os Aliados reconheciam à República Federal o privilégio de reppresentar toda a Alemanha.

Pela sua parte, o Governo de Bona esforça-se, bem entendido, por convencer os cidadãos de que, longe de consagarar definitivamente a divisão do antigo Reich, o novo tratado preservará o «sonho» da reunificação. É este em todo o caso o princípio que inspira uma longa declaração elaborada pelo Ministério que continua a ter a eqtiqueta de «relações inter-alemãs».

Se é impossível — lê-se neste documento — entrever o dia em que a divisão da Alemanha chegará ao fim, convém impedir que a R. F. A. e R. D. A. acentuem mais as suas «vidas separadas». Passando em revista os factos históricos que levaram à formação de dois Estados distintos na Alemanha, o documento faz sobretudo notar que, no decurso dos anos, a «separação» dos cidadãos se veio juntar à «divisão» entre os regimes. Tratar-se-ia, portanto, presentemente, de preservar «a vontade e a consciência de uma pertença comum», a fim de manter a ideia da «nação alemã».

Esta preocupação de preservar o princípio da unidade nacional inspira igualmente a carta enviada ao Governo de Berlim Oriental na manhã de quinta-feira que precedeu a assinatura do tratado. Esta carta limita-se, aliás, a repetir formulações tornadas clássicas desde a aassinatura do tratado germano-soviético, em Agosto de 1970. O Governo da R. D. A. é assim informado de que, na opinião de Bona, o tratado que regulariza as rrelações entre as duas Alemanhas «não está em contradição com o objectivo político da República Federal», a qual entende promover na Europa um estado de paz no qual o povo alemão possa «restabelecer a sua unidade através de uma livre autodeterminação».

Todavia, na opinião dos cidadãos da República Federral, todas estas reservas «ideológicas» não chegam a convencer completamente. Para já, o facto mais evidente é que o tratado inter-alemão assinala a verdadeira entrada da R. D. A. na cena internacional.

Ao mesmo tempo, porém, é inegável que a política a Leste do chanceler Brandt, e, em especial, a normalização das relações com a R. D. A., reanimou os contactos pessoais entre alemães. Deste ponto de vista, pelo menos, o Govverno de Bona tem pois o direito de afirmar que preserva as probabilidades de uma eventual reunificação, mesmo que isso se verifique apenas num futuro muito longínquo. Todavia, as relações entre os dois Estados vão assumir um carácter cada vez mais complexo e paradoxal. Os dirigentes de Berlim Leste não poderiam, com efeito, admitir qualquer «fraternização» entre os cidadãos que vivem de ambos os lados da fronteira senão se o seu Estado já não se sentisse ameaçado na sua própria existência pelo «contágio democrático». Na verdade, o tratado deixa frente a frente — e não lado a lado — dois Estados cujos regimes políticos e sociais continuam a ser incompatíveis, e cada um dos quais pretende incarnar «a verdadeira Alemanha».

JEAN WETZ

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Por exemplo, o branco

E ouvimos sem pensar, como se as palavras fossem um simples som mil vezes repetido, que só de passagem nos aflora os ouvidos, sem nada a ver com os nossos pensamentos que vagueiam pelas alturas ou rente ao chão que pisamos. E ouvimos e achamos natural. Não nos espantamos mesmo ao de leve, não encolhemos, um pouco que seja, os ombros, não temos uma réstia de sorriso, não fazemos comentário. Nada de nada. Mudos e quedos — surdos? — ouvimos. Somos estátuas de aceitação. Porque, que importância pode ter, por exemplo, aquilo do branco mais branco, do branco cada vez mais branco, do branco maxi, do branco maxi-mais, do branco super, do branco mais-que-branco-luminoso? E não estou a referir-me à publicidade mas a nós, a todos nós, os que a ouvimos, os que aceitamos, por exemplo, essa viagem de uma cor — de uma ausência de cor — por caminhos nunca dantes navegados, até uma brancura que, pelos vistos, não é (que indignidade) a do leite, a da neve, a da cal, a da roupa lavada com água e sabão. Porque tudo isso é, pelos vistos, um nojo de escuridão, um triste branco tradicional, histórico, antigo, ao pé deste branco por assim dizer com luz própria, esta nova cor, esta nova ausência de cor.

Tranquilos, ouvimos. Depois compramos este, aquele, ou outro pó miraculoso, que vai deixar as vizinhas a roerem-se de inveja, frustradas, as pobres, com a sua roupa menos super branca, menos maxi-branca, com a sua roupa cujo branco parou, não vai todos os dias progressivamente aumentando, a caminho do infinitamente branco. Até onde chegará ele, neste nosso mundo desejoso de perfeição, sempre a ir mais além mas nem sempre em coisas essenciais à vida da humanidade, mas utilíssimas à querida vida particular dos círculos fechados? Ao nada? À tela de facto branquíssima onde não se trata coisa nenhuma?

O branco, repito, é um exemplo entre muitos. Levamos o dia, os dias, os meses, os anos, as vidas, a ouvir coisas que não escutamos, a aceitar de mão beijada outras em que não acreditamos, a ter ainda como possíveis outras que não resistiriam a um simples, ingénuo, raciocínio. Mas aí está, nós (em geral) não raciocinamos, não queremos raciocinar, opomo-nos terminantemente a isso.

REPORTAGEM

ALFARRABISTAS:

Negócio a 300 por cento

São vários os estabelecimentos comerciais que, em Lisboa, ainda se dedicam ao negócio de compra e venda de livros usados, numa actividade que motivando lucros vultosos aos alfarrabistas poucas vantagens proporciona aos seus clientes. De momento, Carmo e Trindade constituem as zonas da cidade onde funcional maior número de livrarias deste género, sendo a «Barateira», com 60 anos de existência, a mais popular e antiga de todas elas.

Nos letreiros que encimam a fronteira do velho edifício em que aquele estabelecimento se encontra instalado, pode ler-se: Aluga, troca, vende e compra livros. E de facto, tivemos oportunidade de verificar que poucos minutos após as quinze horas, início do horário da tarde, já várias pessoas se encontravam em procura de transacções segundo as modalidades praticadas. Algumas pareciam ficar satisfeitas com o negócio operado, mas também não foram raras aquelas que abandonaram o local absolutamente desiludidas.

Olhar (eis quanto pode o poder de compra da juventude)

Por este livro ainda em bom estado, ofereceram-me só dez escudos. Entretanto, vi nos escaparates um igual que tinha marcado como preço de venda quarenta __ desabafou uma jovem que nos disse trabalhar durante o dia na secção de contabilidade de um grande supermercado e frequentar o curso liceal nocturno no Camões.

Através de contactos que estabelecemos com outros estudantes-trabalhadores, classe a quem mais poderia interessar este tipo de intercâmbio comercial, ficámos a saber que a valorização pouco racional dos livros vem afastando muitos deles das lojas de alfarrabistas.

SOLUÇÃO IDEAL

Uma das modalidades que ainda assim vem mantendo numerosos adeptos é a que consiste em alugar certos livros de consulta por períodos determinados.

João Duarte, aluno da Escola Superior de Belas Artes, confessou-nos ser frequentador habitual da Barateira para alugar livros sobre Escultura e Pintura, de aquisição pràticamente impossível nos circuitos normais de venda: __ **É o que acontece com este compêndio que agora vou levar sobre escultura, da autoria de Arp. Pago vinte e cinco escudos pelo aluguer e durante o tempo que me for necessário, terei possibilidades de me documentar «nas calmas» sobre as matérias de interesse versadas nesta obra. No meu Curso, em que a maioria dos livros existentes no nosso mercado livreiro são em versões inglesas ou francesas e, mesmo assim, bastante raras e caras, o alfarrabista ainda é a solução ideal.**

Mas alfarrabista também vende calendários ilustrados e **Bordas D'água** avulso e o cliente que lá fomos encontrar foi o pequeno Chico, o mais jovem de uma prole numerosa de doze irmãos, que faz de tal negócio o seu ganha-pão diário: __ **Vou-me pró Metro e prá Estação do Rossio e os fregueses se não mercam sempre me dão uns «tostanitos». E à noite levo a massa à minha mãe que é prás sopas.**

E o Chico, que quase tem idade para andar de fraldas já anda a vender Bordas D'água e calendários com estampas de meninos polvilhados de pó de talco, lá partiu pé descalço a chapinhar nas pedras molhadas da calçada, Carmo abaixo até à Estação do Rossio.

João Duarte: «O alfarrabista só me interessa para alugar livros caros ou raros no mercado livreiro.

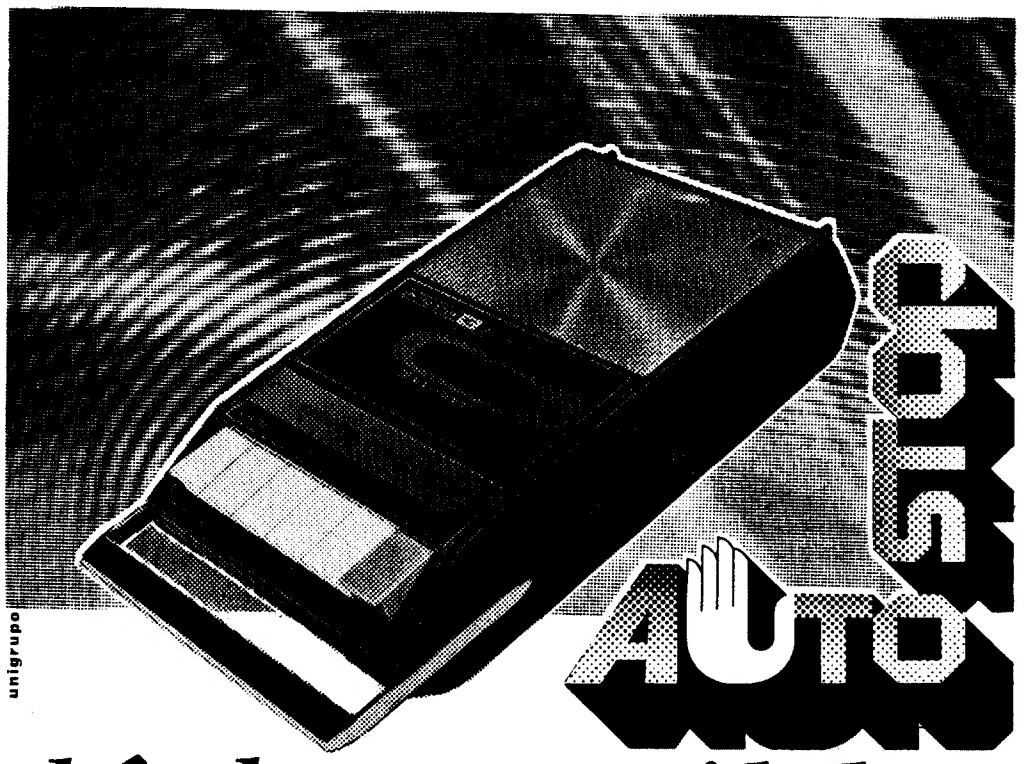
VELHA TRADIÇÃO

Tem graça o miúdo e é esperto que se farta! __ comentou Mário Velho, um dos sócios-gerentes da «Barateira», que sobre o andamento do negócio, nos esclareceu: __ **De certo modo talvez se vendam menos livros do que antigamente, pois as pessoas agora sempre preferem comprar obras em primeira mão, já que na grande maioria toda a gente vive melhor. Mas esta casa tem uma velha tradição e os clientes habituais dão uma certa estabilidade à nossa actividade.**

E que a estabilidade é evidente, demonstra-o, como nos foi dado constatar, o facto de que a maioria das lojas de alfarrabista hoje existentes, em Lisboa, são propriedade de antigos empregados da «Barateira». Pois quem terá a ousadia de admitir, mesmo sem a necessidade de recorrer a complicados cálculos, que um negócio que compra por dez para vender por **quarenta** poderá conduzir à falência?...

Livros para todos os gostos (com preços que a poucos convêm)

NATIONAL PANASONIC



unigrupo

há alguma novidade?

Há, sim senhor: o gravador de cassetes com AUTO STOP da NATIONAL.

Da qualidade já não é novidade. O que é novo no mundo dos gravadores é o AUTO STOP, um dispositivo que desliga automàticamente o gravador quando as cassetes chegam ao fim. – Para quê?

Para evitar que as pilhas «morram» porque V. se esqueceu de o desligar...

Para evitar que a fita magnética da cassete, sujeita a uma pressão constante e desnecessária, corra o risco de se avariar.

Para evitar o desgaste prematuro das peças do gravador.

sonipol NATIONAL National

LISBOA-PORTO-FARO

CRÓNICA

QUANDO "PERAHIN" PODE SER PORTUGUÊS

..Posto em liberdade após o cumprimento da uma pena por furto, um jovem de 25 anos (lágrimas de desespero a toldar-lhe os olhos baços), rogava no piquete da Judiciária que lhe apressassem o andamento burocrático de dois processos (também por furto) que ainda tem pendentes naquela Corporação.

— **Quero recomeçar vida nova, quero passar a ser gente. E, enquanto esses processos não forem resolvidos, continuarei a viver na pela de outro do outro que eu fui quando o roubo constituia a minha única forma de sobrevivência.** O repórter escutou o grito angustiado daquele homem, agora tentando ser um homem novo, e veio-lhe à mente a tragédia da personagem de um romance de Virgil Georghiu, Perahin, cidadão romeno eternamente perseguido pelas **éticas sociais**, mesmo após haver cumprido a pena de muitos anos em que a Justiça o condenara por crime cometido durante a adolescência.

E receou ver naquele jovem português um novo Perahin!...

RUSGAS

Também jovens (e portugueses) são os indivíduos que, por suspeita de vadiagem, transitam diàriamente pelos calabouços do Governo Civil como consequência das rusgas levadas a cabo pela Secção de Costumes da P.S.P.

Depois de identificados, verifica-se que as suas idades rondam os dezoito e os vinte e um anos e que muitos deles se encontram à boa vida por dificuldades encontradas na obtenção de empregos compatíveis com as suas habilitações literárias ou dentro do âmbito das actividades em que se especializaram.

Tornou-se corrente as secções de pessoal de pequenas e grandes empresas exigirem como condição de admissão para qualquer candidato o «**Já ter o serviço militar cumprido**».E, como se isto não bastasse, outros factores contribuem para este estado de coisas.

Ainda recentemente, um organismo especializado em estatísticas, revelava que para duzentos candidatos a empregos de escritório existia apenas uma vaga no mercado de oferta. E o que se passa com os empregados de escritório, passa-se com os bancários, com os professores primários ou com os funcionários da Caixa geral de Depósitos, por exemplo, onde no último concurso para quatrocentas vagas surgiram cerca de mil e quinhentos concorrentes.

Perguntamos: em face desta situação, mesmo com rusgas diárias, como poderão reagir os jovens aqui e agora.

MANUEL GERALDO

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

1º aumento de capital

EMISSÃO DE 500 000 ACÇÕES

RATEIO REFERENTE À SUBSCRIÇÃO DAS 132 000 ACÇÕES DESTINADAS AO PÚBLICO

Foram recebidos 65 750 boletins a que corresponderam 777 799 acções subscritas, verificando-se, por consequência, ter sido coberta em cerca de 6 vezes a emissão destinada ao público.

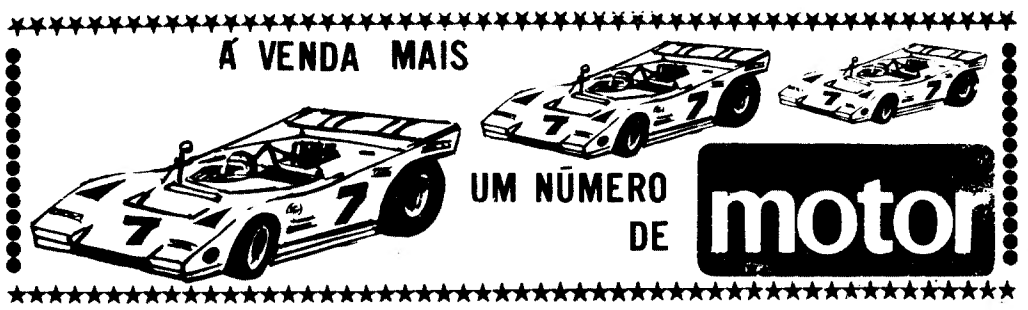
O rateio a que se procedeu conduziu à seguinte atribuição:

ACÇÕES SUBSCRITAS			ACÇÕES ATRIBUÍDAS
1	a	5	1
6	a	14	2
15	a	26	3
27	a	51	4
52	a	75	5
76	a	100	6
101	a	125	7
126	a	160	8
161	a	175	9
176	a	200	10
201	a	250	11
251	a	499	12
500	a	1 000	13
Mais de		1 000	14

As importâncias correspondentes às acções não atribuídas serão restituídas a partir de 15 do corrente **nos locais onde as subscrições tiveram lugar,** mediante a apresentação das cautelas em poder dos subscritores.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



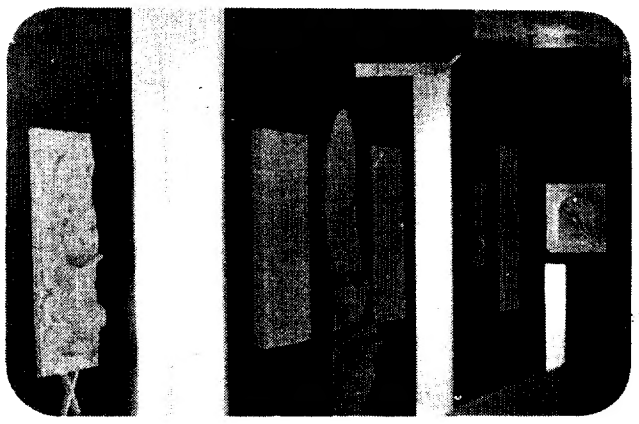
PALACETE

Em óptimo local de Lisboa, lindíssima decoração interior, amplas salas recepção, monta-cargas e elevador, garagem para 4 carros, instalações para pessoal, aquecimento central. Vende-se por 7.500 contos.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º
Telefs.: 32 31 72 - 36 74 44

SETÚBAL



A pedra tornou-se gesso

Um cruzeiro medieval descoberto numa capela das redondezas, estatuetas ornamentam jardins, ruas e fontes, brasões e simples inscrições encontradas em pedras seculares podem agora defrontar a eternidade, em reconstituíções brancas e perfeitas que se conservam no museu de Setúbal.

É claro que uma cópia não pode substituir, em valor, o próprio original; mas para quê roubar aos seus devidos lugares, de frequência pública e espontânea, obras de arte de função religiosa, ornamental ou documental, para as guardar em salas escuras de ,useu?

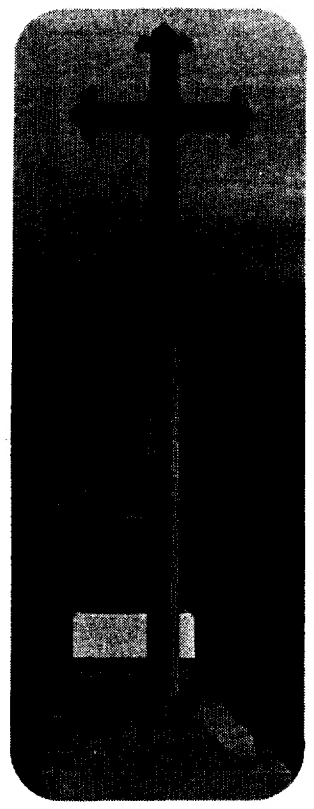
Assim pensou, há um par de anos, o director do próprio museu de Setúbal. E ao dar-se conta de que o tempo começava a não perdoar a velhice das obras, tratou da sua reconstituição em gesso. Foi ali mesmo, ao lado das pinturas **primitivas** do século XVI e dos azulejos raríssimos, que se montou a oficina. E, mãos de funcionários até então habituadas a mexer em papéis ou em vassouras, começaram a trabalhar carinhosamente o gesso, fazendo nascer da massa incaracterística formas de leões de boca aberta, anjos de olhos parados, santos semi-desgastos, cabeças de reis com o nariz partido.

Se algum monumento de interesse artístico e/ou histórico da região de Setúbal **escapou** à primeira fase de reconstituição, ainda está a tempo de merecer as atenções da equipa trabalhadora constituída pelos funcionários do museu, desde o director até eo pequeno empregado.

Só que, nessa altura, a gipsoteca terá de estender-se a outra sala, dada a profusão de objectos que já existem na actual, que ainda não está aberta ao público.

Tudo leva a crer que na próxima Primavera toda a gente interessada pela arte e pelo trabalho dos outros possa ver o que há de novo no museeu de Setúbal. Por agora, contentam-se com estas imagens e com a certeza de que, brevemente, o museu de Mafra perderá o **privilégio** de ser o único em Portugal que tem uma gipsoteca.

A bem da arte, do espírito de equipa e do amor a **estas pequenas coisas.**



Os próximos 7 dias

ASSEMBLEIA NACIONAL

Inicia-se amanhã o segundo período da 4.ª sessão legislativa da Assembleia Nacional que encerrou os seus trabalhos a 16 de Dezembro , para férias. A ordem do dia é constituída pelo início da discussão na generalidade das alterações do seu regimento.

CREDENCIAIS

Na próxima quarta-feira é recebido, pelo chefe do Estado, o embaixador da Coreia do Sul para a cerimónia de entrega de credênciais. O acto realiza-se, como é habitual, no Palácio Nacional de Belém, pelas 11 horas.

FESTIVAL DA CANÇÃO

Termina na quarta-feira o prazo de selecção de canções para o X Grande Prémio TV da Canção, a ser efectuada numa das dependências da R.T.P., no Lumiar, por um juri que deverá eleger 12 ou 10 cantigas que dia 26 de Fevereiro irão a despique no Teatro Maria Matos.

HUMOR

«O Humor no desenho francês contemporâneo» é o tema de uma conferência do sr. Claude Barousse, a efectuar-se na noite da próxima quarta-feira, no Liceu Charles Lepierre, patrocinada pelo Instituto Francês de Lisboa.

em 3 linhas

Foi definida oficialmente, a equiparação das habilitações á aprovação no ciclo preparatório do ensino secundário, para efeito de sequência de estudos, de provimento em cargos públicos, ou exercício profissional e fins militares.

///

Foram nomeadas inspectores do ciclo preparatório do ensino secundário as dr.as D. Maria José Marques Rosa e D. Maria dos Prazeres Machado Serapicos.

///

Foram contratados para exercerem as funções de professores, além do quadro dos cursos especiais do Conservatório Nacional os srs. Luís Filipe Catita Pires e Marcos Romão dos Reis Junior e a sr.ª D. Maria Leonor Teixeira Polido de Almeida.

///

O dr. Raimundo Oliveira Vicente foi nomeado por dois anos, professor catedrático do 2.º Grupo (Matemática Aplicada) da 1.ª Secção da Faculdade de Ciências de Lisboa.

///

Foi autorizada pela Direcção-Geral dos Serviços Centrais do Ministério dos Negócios Estrangeiros a prestação de serviço fora das horas de expediente do pessoal menor do Ministério e a respectiva remuneração.

A SEMANA

● INCÊNDIO NA BAIXA

Quase seis mil contos de material de fotografia, cobertos pelo seguro, arderam num incêndio que devastou, na quarta-feira, as instalações da firma J. Alvarez Ld.ª, num terceiro andar na Rua do Ouro. O incidente, que alvoroçou muitos transeuntes e moradores no local, deveu-se a um curto-circuito e foi prontamente debelado por duas companhias dos B.S.B. e dos Voluntários de Lisboa. Ficou ligeiramente ferido, tendo recebido tratamento no Hospital de S. José, um bombeiro sapador.

Apagado o fogo, os bombeiros tentam salvar o que não foi totalmente destruído

● CONFERÊNCIA E PRÉMIOS

Jean Rousselot veio conferênciar ao Grémio Literario sobre os principais prémios literários concedidos em França durante o ano que findou. Presidente da Société des Gents de Lettres de France e presidente honorário do Sindicato dos Escritores Profissionais, foi apresentado à assembleia dos ouvintes pelo dr. Luís Francisco Rebelo, director da Sociedade dos Escritores, depois de um jantar em honra do visitante. Prémios Goncourt, Fémina e Médicis, foram, entre outros, passados em revista pelo orador que falou, e leu passagens de obras premiadas; sempre seguido por uma interessada assistência.

● CONCURSO

Termina no sábado o prazo de recepção de trabalhos concorrentes aos prémios da Academia de Ciências referentes ao ano de 1972. São seis os prémios instituídos: «Ricardo Malheiros», no valor de 10 000 escudos; «Artur Malheiros», de igual monta; «António Larragoiti», de 12 contos; «Abílio Lopes do Rego», de 50 e 30 e «Laranjo Coelho», de 20.

Uma fábrica em plena cidade

Os moradores do bairro queixam-se que ao afastaram-se de outros bairros as indústrias que lhes poluíam o ar, já de si contaminado pela intensidade do tráfego, se deixou esta fábrica de adubos químicos quase no coração de Alcântara, com todos os inconvenientes que as suas longas (e poluidoras) chaminés acarretam.

A carroça empanada

A antiguidade é do presente. Também no que respeita aos transportes. A par da modernidade que um metropolitano aparenta, ou que os problemas do tráfego «evocam», subsistem ainda os mais arcaicos meios de transporte nesta cidade capital. Factor anacrónico dos «problemas do trânsito» a carroça agoniza mas ainda não morreu. E ainda tem adeptos para a sua lenta eficiência, quantas vezes sob o protesto de motoristas apressados. Uma eficiência que também, naturalmente, encontra as suas adversidades, próprias do seu arcaísmo. Eis o que as fotos retratam: uma carroça empanou e o nosso camarada Rui Pacheco fixou a situação, quase pitoresca, dessa avaria artesanal que não pede garagem, nem mecânico especializado. Sinal dos tempos, talvez. Tempo de nabiças transportada em carroças e de gente mal transportada de metro, autocarro, taxi ou carro eléctrico. Que também têm as suas avarias.

● HABITAÇÕES SOBRE OCUPADAS OU INSALUBRES

Os municípios, em colaboração com o Fundo de Fomento da Habitação, deverão executar planos urbanísticos de pormenor para a renovação de zonas habitacionais sobreocupadas ou insalubres, ou com fracas condições de solidez e de segurança contra incêndios. Entre os pontos principais do decreto-lei que institui esta actuação, destaca-se o realojamento dos ocupantes dos prédios a renovar, o estabelecimento de um direito de reocupação dos primitivos fogos depois de renovados e os reflexos nos contratos de arrendamento das obras de beneficiação. Caso seja necessária a desocupação dos prédios a melhorar, o despejo sumário deverá executar-se no prazo de 30 dias, mas os trabalhos «serão precedidos de realojamento dos ocupantes, sempre que a desocupação se revele indispensável à sua execução ou se mostre excedida a capacidade habitacional das edificações». Os núcleos habitacionais que terão de ser criados para neles se instalarem os moradores afectados pela desocupação do seu edifício, serão criados pelo Fundo de Fomento e Habitação e pelas câmaras municipais. Será aplicada uma multa de 10 mil escudos, acrescida do despejo sumário de ocupantes em excesso, a quem locar ou sublocar os

fogos de habitações de áreas sujeitas a operações de renovação.

Segundo o mesmo diploma, «os senhorios das edificações remodeladas, beneficiadas ou reconstruídas parcialmente (...) terão direito a um aumento de renda até ao limite correspondente a um juro de 8 por cento sobre a importância despendida». Em casos de construção ou reconstrução total, « o senhorio poderá exigir dos inquilinos beneficiados pelas obras a renda que for fixada por avaliação fiscal».

● SEM BASE IDEOLÓGICA

Prolongam-se até dia 20, em Lisboa, Aveiro, Porto e Coimbra, as jornadas sobre «Contratação Colectiva de Trabalho», iniciativa da União Católica dos Industriais e Dirigentes de Trabalho. «(...) na contratação colectiva converge os maiores e mais díspares interesses. De facto, os grupos em presença têm necessàriamente ópticas diversas para apreciarem a realidade económica, social e política», afirma-se num documento sobre as jornadas, publicado pela (UCIDT) para quem «futuro e crescimento, numa relação dinâmica a que vem acrescer a carga de todo um leque de opções de carácter não meramente económico, mas também, culturais, sociais e políticas» fornecem o contexto «que permite o decalque da contratação colectiva na realidade sociológica». Para os membros da (UCIDT), «o seu trabalho não tem base ideológica, antes arranca de uma vivência de princípios cristãos que a alinham no sentido da justiça e da paz, da coragem e clareza de posições que importa assumir».

● A VINDA DO PRÍNCIPE

O duque de Edimburgo, marido da rainha Isabel II de Inglaterra visitará Portugal de 5 a 8 de Junho, por ocasião das comemorações do sexto centenário da aliança luso-britânica. Várias cerimónias comemorativas do pacto foram decididas aquando da visita oficial do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, a Londres. No nosso País, assistiremos à apresentação, no Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera «Turn of the Screw» pelo Scotish Opera Grup, às acrobacias de uma esquadrilha da RAF, às comemorações da batalha do Bussaco e poderemos apreciar uma exposição documental sobre a história dos dois países.

● MÃO NOS PREÇOS

O público, e em especial, as donas de casa, vai passar a ter à sua disposição um elemento importante de informação dos preços máximos permitidos em artigos de consumo doméstico. Trata-se de uma pequena publicação intitulada «Preços máximos de venda ao público», editada pela Secretaria de Estado do Comércio para distribuição em todas as localidades do continente.

São aí mencionados os custos de artigos de primeira necessidade ou de corrente uso caseiro; são ainda contemplados os preços de serviços — é o caso do preço de lavagens. Esta medida teve um antecedente idêntico mas de menor alccance com a publicação de 60 mil folhetos semelhantes por altura do Natal, quadra que, normalmente, é aproveitada para subidas de preços.

ECONOMIA

COMO INFORMAR? QUANDO INFORMAR? QUEM INFORMAR? PARA QUE INFORMAR?

A informação económica, ou a informação sobre a «economia», está permanentemente nas nossas preocupações. É quase uma ideia fixa. Que fazer, como fazer, de que maneira «agarrar» informação e transformar em informação?

O que é certo é que, de vez em quando, descobrimos como não deveria ter sido feita, ou encontramos — qual achado — um exemplo conseguido.

Foi distribuido, durante a semana que passou, mais um «Boletim do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho», boletim que tem o título de «Planeamento e Integração Económica» e a numeração XXXI/XXXIII. Pois este número (em romanos) traz a data de Abril-Outubro de 1971...

No sumário encontramos matéria que interessa, e que nos leva a considerar a publicação estimável. Mas só assim podemos apreciar a matéria-informação que não tem a ver com a data da publicação.

Embora a legislação anotada em fichas, ultrapasse a data do boletim e vá até Dezembro de 1971, que interesse poderá ter para quem jap vive em 1973 e, decerto, já viu, já fez, já perdeu fichas «desse tempo»?

Mas o pior é pegar-se na «informação» sobre o «programa dos trabalhos preparatórios do IV Plano de Fomento», comecar-se a ler, com grande interesse e boa-vontade, e apanhar logo com um período, ainda primeiro parágrafo, que escreve: «O presente programa refere-se, precisamente, a essa preparação, ao longo do paríodo **de mais de dois anos de que se dispõe até ao início da execução do próximo plano, em 1974»**. Isto dado a ler já uns dias dentro de 1973, e quando o jornal nos diz que «o relatório geral preparatório do IV Plano de Fomento foi ontem apreciado pelo Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos» (DL de 12 de Janeiro de... 1973).

NÚMEROS

OS DESTINOS DA EMIGRAÇÃO

Segundo números publicados num folheto sobre a, hoje finda, Semana Nacional das Migrações, de 151.197 emigrados em 1971, 15.822 escolheram a América do Norte (8.839 para os Estados Unidos e 6.983 para o Canadá), 16.997 a Alemanha e os restantes 10.822 a França.

Outros países absorvem, ainda que em menor escala, muita da mão-de-obra portuguesa. É o caso da Venezuela que nesse mesmo ano deu entrada a 3.500 portugueses, do Brasil com 1.200, da África do Sul, para onde emigraram 339 trabalhadores.

OS DISTRITOS DOS EMIGRADOS

A intensidade do movimento emigratório varia consoante a zona de nascimento do emigrante. Assim se pode verificar por uma brave amostragem baseada nos distritos do continente. O distrito de Braga apresenta, para o ano de 1971, e segundo o mesmo estudo, um nivel de 9.744 emigrados, sobretudo para a França e Alemanha; segue-se-lhe o distrito do Porto com 9.380 e o de Lisboa com 8.780; Leiria perdeu 7.695 habitantes e o distrito de Aveiro 7.586; logo a seguir está o de Vila Real com 7.172 e Viseu com 5.868. Os distritos de Aveiro e do Porto são os que maior número de emigrantes fornecem à América Latina. As ilhas adjacentes, na sua totalidade, representam 12.970 emigrados, na sua maioria para a América do Norte que absorve 9.448 deles. A Venezuela é também uma forte atracção: passaram as suas fronteiras 2.326 habitantes das ilhas.

OS TEMPORAIS NA MADEIRA

Foi concedido à Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, para a obra de reparação dos estragos causados pelos temporais de Janeiro de 1970 nas estradas nacionais da ilha da Madeira, 1.ª faze, o subsídio de 169 300$00; e para a 2.ª fase, outro de 1 125 000ç-00.

ESTRANGEIROS NATURALIZADOS

Foi concedida a nacionalidade portuguesa, por naturalização, à sr.ª D. Anais Cherlotte Bonnel Sampaio Marinho, natural de Paris e domiciliada em Paris, que passará a usar o nome de Ana Carla Bonell Sampio Marinho; ao sr. Gerd Kohaupt, natural de Loetzen (República Federal da Alemanha) e residente em Lisboa, que se chamará Gerardo Kohaupte à sr.ª D. Maria Antónia Lopez Rubio, espanhola moradora na vila de Mora e cujo nome será Maria Antónia Rúbio Lopes.

DUPLA NACIONALIDADE

Foi concedido o estatuto geral de igualidade de direitos e deveres com os nacionais portugueses, consoante a Convenção de Brasília, aos cidadãos brasileiros srs. Orivaldo Manoel do Nascimento e Severino Nunes de Oliveira e sr.ª D. Nadeja Goulenko.

ENG.º ABEL MÁRIO DE NORONHA OLIVEIRA E ANDRADE

INSPECTOR SUPERIOR DE «OB. PÚBLICAS»

Aposentado

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Evangelina Cardozo Teixeira e Andrade, dr. Mário Abel Teixeira de Noronha e Andrade sua Mulher e Filhos, Luis de Noronha Oliveira e Andrade sua Mulher e Filho «ausente» e Família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu querido Marido, Pai, Sogro, Avô, Irmão, Cunhado, Tio e Parente e que será celebrada missa do 7.º dia no dia 15, às 13 horas na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

P.N.A.M.

Agência Magno - Telefone 534167

GRANDIOSOS SALDOS

COMEÇAM 2.ª FEIRA

CARPETES desde 345$00, todas as larguras até 3 × 4 m — TAPETES, PASSADEIRAS, até 1 m de largura. TERYLENES, com larguras de 1,50 m a 3 m, desde 10$00 — CRETONES, CHINTZ, CETINETAS, suíços e ingleses. RETALHOS para sanefas e ALMOFADAS, desde 5$00. VELUDOS, ALGODÃO, ACRÍLICOS, ADAMASCADOS, desde 60$00. REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a preços incríveis

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º (c/ elevador)
(esquina da Rua da Prata)

MANUEL DA SILVA ABRIL JÚNIOR

Missa do 1.º aniversário

Sua família manda celebrar Missa amanhã, dia 15, às 19,30, na Igreja de Santa Isabel, pelo seu eterno descanso.

FÁBRICA DE MALHAS
(a 30 k do Porto)

Fábrica de grande projecção no mercado interno e externo, precisa de **COLABORADOR ENCAREGADO** para chefiar confecção interiores e exteriores.

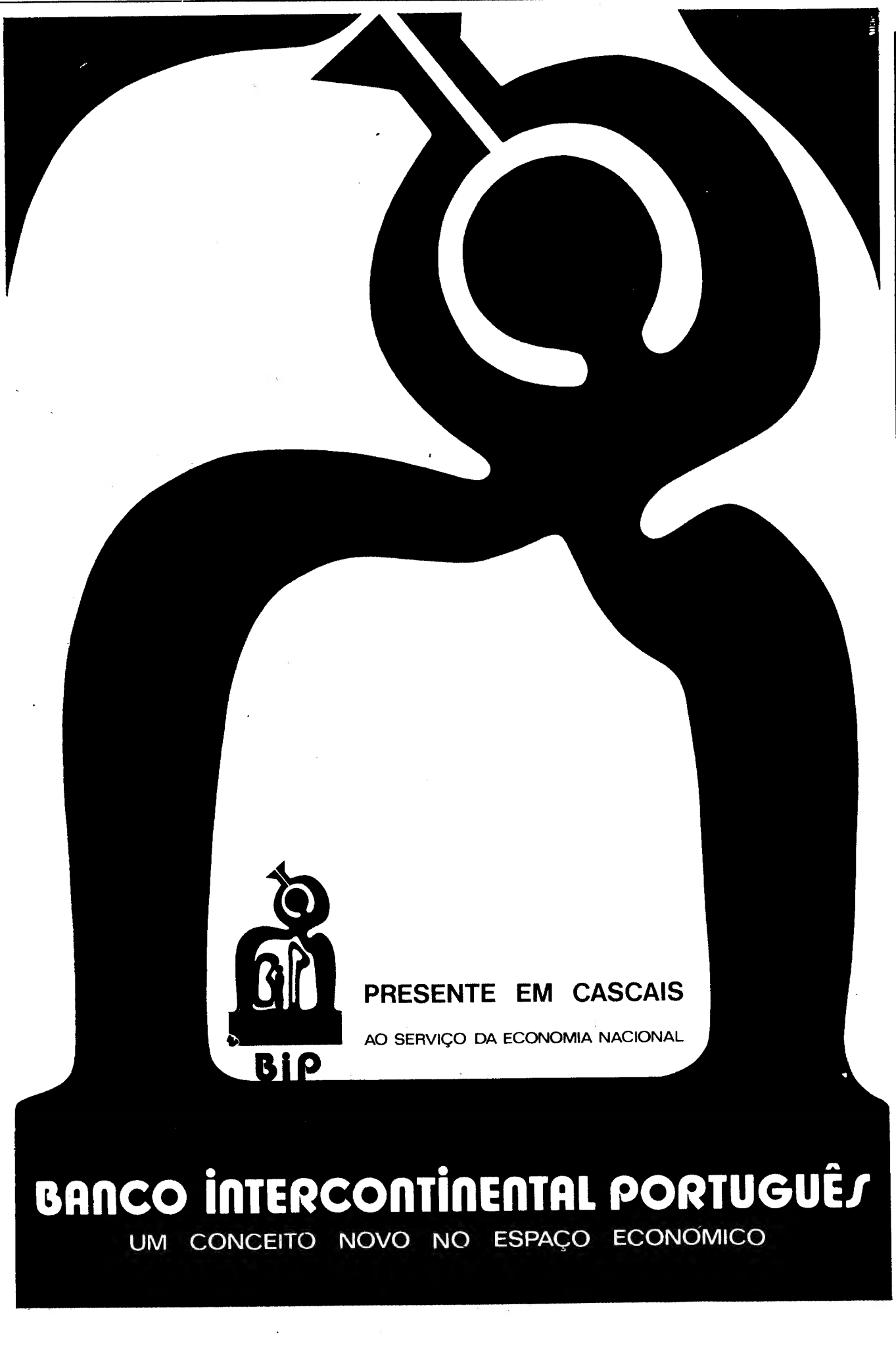
Resposta ao Rossio 21

ÚLCERAS
DO ESTÔMAGO E DO DUODENO
DE-NOL

Sem dieta — Sem alcalinos — Sem repouso obrigatório
Sem abandono da vida profissional

PEDIDO DE LITERATURA:
PESTANA & FERNANDES, LDA.
R. da Prata, 153-2.º, Lisboa—R. do Almada, 82-2.º F., Porto

O presidente da República Popular da China recebeu a sr.ª Nguyen Thi Binh, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Revolucionário Povisório do Vietname do Sul.



EXTERNATOS
São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74/5

ADM. À UNIVERSIDADE
Liceal — Preparatório — Comercial — Institutos

SALÃO DE MOBILIÁRIO DE COLÓNIA 1973

Partida de Lisboa por avião em 23/1/73
Regresso a Lisboa por avião em 29/1/73
Incluindo estadia em Hotel de 1.ª Classe
Preço a partir de Esc.: — 5.960$00
Peça informações pelo telefone 42185

INSCRIÇÕES LIMITADAS

RESERVE JÁ O SEU LUGAR NA

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88-C — LISBOA

AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA

Empresa ligada a grupo internacional, precisa para funções, técnico-comerciais, no ramo de material de soldadura. Solicita-se o envio de curriculum-vitae.

Resposta ao n.º 690 deste jornal.

ELECTRÓNICA INDUSTRIAL

ASSISTÊNCIA TÉCNICA:
SEMITRON ELECTRÓNICA
Telef. 677867 — Beco do Norte à Lapa, 18 — LISBOA

máquina de lavar roupa
Candy
a única com economizador

MÁRIO RODRIGUES

Produtos florestais: A procura domina a produção

As serranias de pinheiros queimados no grande incêndio do último verão, na região florestalizada do Vale do Vouga, começam a preparar-se para nova sementeira. Muitas explorações estão já limpas, os pinheiros calcinados — ou mortos — foram vendidos para as fábricas de celulose. Outros mantêm-se de pé. E alguma confusão continua a reinar, porque as soluções encontradas estão longe de ser perfeitas. É assunto, porém, a que em breve voltaremos.

E de fazer, contudo, um exame geral do problema. A comercialização da madeira — principal fonte de receitas de pequena lavoura em variadas regiões do país — mantém-se na ordem do dia. As fábricas de pasta de papel, principais — ou únicos — consumidores, fazem a sua política. Empresas que visam objectivamente o lucro funcionam como tal. A produção de matéria-prima, portanto «é a outra parte», o opositor. E a capacidade de união da industria é muito mais eficaz e produtiva. Os industriais criaram ràpidamente a «Madeiper», que ficou senhora do mercado. Os lavradores, aos milhares, estão entregues um bocado à sua sorte, sendo muito difícil — e ás vezes dificultado — o seu processo de criar estruturas defensivas. É deste jogo difícil, e da necessidade de ser incentivada e apoiada a exportação de madeiras, que nos fala o nosso colaborador Mário Rodrigues.

É preciso notar que nós hoje lutamos com maior empório capitalista, quanto a nós, existente em Portugal: o das madeiras. Todas as fábricas se associam para se auto-abastecerem e aos preços que entendem. Um empório: uma das fábricas (a da Leirosa) pertence a um grupo, a Billrud que é das coisas maiores no mundo da celulose; depois temos o Caima, onde está capital inglês, a Companhia Nacional de Celulose, onde está Avanca.»

— (Palavras do prof. Américo Urbano, Presidente da Cooperativa Florestal das Beiras).

ALGUMAS CONCLUSÕES SUMÁRIAS DA REUNIÃO DE ÁGUEDA

De reunião levada a efeito, em Valongo do Vouga, entre os representantes da «MADEIPER», autoridades locais ligadas à lavoura, presidente da Câmara de Agueda e a grande massa de camponeses atingidos naquuele concelho, podemos seguramente tirar, entre muitas outras, as seguintes conclusões:

1.º A «Madeiper» não veio propor às populações atingidas nada de essencialmente novo em relação ao seu comportamento habitual.

2.º A «Madeiper» deixou em aberto muitos gastos importantes para o produtor de matéria-prima florestal, e nada garante que elas venham a ser efectivamente «resolvidas» no melhor sentido dos interesses rurais.

3.º A má actuação « de emergência» obedece a um critério essencialmente económico e lucrativo — como não pode deixar de ser dentro dum sistema de economias de mercado — e não a intuitos concertados de atender prioritáriamente ao «drama humano» das populações afectadas.

4.º Não se verificou, por parte da grande maioria dos interessados, uma apresentação, e definição colectiva das suas aspirações — o que nós explicaremos pela ausência de uma associação (cooperativista, por exemplo) dos produtores florestais e pela falta de uma protecção eficaz dos seus interesses, que lhes garantiria um maior poder de «contratação».

5.º E de admitir, no entanto, que as coisas não se poderiam «solucionar de um modo diferente dentro dos actuais condicionalismos económicos e politicos, uma vez aue, do ponto de vista económico e abstraindo duma possivel intervenção do Estado, não poderemos esquecer que se está perante um monopólio e monopólio, industrial que tem, por isso grande liberdade de movimentos.»

Para demonstrar esta afirmação, basear-nos-emos em dados objectivos que, para além disso nos permitirão obter uma visão conjunta do problema da comercialização e industrialização florestais e das suas relações com o Estado e com a classe dos pequenos produtores de madeira.

ANTES E DEPOIS DA «MADEIPER» — A POLÍTICA DE PREÇOS

Muito antes do aparecimento da «Madeiper», já se criara um forte e massivo movimento para a constituição de uma Cooperativa Florestal que estendesse a sua acção aos distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu. **«A Cooperativa nasceu em virtude de ser baixo e injusto o preço da produção. Estávamos metidos, como disse o ministro Correia de Oliveira entre uma** oferta disseminada e uma procura concentradissima» (Palavras do presidente da «coplora», em entrevista concedida a um semanário local). Ora, por esta altura e devido à competição entre um reduzido número de empresas principais, a madeira ainda chegou a ser comprada a preço de 280$00 por ester, embora o preço frequente fosse um pouco inferior.

Mas a Indústria entendeu que devia pagar menos ao produtor de matérias-primas e, para não se guerrearem uns aos outros, pôs em prática a ideia de se associarem as principais empresas de celulose e estabelecerem um preço comum e mais baixo.

Assim nasceu a «Madeiper», em Março de 1970. Logo em seguida, impôs uma baixa de 50$00 por estere em relação ao que se pagava. O Governo, ainda não aprovou os estatutos da Cooperativa Florestal das Beiras, não pôs qualquer obstáculo à formação daquele grupo monopolizador «...face ao pedido feito ao governo para intervenção nesta dissidio (entre os interesses agro-florestais) este recomendou a negociação entre a «MADEIPER» e a Corporação da Lavoura. Essa negociação, impossibilitada pela determinação da «MADEIPER» de não subir o preço por ela estabelecido, apesar de a Corporação baixar o nivel da sua reivindicação dos 2808000 iniciais para 265800, dá origem à arbitrariedade estatal. E, numa sequência lógica, a Secretaria de Estado do Comércio fixou o dito preço em 252$50, considerando que a indústria não pode suportar qualquer agravamento superior a este.» (V. «Corporativismo e monopólioss», na Seara Nova de Setembro de 1970) Os preços actuais da compra de madeira cifram-se, pois, em:

252$50 por estere de eucalipto

200$00 por estere de pinho.

Se dantes era «baixo e injusto» agora muito mais o será tendo em conta os constantes aumentos do custo de mão de obra, de transporte e o próprio aumento do custo de vida. Não nos esqueçamos, entretanto, que passado pouco tempo, Corporação da Lavoura conseguiu fazer um contrato de exportação de madeiras com firma italiana, vendendo a esta o estere do mesmo eucalipto a 293$00 no cais de embarque, sem contar com as despesas de transporte da firma importadora... (**«Uma grande parte dessa madeira ainda há pouco estava por pagar à lavoura. Um dos Grémios que ficou entalado com dinheiro foi o de** ÁGUEDA» — afirmou o prof. Américo Urbano, presidente da COFLORA, em Fevereiro de 1972):

A PROTECÇÃO DA LAVOURA; AS COOPERATIVAS E O ESTADO

É evidente que, perante uma tal situação de mercado, se torna cada vez mais necessário quebrar o isolamento do pequeno produtor florestal. Como dizia um outro membro da direcção da Cooperativa Florestal das Beiras, sr. Vitor Hugo e M. Miragaia, no «Diário de Lisboa» de 9/7/71:

«E perante uma industria concentrada, unida e com sólidas bases financeiras, aparece uma oferta dispersa, desunida, sem estruturas nem apoios materiais. Em tal conjuntura não era difícil prever, para onde cairia o fiel da balança, ou seja o domínio do mercado dos preços.

«Por outro lado, as despesas de cultura qué são muitas e onerosas (com a compra e preparação dos terrenos, plantações repetidas devido aos flagelos dos fogos e geadas, fertilizações, operações culturais, com limpezas de matos, aberturas de caminhos e aceiros, etc.) tudo agravado com a falta de mão de obra, motivada pela fuga dos trabalhadores mais válidos para outras paragens, arrastaram os proprietários para cortes prematuros, com reduzida rentabilidade e sem poder discutir os preços que lhes impunham.

«É aquilo que anunciavam desinteressadamente como panaceia infalível para a solução dos problemas da agricultura, transformou-se em fonte de trabalho e despesas dilatadas, com dispendiosas operações culturais e repetidos repovoamentos das clareiras deixadas pelos fogos no Verão e pelas geadas no Inverno, tudo isto para ao fim e ao cabo, ouvir anunciar ao vizinho — negociante — de madeiras que os preços não podem subir porque... as fábricas estão cheias de rolaria, a mão de obra é cara e escasseia, os encargos são pesados, etc.

«E como ao agricultor não fica tempo nem ciência para confrontar os lucros das grandes indústrias e dos intermediários com ou sem monopólios, nem a cotação que alcançam as respectivas acções na bolsa quando aparecem ou a sua valorização nos balanços dos bancos que as guardam ciosamente, quase tem de agradecer que façam o sacrifício de lhe comprar os eucaliptos e não resolvam laborar a menos de meio-gás acumulando ainda mais as reservas em estaleiro».

Daí a imperiosidade de uma iniciativa conjunta para resolver o problema por parte dos produtores de madeira e que se concretizaria no funcionamento de uma ampla cooperativa florestal. Ou seja.

«Numa economia acentuadamente capitalista quer-nos parecer que se impõe cada vez mais que os agricultores vão pensando em reuniro seu trabalho e capitais (sem esquecer que são muitos e variados milhares os produtores florestais entre Minho e Tejo) a fim de valorizar os seus produtos e entrar no jogo das forças económicas com trunfos iguais ou semelhantes aos sectores concorrentes. Haverá, com certeza, que vencer muitas escolhas. Não podem restar quaisquer ilusões a esse respeito. Mas, até lá, tal como as coisas se apresentam, continua a ser pertinente e fundamentada, com tendência para se agravar no futuro, a questão posta aqui «Plantar eucaliptos para quem?»

Qual tem sido a posição do Governo quanto à iniciativa de formar a «Cooperativa Florestal das Beiras (COFLORA)? Vejamos:

Os estatutos da Cooperativa foram submetidos a apreciação superior em fins de 1969. A sua legalização surgiu quando menos se esperava passados cerca de 2 anos, depois de muita gente «desenganada» e pouco disposta a retomar o movimento em força.

A «COFLORA» está, portanto, legalizada. Tem o seu «quadro» jurídico, mas neste momento faltam-lhe a iniciativa da sua Direcção, o interesse dos associados é, principalmente... dinheiro. Por isso, foi dirigido ao Governo um pedido de ssubsídio, ao abrigo duma lei que concede empréstimos às cooperativas. («aqui já a Direcção não teve a coragem de ir pedir mais dinheiro aos associados que, entretanto deixavam de ter confiança. Não era na Direcção, era no movimento. E, assim, recorremos ao Governo, ao abrigo de certa lei que concede empréstimo ás cooperativas» — afirmou o seu actual presidente).

Ainda como ponto final neste problema de relações entre o Estado e as empresas de CELULOSE. O gabinete do secretário de Estado do Tesouro divulgou há tempos, através da S.E.I.T., a seguinte nota.

« A fim de se assegurar a criação e desenvolvimento da Companhia Portuguesa de Celulose, SARL., o Estado entre outros incentivos, prestou-lhes, no momento oportuno, o apoio financeiro julgado indispensável, nomeadamente através da subscrição de parte do respectttivo capital social. De então para cá, e já lá vão decorridas mais de duas dezenas de anos a empresa pode firmar-se em bases sólidas, pelo que se reconhece já não ser hoje necessária a manutenção de apoio que o Estado inicialmente lhe concedeu.

Em consequência a tendo presente o interesse que o público vem manifestando pela aquisição de títulos, conforme bem documenta o movimento da Bolsa de Valores e o resultado dos ultimos aumentoos de capital de sociedades anónimas, propõe-se o Estado proceder à venda integral de lote de 36.000 acções nominativas da Companhia Portuguesa de Celulose,, SARL. que actualmente tem em carteira, em condições que vão ser objectivo de anuncio especial. Esta venda de titulos por parte do Estado segue-se às que recentemente foram efectuadas, com referência a acções do Banco de Angola e obrigações convertiveis da Companhia Portuguesa de Electricidade, e visam alargar a oferta de títulos no mercado, no intuito de proporcionar a camadas mais amplas da populacão o acesso à propriedade mobiliária.»

AUSÊNCIA DE UMA POLÍTICA DE EXPORTAÇÃO

Por que não existe uma política, governamentalmente dirigida, de exportação de matéria lenhosa na medida correspondente à venda do produto industrializado (pasta de papel) nos países estrangeiros?

Não nos interessa para já descortinar as razões, o que não é tão difícil como pode parecer — importa, sim, frisar bem esse facto e as consequentes restrições económicas que recairão sobre o produtor florestal.

Um correspondente dum semanário de Agueda escreveu, há pouco tempo: «Segundo insistentes rumores, o consumo nacional de madeira, de eucalipto para celulose, estaria marccando passo, porque as empresas consumidoras, depois de opinarem ao Governo que não era necessário exportar, teriam assumido perante o país o compromisso de adquirirem toda a produção. Com verdade ou sem ela, o que é certo é que nunca mais se ouviu falar em exportações de eucaliptos!, o que nos leva a crer que satisfeito um contrato que se constava haver sido feito com a Itália, o mesmo cessaria com efeito.»

E no referido «D.L» de 9/7/71, pela mão de Vitor Miragaia, dizia-se: «... a situação tenderá a agravar-se para os produtores de eucaliptos (...) se não se franquearem as portas à exportação de matéria lenhosa, em termos correspondentes ao que acontece com o produto industrializado (pasta de papel), ou se não se criarem novas unidades industriais, nomeadamente com a participação activa e directa da própria lavoura, que não pode conformar-se eternamente com a função de fornecedora de trabalho e matéria-prima à indústria, sem a menor intervenção na transormação e comercialização dos produtos da terra. Nem tão-pouco, podem os agricultores remeter-se ao papel de meros espectadores da acção alheia, mesmo que seja ou pareça ser, dirigida em sentido convergente com os seus interesses, quer se trate de movimentos associativos ou quaisquer outros.»

No relatório duma grande empresa de celulose afirmava-se, não há muito, que havia falta de matéria-prima lenhosa e, de várrios sectores oficiais, apelava-se para uma florestação intensiva dos terrenos, principalmente os eucaliptos.

No entanto, a madeira acumula-se à porta das fábricas em longas bichas de camiões, apodrece nos pinhais e é rateada arbitràriamente pelas empresas. Que fazer? Para já, quem perde é a pequena lavoura.

EM SUMA

Ultimamente, as empresas de pasta de papel recusaram a entrada de pinheiros e continuam a receber, a ritmo lento, a madeira de eucalipto.

Na freguesia de Agadão disse-se, alto e bom som: **«A solução mais adequada não é a da «MADEIPER».** Dar tantos metros de eucaliptos a cada proprietário que adivinhou essa benesse, sendo um número reduzido a adivinhar ou cada industrial. Madeira de pinheiro não há ordem para a meter na táctica a não ser aos «senhores».

«Comparo esta cedência a um rebuçado ou a outra a guloseima que se dá a uma criança que chore revoltada. Cala-se por algum tempo. E entretanto as fábricas vão queimando e se a criança continuar mal disposta repete-se a dose»...Outras vezes, a madeira já está contratada e para dar entrada na fábrica é preciso que o seu proprietário corra para a empresa meia dúzia de vezes e **aguarde** serenamente a sua vez superiormente estabelecida...

Resumindo: — por um lado, imposição unilateral dos preços; por outro lado (ou: pelo mesmo lado), ausência de estruturas eficazes para a defesa dos produtores florestais.

Entretanto, foi distribuido o seguinte aviso da C.P.C.: «Aos Lavradores — A Companhia Portuguesa de Celulose, no intuito de fomentar a plantação de eucaliptos, põe à disposição da Lavoura, no corrente ano, 3 milhões de plantas «envasadas» oferecendo ainda aos interessados, sem quaisquer encargos, a assistência técnica necessária.

Todos os pedidos de fornecimento deverão ser feitos à Secção de Fomento Florestal da C.P.C.

REPORTAGEM

FACETAS POUCO CONHECIDAS DE LISBOA

No dia em que a senhora Lúcia adoeceu, o marido decidiu que era melhor chamar o médico. Para isso, era necessário ir à mercearia mais próxima, pedir para utilizar o telefone e dar minuciosas explicações: que viesse pela rua de Campolide, e ao chegar à mercearia perguntasse onde era o Casal dos Passos; depois, lá em cima, como a barraca não tem número, que se informasse onde é que morava a doente.

Mas... se o médico só pudesse vir de noite, quando a mercearia já estava fechada? Se não conseguisse transpor o morro com o carro, se as rodas se enterrassem na lama, se o senhor doutor se aborrecesse?

O marido desistiu e a senhora Lucia já está há mais de uma semana de cama, com uma gripe acompanhada de tosse muito do fundo e impossibilitada de receber assistência, porque mora numa «ilha» de difícil acesso...

Estas crianças gostariam de ter um espaço limpo e seguro para brincar

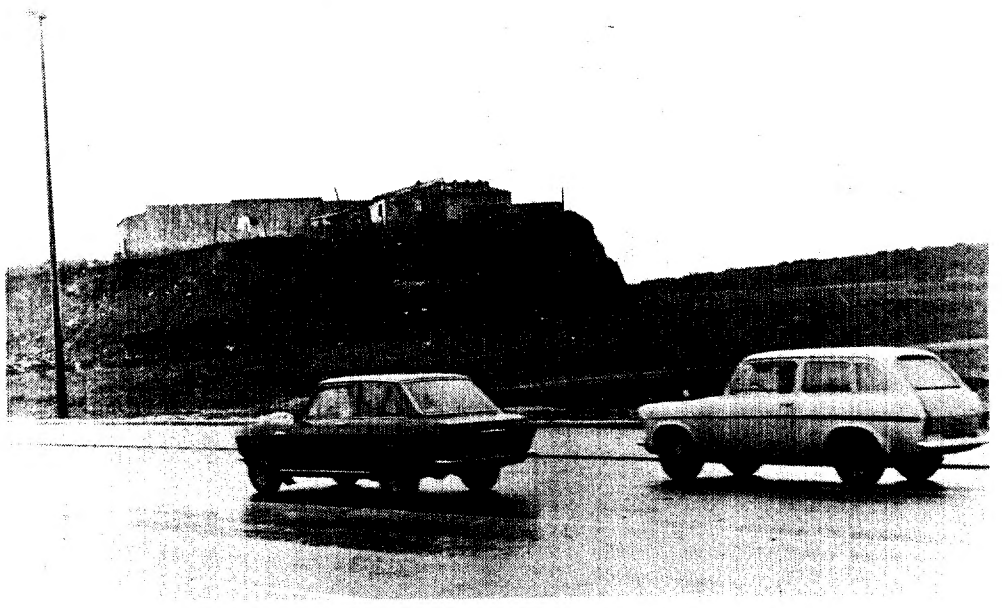
UM MAR DE LAMA

A «ilha» é um morro rodeado de terra escavada por todos os lados que, quando chove se transforma em lama. Lá de cima, avista-se um vasto panorama da cidade em crescimento urbanístico: a praça de Espanha com as artérias que vão dar a Sete Rios, Benfica e Carnide; a nova avenida José Malhoa, construída para dar acesso à auto-estrada; e, mesmo em frente, o terreno sulcado de máquinas onde vai nascer um hotel.

Também à volta do morro há escavadores preparando o terreno por onde continuarão as avenidas da Liberdade e António Augusto de Aguiar. Essas obras parecem estar, no entanto, interrompidas porque se lhes impõe a barreira de um amontoado de barracas onde habitam quatro famílias.

Conta-nos a mulher que se encontra doente:

— **Já começaram as obras aí há um ano e logo nessa altura prometeram que nos iam dar casa. Desde então, todos os meses cá vem um senhor da Polícia e a promessa mantém-se, mas ainda não nos disseram quando e para onde vamos. Estamos à espera e bem precisamos de sair daqui, pois as casas não têm condições nenhumas e ainda por cima com esta lamaceira...**



Muito boa gente gostaria de viver numa ilha. Mas os habitantes desta preferiam morar numa casa...

A VIDA NA «ILHA»

Não é invejável viver numa «ilha» como o Casal dos Passos. O isolamento, tão querido e quem tem meios para poder bastar-se, torna ainda mais difícil a vida desta gente, torna-a ainda mais **marginal**.

As dificuldades começam logo de manhã, quando é preciso descer o morro para o trabalho e os pés se enterram ou resvalam na lama. E, quer faça sol ou chova, há um sapateiro que tem de ir para a loja, um operário a quem as máquinas esperam, outro que não pode faltar ao trabalho na garagem, uma viúva que não passa sem o ganha-pão que angaria, as crianças que precisam de ir à escola. Só ficam no morro, os mais pequenos, chapinhando na lama, e a senhora Lúcia que tem um bébé e agora está doente vai para mais de uma semana e não vê probabilidades de melhoras, naquela habitação de pedra coberta de humidade, onde chove e entre o frio por todos os lados.

— **A gente já aqui está vai para seis anos e a princípio não pagava nada. Até que há dois anos cá vieram uns senhores da Câmara e nos obrigaram a pagar 50$00 por mês. A gente precisa de ir para uma casa, mas não pode pagar muito... O meu marido limpa carros numa garagem e ganha 75$00 por dia e ue não posso trabalhar porque tenho quatro filhos pequenos.**

Os outros agragados familiares não têm melhores condições, de outro modo, não estariam a viver ali. Quando começaram as obras, passado o primeiro receio de que lhes demolissem as barracas, sorriram à promessa de alojamento. Entretanto, o tempo foi passanso, as obras prosseguiram, a terra à volta foi sendo sucessivamente escavada e eles foram ficando cada vez mais isolados. Agora encontram-se numa «ilha» e não têm alegria nenhuma por ser assim.

Entretanto, do Gabinete Técnico de Habitação informam-nos de que o caso daquelas famílias é considerado entre os prioritários no plano de realojamento da população das barracas. Serão, de certeza, transferidas para um lugar que se aproxime tanto quanto possível das suas preferências. Para isso, ainda é preciso contactá-las, saber para onde querem ir. Quando serão realojadas em casas com um mínimo de condições, ainda não se sabe.

TÁXIS-AÉREOS

deslocação rápida
para quem o tempo representa
dinheiro ou vida !

MARCA TC1/73

De **dia** ou de **noite,** se a resolucão dos seus problemas de deslocação estiver dependente da distância ou do tempo para a percorrer, contacte imediatamente connosco, pois logo será posto um avião às suas ordens durante o tempo que desejar.

FRETAMENTOS servindo 28 localidades de Norte a Sul do País e ainda várias cidades da Europa Ocidental e Marrocos.

AVIÕES-AMBULÂNCIA

BASES em **LISBOA** e **FARO.**

Consulte o seu Agente de Viagens, os escritórios da TAP ou os TAC — Telefs.: em Lisboa, 716102/729181 em Faro, 23538.

TAC

TRANSPORTES AÉREOS CONTINENTAIS

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

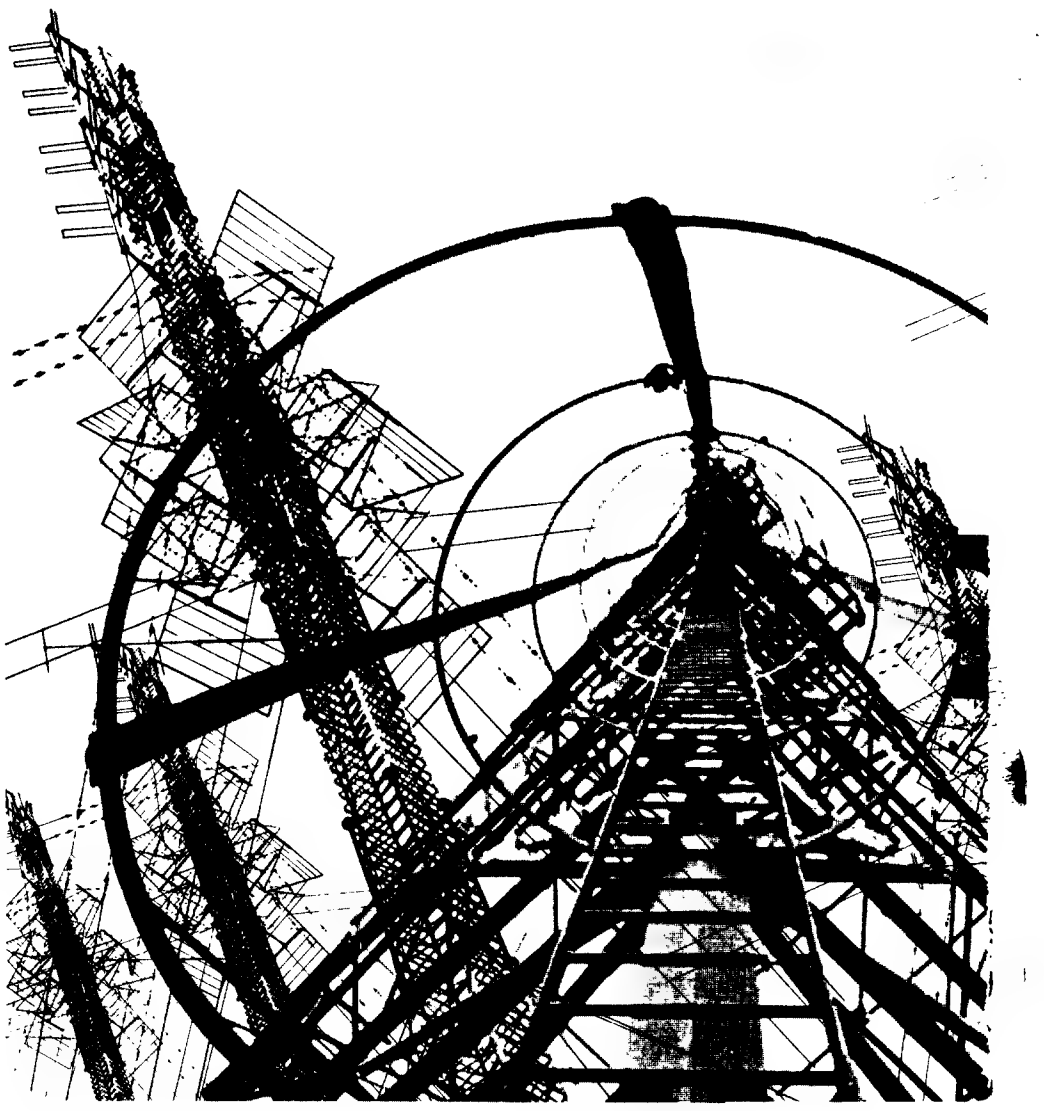
CHIANCA DE GARCIA

CARTA DO BRASIL

A televisão carioca em caricatura

Em Portugal, segundo creio, a televisão pertence ao Estado. Não acho errado, não, muito pelo contrário. No Brasil, porém, e isto à maneira norte-americana, deu-se-lhe carácter competitivo.

Dentro, é claro, do lema: Salve-se quem puder. Temos, pois, no Rio de Janeiro, por razões mais ou menos recônditas, vários canais cedidos a empresas particulares. Algumas já desapareceram. Actualmente só duas têm importância. Ambas estão nas mãos de organismos pertencentes a impérios jornalísticos e publicitários. Vivem, por sua própria natureza, daquilo a que chamei, aí em cima, espírito competitivo, que é a única maneira de conseguir anunciantes (patrocinadores, por ser mais bonito) pois são eles que fazem (parcialmente, de certo modo) funcionar essa máquina de fabricar loucos, como lhe chamou um humorista falecido anos atrás.



Para agravar a situação surgiu uma entidade chamada IBOPE que avalia, por sistema inquiritivo, o interesse da opinião pública, estabelecendo sobre os programas apresentados uma fórmula fatal: programa que não dá Ibope, é programa morto.

Concedeu-se, então, a hipótese de que há várias espécies de público: classe A, classe B, e classe C, sendo a primeira a dos abastados, que interessam às firmas e aos ricos se dirigem. No meio, a classe média, que interessa acima de tudo, à clientela dos supermercados. E para a classe C. guardou-se o que se julgava o rebotalho da programação bandalheiras, escândalo, polémica, chanchada, picaretagem.

Foi então que o Ibope revelou que esses eram, na verdade, os programas que mais agradavam às classes A e B.

Com esta agradável surpresa, a televisão perdeu a cabeça e transformou-se num permanente mafuá (creio que mafuá está nos dicionários, ou não?); digamos, então, um circo. Não um coliseu dos Recreios, bem emtendido, mas num daqueles decrépitos circos de lona que, por certo, ainda percorrem as nossas províncias com suas mulheres de barba e ursos dançando a rumba, e que há muitos anos deram motivo a uma peça de grande êxito, onde um pobre palhaço (interpretado por um grande actor), em cima de um palanque e entre quatro rapazes tocando tambor, gritava:- É entrar! É entrar! Quem quer ver a Inês de Castro por um pataco?

DESCULPEM...

Eu sei que me estou alongando. E também sei que roubo espaço a mim mesmo, restringindo picarescos exemplos nos muitos que ia contar-lhes agora sobre programas de têvê. Porém, esta explicação era necessária.

E tem mais. Ainda necessito dizer que o governo está coibindo, de olho alerta, os desmandos que estes mafuás têm provocado na têvê, e que levam o Brasil a consecutivas horas de banalidade, recortadas de constantes intervenções de publicidade comercial.

É pois dentro desta realidade que vou tentar reconstituir as tragicomédias da televisão carioca

1.ª HISTORINHA

Num programa onde dois júris — um de gente velha-guarda e outro de jovens — estão sendo julgadas músicas antigas. Acaba de ser interpretado o célebre Samba JURA! de Sinhô.

Logo se ergue uma jovem, aos gritos:- Isso é uma joça.

Um velha-guarda:- Mais respeito, menina, Sinhô foi um dos grandes criadores da música do povo. Jura, é uma página eterna!

A mocinha:- Eterna uma ova! Isso é lixo. Lixo só!

Outrovelha-guarda: — Eunão admito que a senhorita...

A mocinha:- Cala a boca, velho boboca!

. Todos os velhos:- Cretina! Imbecil!

. Todos os jovens:- Morte aos velhos e às musiquinhas analfabetas!

. A mocinha:- Vocês deviam era estar num asilo!

. Uma dama, que é da velha guarda:- Eu lhe parto a cara, menina desaforada!

. Então, jovens e velhos, descem das respectivas bancadas, e, entre palavrões, se atracam aos sopapos e tapas.

É quando o «animador», com lágrimas nos olhos, interrompe, fingindo-se envergonhado e contrito:

. — Corte! Por favor, os nossos comerciais...

E lá vêm cinco minutos de publicidade.

2.ª HISTORINHA

Agora, noutro estúdio.

Tinham sido convidados vários pais-de-santo e várias mães-de-santo para falar do mundo sobrenatural. Assistia-se, porém, a qualquer coisa desconcertante. Essa gente que comunica com o além não tem papo (papo é conversa) para falar diante do vazio das câmaras. E acresce que o espectador, em casa, preso aos problemas familiares, não se adapta ao ritual necessário. Ouve à toa. Está desligado à toa. Alheio a tudo à toa...

Então,, sentindo a monotonia, o apresentador, querendo pelo menos ser inteligente, faz de repente a seguinte pergunta ao pai-de-santo Francelino, meu conhecido de Jacarépaguá:

— Escuta, e como justifica você a destruição de Manágua, lá na Nicarágua?

Francelino, com sua voz mansa, sorri, e começou falando assim: «Essa catástrofe foi por certo uma coisa terrível. Sem dúvida, terrível. Mas, sabe, e isto é que é importante, foi obra da própria natureza, nossaa mãe. Foi este barro de que é feita a terra. Foram as convulsões deste mundo que habitamos que assim o determinaram por razões a nós ocultas. Repito, somos filhos da terra. Somos pedaços da Natureza. Ela manda em nós. Aconteceu um simples facto de transmigração. Mais nada.

3.ª HISTORINHA

Discorre, certo cientista, mostrando a antiguidade do mundo. Ir à Lua buscar pedrinhas . não resolve o segredo do universo. Fala na existência de civilizações mais adiantadas que a nossa, através do estudo das pirâmides astecas, manias e agipcias. E a certa altura afirma que algumas destas civilizações tão tècnicamente adiantadas poderiam ter origem extra-terrestre...

Lá dentro, o assunto assusta os magnatas da têvê:

. — Que diz ele? Mas dito não é assunto para classe A, nem oB, nem C. Tira do ar.

— E ponho o quê?

. — Sei lá.

Poucos segundos depois entrava no vídeo uma sequência dos mais famosos «goais» de Poté!

4.ª HISTORINHA

Vejamos agora uma novela (folhetim, como vocês dizem em Lisboa). Estamos no 375.º capítulo. Já sucederam milhares de coisas melodramáticas. O herói já foi um Conde de Monte Cristo (corte, para anúncio da colecção «Os Grandes Romancistas»). Agora, casado e com três filhos, apaixona-se pela filha do patrão, um fazendeiro nordestino. Assistimos a uma cena de amor entre o casal. (Corte para um anúncio de artigos de higiene feminina). Ela, tímida, a medo, confessa-lhe que vai ser mãe. (Corte para um anúncio de viagens de núpcias no Japão). Ele vai para casa. Encontra, de surpresa, a mulher que chegara do Rio com as criança s. (Corte para anúncio de produto farmacêutico controlador dos nervos). Briga. Sai de casa. Entra no bar. Esconde o rosto entre as mãos diante de um copo de cachaça. (Corte para anúncio de loja que vende armas de fogo, revólveres das melhores marcas do mundo).

MÚSICA
A VERDADEIRA FUNÇÃO DA TÊVÊ

Mas na verdade nada disto tem importância. Nem os «shows» nem as novelas, nem os musicais, nem os palhaços, nem o futebol, nem transmissões a cores do munddo inteiro. Sim. Nada disto tem importância. Nem arte, nem cultura. O que vale, o que enche os olhos das crianças, dos jovens, das mulheres, dos pais de família, das tias e das avós, é aquele mundão que é apresentado de dois em dois minutos, em textos, e excitantes imagens, que despeitam a insaciável paixão por novos carros, novas motos, novos electro-domésticos, gravadores de som aperfeiçoados, colchões mais científicos, tapetes mais macios, os regrigeradores mais avançados, os buggys mais envenenados, modernas bicicletas que são a última curtição dos jovens, ou apartamentos que viram casas, com jardim e piscina privativa, ou a tentação da bolsa de valores, ou a última novidade em perucas, ou móveis audaciosos, ou lanchas das mais velozes para fins de semana no mar, sei lá, milhões de coisas, que a têvê, sòzinha; impõe, põe em moda, empolgando o Rio e São Paulo, e todas essas sub-estações que por esse Brasil além, vão semeando o culto, cada vez mais intenso (como ficou provado agora com as festas do Natal) da verdadeira função da têvê, que é impelir a actual sociedade de consumo: a comprar, comprar, comprar!

MUDANDO DE ASSUNTO

Falei, domingos atrás, nas peças de Vicente Sanches em que sempre aparecem umas criadas broncas e convencionais. Lembram-se? Pois recebi ontem desse escritor que capricha na qualidade literária, um novo trabalho. Trata-se desta vez de Cegos e Escravos, onde felizmente as criadas já são mais contidas.

Li-o esta noite. Em outra oportunidade acusei o autor de ser strindberguiano, ageriza que nesta peça continua presente. Em traço grosso, é certo, criou uma Celeste que exala toda a perfídia de um velho bolero de Pedro Vargas.

Redime-se, porém, no último acto, quando a outra figura feminina se rebaixa até à humilhação ante um marido canalha e de mau carácter. Esse momento vale a peça.

O que domina, porém, «Cegos e Escravos», é um velho de oitenta anos que, sem roçar sequer por Moliér, atravessa os três actos, sinistro, entre a imbecilidade e o ridículo.

Numa das orelhas do volume, um crítico, por certo afamado, mostra-se satisfeito porque Vicente Sanches não cultiva o teatro do absurdo, porque, diz ele, o autor mete num chinelo as peças absurdas.

Mete num chinelo coisa nenhuma. O teatro do absurdo, no mundo vai indo bem, obrigada, enquanto o teatro de Vicente Sanches está preso, isso sim, às regras uso dizer desactualizadas e desabusadas do velho teatro realista em tempo, lugar e acção.

Meu Deus! Creio que estou sendo desagradável com um autor que admiro e respeito. Sei que Vicente Sanches tem talento, mas insisto em acreditar que ainda não encontrou fórmula própria e original para colocar uma tese, uma ideia, um problema, para além das contingências da aparência realística, quando nos quer provar até à saciedade que há cegos e há escravos. Uma coisa em tudo isto eu tenho contra mim. É que eu não topo esse negócio de cegos e de escravos. Eu gosto é de loucos.

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28 - ap. 908 - **COPACABANA G.B. BRASIL**

Sociedade Brasileira da Defesa da Tradição, Família e propriedade ou "Deus, Pãtria e Propriedade"

Referindo-se à «Carta do Brasil» publicada no nosso jornal no passado dia 7 de Janeiro, recebemos do nosso leitor, sr. Ennio José Toniolo, a carta que se segue:

. . . «Gostaria de fazer, como brasileiro e leitor deste jornal, algumas observações sintéticas sobre a «Carta do Brasil» publicada no «Diário de Lisboa» de ontem.

1) A organização que está fazendo uma campanha de esclarecimento sobre os «cursilhos da cristandade» chama-se Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, mais conhecida como TFP. Nada existe no Brasil com o nome de «Deus, Pátria, Propriedade», ou D. P. P. como figurou na citada «carta».

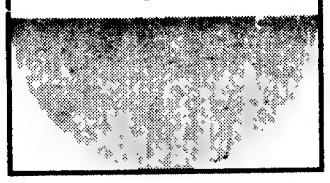
2) A afirmação de que a TFP é «um exército mercenário» não corresponde à verdade. Trata-se, isto sim, de um verdadeiro exército de cruzados, que dedicam suas horas livres à defesa da doutrina da Igreja Católica e dos fundamentos básicos da civilização ocidental: a família, a tradição e a propriedade privada.

3) É simplismo afirmar que a TFP tenha como «teologia» (no jornal saiu «teológica») a defesa dos bens terrenos. Ao sustentar a doutrina da Igreja, a TFP automáticamente defende o direito de propriedade particular, integrante dessa doutrina, explícito em dois mandamentos do Decálogo e constantemente reafirmada nas Encíclicas papais.

Grato pela oportunidade de esclarecer estes pontos aos senhores leitores portugueses, subscrevo-me com estima e consideração.»

Ennio José Toniolo

ARTES PLÁSTICAS



Roberto Burle Marx: a natureza na Gulbenkian

Quando os **flashes** explodiram iluminando o rosto das autoridades que o acompanhavam durante a inauguração da mostra retrospectiva da sua obra, na tarde da última sexta-feira, na Fundação Gulbenkian, o paisagista brasileiro Roberto Burle Marx parecia ter os 63 anos que na verdade tem: apresentava o ar cansado de quem cumpria uma obrigação social, depois de ter cumprido diversas outras. De facto, desde a sua chegada a Lisboa, no passado dia 9, a sua vida tem sido uma repetição de respostas às perguntas dos jornalistas, além de uma série de jantares mais ou menos protocolares.

Pouco depois, junto com os convidados, Burle Marx recuperava a sua jovialidade. E quando alguém lhe perguntou se já havia visitado os jardins de Lisboa e aproveitou a deixa para tecer comentários sobre os paralelos existentes na sua obra como pintor e na sua actividade de arquitecto paisagista, o artista ganhou um novo dinamismo e falou das suas descobertas:

— **Esta retrospectiva abrange quarenta e dois anos da minha vida profissional de pintor e «jardineiro». O que está exposto aqui é aquilo que eu considero o mais representativo das diversas fases da minha obra, tanto num sector como noutro.**

Por outras palavras, há em exposição 56 pinturas, 1 tapeçaria com 26 metros de extensão, 5 esculturas policromadas, 35 desenhos, 20 plantas de projectos, 15 desenhos de perspectivas de grandes parques e jardins, 1 painel em preto e branco, com 20 ampliações fotográficas de jardins e 10 painéis coloridos com detalhes de diversas realizações paisagísticas do pintor.

A GRANDE DESCOBERTA

— **Antes de tornar-me num «jardineiro», a pintura já era a minha grande vocação. A natureza, que nos meus primeiros quadros aparece morta, apenas como elemento de composição, eu a descobri, na sua forma viva, numa estufa. Isso aconteceu em Dahlem, na Alemanha, em 1929. Eu estava ali a estudar pintura e um dia fui ao jardim botânico. Lá encontrei uma série de plantas silvestres do Brasil. Eu não sei bem, talvez fosse por causa da distância, mas aquelas plantinhas revelaram-me possuir uma riqueza imensa em cores e formas, um mundo inteiro a descobrir. Desde então vivo com e para a natureza, numa sensação constante de novas descobertas. É maravilhoso.**

Quando Burle Marx voltou da Alemanha, em 1930, trazia consigo uma ideia fixa que logo transformou em realidade, na sua quinta do Leme, no Rio de Janeiro: a cultura de plantas tropicais. Ao mesmo tempo, matriculou-se na Escola Nacional de Belas Artes, onde foi aluno de Leo Putz, Celso António, Pedro Correia de Araújo e Candido Portinari. Dessa época são as suas primeiras pinturas, algumas da s quais estão na exposição da Fundação Gulbenkian, como a «Mulata com combinação de cetim», a «Natureza morta com jornal» e os «Dois Peixes em travessa de barro», datadas, todas elas, de 1932.

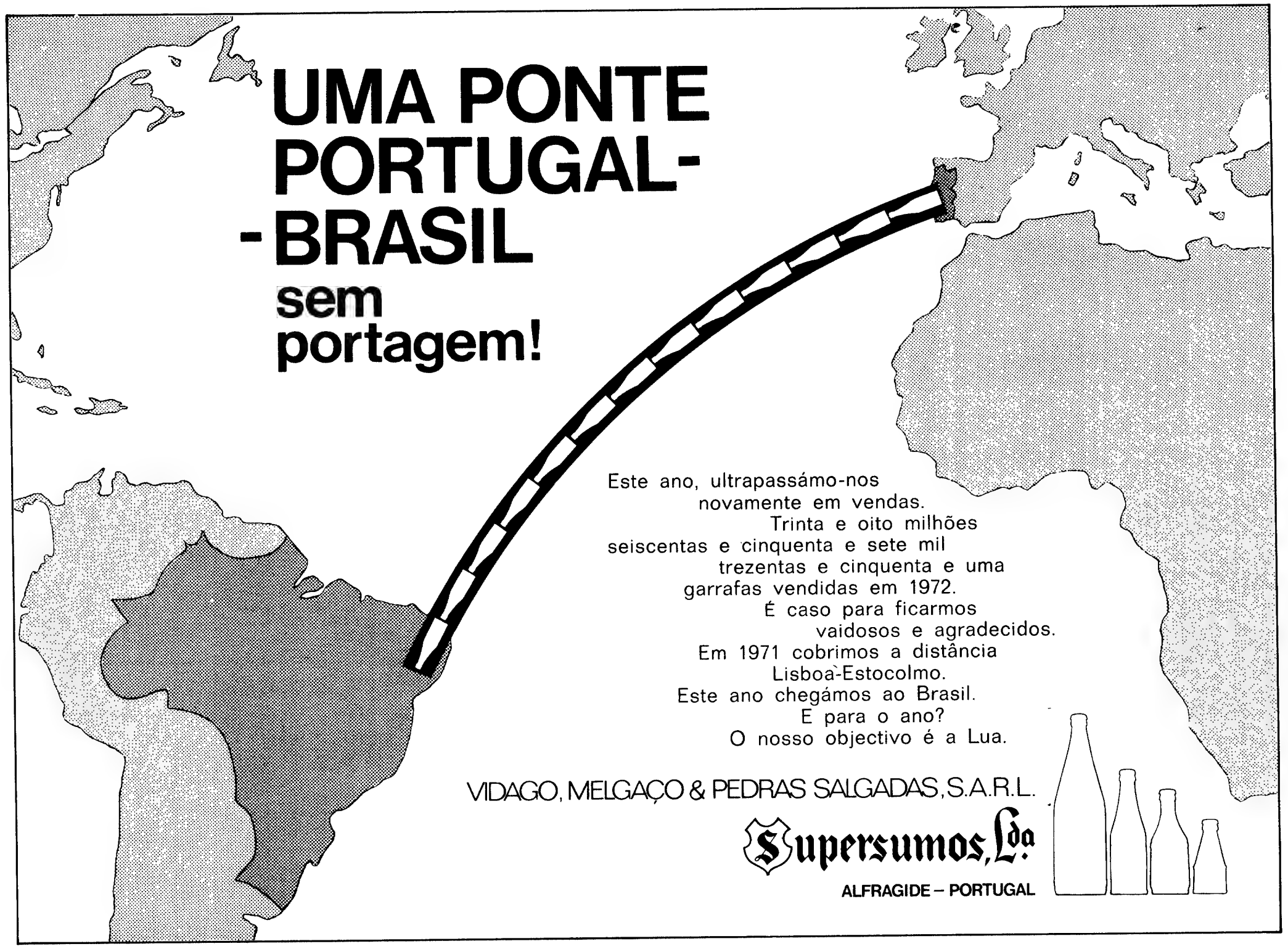
— **Eu acho, e as pessoas que se deram ao trabalho de escrever sobre mim também acham, que a descoberta realizada no Jardim Botânico de Dahlem foi fundamental na minha obra. Na verdade, desde aquela época até hoje vivo uma dualidade que tenho procurado conciliar ao longo dos anos: fazer a tela ou o jardim. Eu acho, ainda agora, que as duas actividades podem coexistir paralelamente, embora eu reconheça que a convivência com as plantas tenha influenciado em muito a minha obra como pintor. Mas isso não quer dizer que o pintor e o «jardineiro» sejam uma só coisa, pois os problemas da pintura e da arquitectura urbanística são diferentes entre si, exigindo, tanto um quadro, como um jardim, soluções próprias, em espaço e cor.**

Dois anos depois de voltar da Alemanha, Roberto Burle Marx executou o seu primeiro jardim, atendendo ao convite do arquitecto Lúcio Costa. Dois anos depois, foi nomeado como director de Parques e Jardins, no Recife, onde, além de reformar vários jardins públicos, projectou o primeiro jardim ecológico do Brasil. O seu regresso ao Rio data de 1938, quando se encarregou do projecto da Praça Salgado Filho, dos jardins do Ministério da Educação e Cultura e dos jardins-terraço da Associação Brasileira de Imprensa. Nesta mesma época recebeu um convite de Candido Portinari, de quem foi colaborador na feitura dos murais do Ministério da Educação. Três anos depois, recebe a sua primeira medalha de ouro e realiza a sua primeira exposição de pintura. A partir de então, sua biografia enche-se de medalhas, exposições e títulos honoríficos.

DEFENSOR DA NATUREZA

No catálogo da exposição patrocinada pela Embaixada do Brasil, o crítico Clarival do Prado Valladares chama a atenção, logo no primeiro parágrafo, para os traços humanísticos do carácter de Roberto Burle Marx, para a sua preocupação constante com os problemas da moderna ecologia, da qual é um dos principais defensores no mundo inteiro. Afirma o crítico que ele, nesse capítulo, tem sido um estudioso especializado, tanto como conhecedor de botânica, como pela sua autoridade de técnico de preservação do meio ambiente. Diz ele, a título de informação, que, se forem juntados os diversos e frequentes depoimentos de Burle Marx, contra o uso impróprio da natureza, poderia

Continua na pág. 16



7 DIAS

1 DOMINGO

Depois de ter apanhado directamente com o «não» de Gaulle à entrada do seu país no Mercado Comum, Edward Heath surgiu a defender as velhas teses do general. Coincidente com o antigo presidente francês e com Mao Tsetung, Heath defendeu o Mercado Comum como uma «terceira força» para equilibrar a influência das duas superpotências. Heath é capaz de tudo, na verdade, mas parece estranho que seja o dirigente conservador de um país cada vez mais dependente dos Estados Unidos que vem defender a independência da Europa Ocidental em relação ao gigante de além Atlântico. Que ele queira imprimir um alto grau de independência em relação à União Soviética é mais que compreensível. Não podia mesmo deixar de ser assim. Mas que autorize a invasão da Grã-Bretanha pelos capitais americanos em grande escalae, ao mesmo tempo, se proponha liderar um Mercado Comum — «terceira força é que não se compreende muito bem. Heath é, de facto, um homem virado para a Europa. Ninguém o duvida. Ele levou por diante a decisão de entrar para o Mercado Comum, apesar de isso lhe poder custar a reeleição. Pensará ele em iniciar uma política nacionalista, em relação aos Estados Unidos, e, para isso, procura o apoio dos grandes europeus? Se assim for, a estratégia tem todo o aspecto de ser uma utopia pois também nesses países a influência americana é de vulto. Basta referir, por exemplo, as estreitas relações entre Nixon e Pompidou e a decisão com que Willy Brandt defende a permanência de tropas americanas na Alemanha Ocidental, apesar de ser o campeão da détente. Ao defender que o Mercado Comum equilibre a influência dos supergrandes, não quererá Heath dizer que tudo deve ficar na mesma para o lado ocidental endurecer para o outro? Ou pensará ele na dissolução na NATO?

2 SEGUNDA

Ainda sob a influência da visão das ruínas fumegantes em Hanói e Haiphong, o conselheiro presidencial Hanry Kissinger e o norte-vietnamita Le Duc Tho voltaram a encontrar-se em Paris, numa vivenda dos arredores pertencente ao Partido Comunista Francês. O encontro foi frio, estritamente protocolar. Nada de sorrisos nem de desnecessários apertos de mão. É natural que assim seja pois, até mesmo os políticos mais frios têm sentimentos e emoções e não é agradável para ninguém ver a capital do seu país ser bombardeada dia e noite. Como de costume e sempre que Kissinger anda envolvido, nada transpirou do que se discutiu dentro daquela calma vivenda. Os observadores deitam-se a advinhar e apontam para novas exigências do regime saigonita como a causa da demora na conclusão de um acordo. Desta vez seria a questão mais velha que separa formalmente os pontos de vista do Norte e da GRP dos que se adoptam em Saigão: a de se saber se há dois Vietnames, nações independentes e totalmente soberanas, ou se, pelo contrário, existe apenas um Vietname, como ficou expresso em Genebra, e a separação tem apenas um carácter provisório. Em Saigão, evidentemente, faz-se toda a força para que seja adoptada a primeira hipótese. De Hanói e de algures na selva, onde se encontra o GRP, vem a defesa da segunda. E novamente se coloca a questão: tem Saigão suficiente autonomia para fazer exigências sem o acordo, pelo menos tácito de Washington? Esta insistência em atribuir a Saigão, directa ou veladamente, as culpas da continuação da guerra já começa a ser demais. Tanto assim, que depois de se deitar as culpas para Thieu, se vem dizer que é a intransigência de Hanói que impede um acordo e, por isso, se deitam bombas no Norte, quando tudo indicava que elas deviam ser deitadas no Sul.

3 TERÇA

O Governo rodesiano anunciou que encerrara a fronteira com a zâmbia. Trata-se de uma medida destinada a prejudicar as exportações e importações zambianas, em represálias contra a guarida que aquele país africano dá aos movimentos nacionalistas que combatem o regime branco rodesiano. Cautelosamente, Salisbury isentou do bloqueio as exportações do cobre da Zâmbia, o que se compreende com o conhecimento de que os fretes pagos por Lusaka pelo transporte, por combóio através da Rodésia para o porto da Beira, constituiu importante fonte de divisas para um país que, por seu lado, sofre também com um bloqueio mais ou menos executado. Surpreendentemente para os rodesianos, Kenneth Kaunda, o presidente zambiano, viria a ordenar a suspensão de todo o envio de cobre através da Rodésia, escolhendo como alternativas, aliás já largamente utilizadas, os portos do Lobito e de Dar-es-Salaam, na Tanzânia. É evidente que quem mais vai sofrer com a situação é a Zâmbia, contudo, a um prazo não muito largo, esta medida rodesiana pode vir a revelar-se como totalmente contraproducente. Na verdade, é mais do que natural que a actual situação leve zambianos e tanzanianos a acelerar a construção — ao que parece em estado avançado — da linha de caminho de ferro entre a «cintura do cobre» e a capital da Tanzânia. Os 300 mil chineses que, diz-se, lá trabalham irão trabalhar com redobrado ardor para terminar ràpidamente aquela via que, de um dia para o outro, pode transformar o quadro político daquela zona africana. Por um lado, as dependências da Zâmbia passam a ser exclusivamente em relação à Tanzânia, país cuja posição política face à África Austral não oferece dúvidas; por outro, o Malawi, com ligações ferroviárias à zambia pode sofrer um sobressalto.

4 QUARTA

Ferdinando Marcos, o presidente filipino, assinou um decreto um pouco insólito, além de extraordinàriamente violento. A partir daquela assinatura, os boateiros podem ser condenados a dois anos de cadeia. Se forem funcionários públicos serão também demitidos. A medida foi tomada dentro do quadro da lei marcial que vigora há meses no arquipélago. Esta medida vem recordar algumas noções básicas acerca da instituição do boato. Em primeiro lugar, diga-se que ele existe em todo o lado e a propósito de tudo. Porém, ele só se torna grave para as instituições que fazem do segredo o pão-nosso-de-cada-dia. Numa sociedade aberta, onde a comunicação entre os cidadãos se faz livremente, boato falso morre quase à nascença e o verdadeiro é confirmado sem delongas.

Quatro expressões do presidente Pompidou durante a conferência de Imprensa que decorreu no passado dia 9 no palácio do Eliseu.

Numa sociedade fechada, pelo contrário, o boato é mais do que isso. Ele chega a ser uma fonte de informação popular. Na ausência de comunicação, o «consta» e o «diz-se» assume a importância da notícia que não aparece. Nas sociedades fechadas, o boato alimenta a imaginação das pessoas, fornece energia para novas esperanças e dá a ilusão de participação a quem não tem outro meio de participar. Para acabar com o boato só há uma solução: abrir, deixar que os cidadãos comuniquem livremente entre si.

5 QUINTA

Pompidou chegou a Moscovo para mais um encontro ao mais alto nível com Leonid Brejnev. Esta reunião tem sido objecto de alguma controvérsia devido à proximidade das eleições em França. Contudo, não parece que haja grandes razões para que se pense ser a visita um trunfo importante nas mãos do presidente francês. Na verdade, um dos pontos que os conservadores gauleses mais têm agitado é o do perigo comunista. Ora o encontro de Pompidou com Brejnev só vem auxiliar aqueles que esse espantalho já é velho. Pois se até o chefe gaulista vai à União Soviética! Em Moscovo, os dois dirigentes debruçaram-se, sobretudo, sobre as questões europeias e os seus pontos de vista parecem ser coincidentes quanto à não dependência da conferência de segurança e cooperação (a realizar em Halsínquia provàvelmente em Junho) e as negociações que se iniciam agora em Genebra sobre a redução mútua e equilibrada das forças na Europa. Brejnev anunciou que o seu país estará presente o que pode ser interpretado como um gesto destinado a não comprometer a conferência de Halsínquia. Porém a posição soviética não parece ter-se alterado em relação à redução de tropas no nosso continente. Pompidou, de certo modo, é neste preciso ponto, um aliado importante para futuras negociações. A União Popular que se opõe ao presidente francês ainda o seria mais, evidentemente, pelo que também não se pode pensar que os comunistas franceses poderão ser levados a votar pelo grupo que está a fazer um entendimento com a URSS.

6 SEXTA

Três quartos da população activa italiana entraram em greve para protestar contra a política social do Governo de centro. Esta manifestação vem, mais uma vez, demonstrar o alto grau de politização e organização dos sindicatos italianos. Um ponto muito importante a notar é ainda o da unidade das três grandes centrais sindicais. Por outro lado, greves já quase políticas como esta, e envolvendo tanta gente e tantos sectores, evidenciam as dificuldades que o Governo italiano enfrenta para se manter perduràvelmente no poder, sem guinar cada vez mais para a direita. O processo que levará a uma estabilidade política democrática em Itália passa por uma grande instabilidade da qual resultará eventualmente a desagregação, em facções ideològicamente coesas, da Democracia Cristã. Só então se farão as alianças que permitem uma estabilidade política em que as conquistas da democracia sejam mantidas.

7 SÁBADO

A cadeia de televisão ABC (American Broadcasting Company) afirmou existirem «claros indícios» de que, na reunião de sexta-feira das conversações entre Kissinger e Le Duc Tho, fora removida a última das grandes divergências e que tanto os Estados Unidos como o Vietname do Norte estão prontos a assinar o acordo. Naturalmente, nenhuma das delegações fez qualquer comentário à notícia. A reunião de sexta-feira foi a mais longa da actual série e, no fim, Tho e Kissinger aparentavam cansaço. Talvez se venha a confirmar a ideia de que o acordo será assinado antes do dia 20, dia da inauguração do segundo mandanto de Nixon e data limite que o Congresso americano concedeu ao presidente.

A. V. C.

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL

UM ERRO DE POMPIDOU

A reunião da Internacional Socialista está a decorrer em Paris com a presença de alguns dirigentes de prestígio internacional e de enormes responsabilidades nos seus países. Essa presença é uma afronta ao presidente Pompidou que pessoalmente verberou a atitude daqueles que se dispuseram a ir à reunião, acusando-os de ingerência na política interna francesa, pois a estadia em Paris das grandes figuras dos Partidos Socialistas vinha beneficiar a imagem de François Mitterrand, um dos grandes opositores do presidente nas eleições do próximo dia 4 de Março.

A resposta às críticas pompidoulianas levam imediatamente os observadores a ser de opinião que o presidente cometeu um erro, contribuindo com a sua diatribe apenas para aumentar o prestígio de Mitterrand. Reconhecido o erro, resta enquadrá-lo, pois não se deve pensar que Georges Pompidou, o presidente dos franceses, não é capaz de ter o necessário descernimento para prever que um tiro como o que tentou na conferência de Imprensa lhe poderia sair pela culatra. Pompidou é inteligente e, em épocas normais, não cairia no logro óbvio de verberar atitudes já assumidas por homens que, evidentemente, não poderiam dar o dito por não dito.

Mas a época não é normal em França. A coligação de que Mitterrand faz parte ameaça o poder quase absoluto de que o partido gaullista de Pompidou tem desfrutado nos últimos 14 anos. Tratava-se de, por todos os meios ao seu alcance, combater a União Popular. Nesse lufa-lufa, cujo objectivo é diminuir o número de votos da esquerda unida, as armas não foram devidamente avaliadas. É um péssimo sintoma para aqueles que depositavam em Georges Pompidou as esperanças de que ele seria o «leader», o chefe, capaz de salvar a (UDR) da «débacie» em Março.

Na verdade, mesmo tendo em conta que a vitória da União Popular é bastante duvidosa, não oferece já dúvidas a quem quer que seja que os gaullista vão ser relegados para um plano a que não estão de forma alguma habituados. Não restam já dúvidas de que a actual maioria — gaullista e giscardinana — vai deixar de o ser. Para continuar no Poder terá, provàvelmente, de recorrer aos centristas de Jean Lecanuet e do radical de direita Jean-Jacques Srvan-Schreiber.

Porém, a culpa não lhe cabe a ele. As eleições parlamentares de 1968, depois da crise de Maio, deram injustificadas esperanças aos gaullistas, que viram nos resultados altamente favoráveis que os beneficiaram, uma garantia de permanência no Poder por um tempo indeterminado. Eles esqueciam que 1968 foi um ano especial e que os resultados das eleições foram muito mais determinados pela emoção do que pela razão.

Um ano depois De Gaulle perdia o seu referendo e retirava-se. Era já uma indicação. Nas eleições presidenciais, a esquerda apresentou-se dividida, mas, mesmo assim, Pompidou só ganhou na «ballotage». O último referendo — o da Europa — deu já imensas indicações a respeito das dificuldades que o regime atravessava, sendo as abstenções e os «nãos» em número muito superior ao dos «sins». O erro táctico de Pompidou é, pois, compreensível.

VILLAVERDE CABRAL

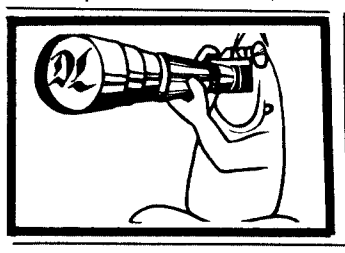
POLÍTICA

A NOVA EUROPA

MAIS PRÓXIMA DOS HOMENS?

A história gosta de datas. O dia 1 de Janeiro de 1973 ficará como a data da metamorfose da Comunidade Europeia. De seis, passa para nove membros. Esta mutação, porém, não será assinalada por qualquer solenidade. E com razão. Desde a assinatura dos tratados de adesão, no fim de Janeiro de 1972, os novos membros tinham já sido associados ao essencial dos trabalhos dos Seis. Na conferência «cimeira» do Outono, os candidatos não só tinham sido convidaos, como desempenharam também um papel sem reservas. Conseguiram mesmo — mas é preciso não ver nisso um presságio — fazer fracassar um dos acordos penosamente elaborados pelos Seis, em 1972, após numerosos anos de negociações, aquele que interessava à Europa dos pesos pesados.

Desde os primeiros tempos do Mercado Comum, cinco dos países membros tinham manifestado o desejo de permitir a entrada dos ingleses. Há cerca de dez anos que o General de Gaulle sabotou a primeira negociação para a entrada da Grã-Bretanha na Comunidade. Após este período probatório, os neófitos não terão demasiada dificuldade em iniciar-se nos ritos de Bruxelas. Não restam dúvidas de que uma comissão de Treze e um conselho de Nove tornarão mais difícil a gestão comunitária. Porém, não são estes problemas que suscitam, na hora em que o Mercado Comum se alarga, as mais sérias preocupações. Três aspectos dominarão, com efeito, o ano de 1973:



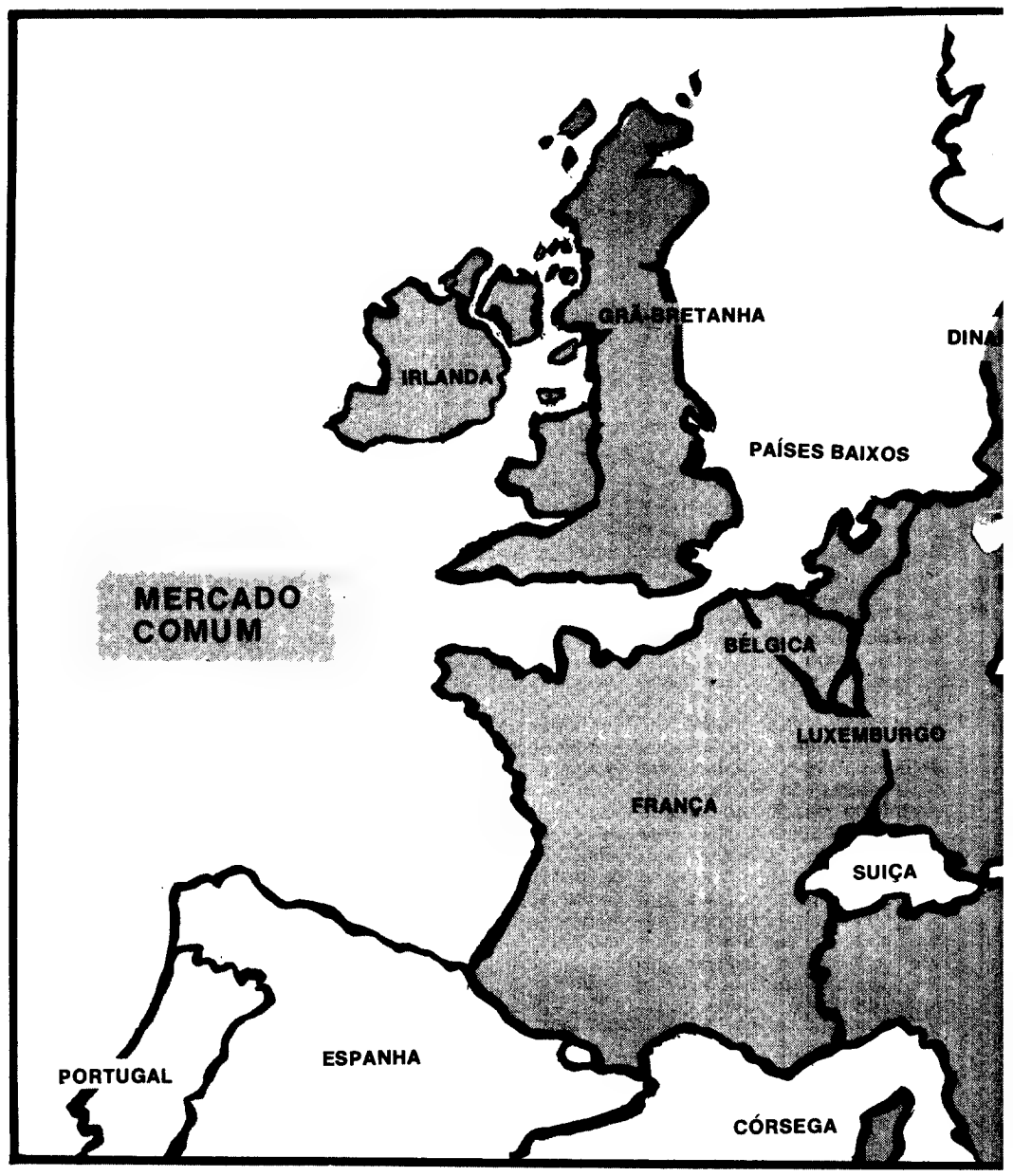
1) Conseguirá a Europa dominar a inflacção? O que existe de mais «comum» no mercado dos Nove, presentemente, é, com efeito, a subida dos preços. O acordo do Luxemburgo sobre a adopção de um plano europeu de luta contra a inflacção está cheio de boas intenções, mas o seu êxito dependerá essencialmente das medidas de correcção que os diferentes governos são ou forem levados a tomar. A este respeito, é ainda demasiadamente cedo para dizer se a chegada da Grã-Bretanha facilitará ou contrarirá o regresso ao equilíbrio. É certo que Heath não se mostrou indiferente com o seu congelamento de preços e salários. Mas os sindicatos dar-lhe-ão tempo para levar a experiência até ao fim? Em todo o caso, a libra continuará a flutuar durante tempo indeterminado, enquanto que, com a entrada dos ingleses no Mercado Comum, deveria ter regressado a uma paridade fixa.

2) Como se comportarão os recém-chegados — e alguns antigos — quando, pela força das coisas e da evolução em direcção à união económica e monetária, se chegar ao «núcleo duro» das soberanias nacionais. A Grã-Bretanha estará mais ou menos disposta do que a França a transferências de centros de decisão? O facto é que Londres pôs um cuidado particular na nomeação de personalidades fortes para a Comissão de Bruxelas, bem como de funcionários de primeira categoria. Toma muito a sério o seu papel nas instituições comunitárias na hora em que a França, atacada pelo prurido eleitoral, pensa em coisas muito difrentes e a Alemanha está mais atenta às suas relações com o Leste.

3) Os americanos não dissimularam a intenção de utilizar os «trunfos», em 1973, para reforçarem a sua prosperidade e obrigarem a Europa a receber uma maior quantidade dos seus produtos. É numa verdadeira redistribuição dos encargos dos dois lados do Atlântico que Washington pensa, graças ao que já se chama o **Nixon round**. Qaul será a atitude dos ingleses neste aspecto? O este será capital.

A Grã-Bretanha não chega só. A República da Irlanda e a Dinamarca acompanham-na, dado que a Noruega ficou no caminho. 25 por cento dos irlandeses ocuapm-se da agricultura, e atribui-se aos dinamarqueses a intenção de se baterem, emprimeiro lugar, pela qualidade da vida. Feliz contrapeso das potências que sonham apenas com eficiência industrial. Esta tendência bem patente na «cimeira»: uma outra Europa não é ùnicamente uma Europa maior mas uma Europa mais próxima dos homens que nela vivem.

Por PIERRE DROUIN



NASCEU A EUROPA DO

A Grã-Bretanha, a Dinamarca e a Rapública da Irlanda fazem oficialmente parte das Comunidades europeias (Mercado Comum, C.E.C.A. e Euratom) desde 1 de Janeiro de 1973, mas foi só em 6 de Janeiro que a nova Comissão de Bruxelas assumiu efectivamente as suas funções, sob a presidência de François-Xavier Ortoli. A imprensa britânica saudou o acontecimento, com uma certa ênfase, mas a última sondagem efectuada do outro lado da Mancha revela que os britânicos se dividem ainda quase igualmente em pró-europeus (38 por cento) e anti-europeus (39 por cento), enquanto que o resto dos cidadãos se mostra indiferente.

Numa entrevista publicada pelo «Times», o Chanceler Brandt referiu-se a duas «responsabilidades» — social e mundial — da Comunidade alargada: «Aqueles que, no passado, criticaram a Comunidade porque ela parecia estar a ser erigida numa «Europa dos negócios» podem agora, com base nesta nova orientação comum, fazer com que a Comunidade ofereça melhores oportunidades de vida e iguais para todos», declarou ele nomeadamente.

Para assumir, por outro lado,

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de Monitor nas seguintes especialidades:

— **AJUSTAGEM**
— **CANALIZAÇÕES**
— **CARPINTARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL**
— **CARPINTARIA DE MOLDES**
— **COFRAGENS E ARMADURAS**
— **COMPOSIÇÃO MECÂNICA**
— **ELECTRICIDADE AUTO**
— **ELECTRICIDADE B.T.**
— **ESCRITURÁRIOS-DACTILÓGRAFOS**
— **FRESAGEM**
— **MECÂNICA-AUTO**
— **PEDREIROS**
— **PINTURA METALÚRGICA E DE AUTOMÓVEIS**
— **REPARADOR DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS**
— **SERRALHARIA CIVIL**
— **SOLDADURA A ARGON**
— **SOLDADURA A ELECTRO-ARCO**
— **TORNEAMENTO**

EXIGE-SE

— **Bons conhecimentos profissionais**

OFERECE-SE

— **Carreira atraente**
— **Bom vencimento**
— **Regalias sociais**

Informa-se até ao próximo dia 20 de Janeiro nos Centros do Servico Nacional de Emprego localizados em: Abrantes, Aveiro, Barreiro, Beja, Braga, Bragança, Caldas da Rainha, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Évora, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Lisboa, Portalegre, Portimão, Porto, Santarém, São João da Madeira, Santo Tirso, Setúbal, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Vila Real, Vila Real de Santo António e Viseu.

PRIMEIRA LINHA DA NOVA EUROPA

A «PRIMEIRA LINHA» DA NOVA EUROPA. Constituem a Comissão Executiva do Mercado Comum alargado as seguintes individualidades: François-Xavier Ortoli (presidente, de nacionalidade francesa); Albert Borschette, (Luxemburgo), Ralph Dahrendort (Alemanha Federal), Jean François Deniau (França), Olaf Gundelbach (Finlândia), Wilhelm Haferkampf (Alemanha Federal), Patrick Hillery (República da Irlanda), Pierre Lardinois (Holanda), Carlo Scarascia Mugnozza (Itália), Henri Simonet (Bélgica), Christopher Soames (Reino Unido), Altiero Spinelli (Itália) e Georges Thomson (Reino Unido). (Telefoto UPI-Telimprensa- DL)

TUDO MUDOU E NADA MUDOU

LONDRES — Os ultimos lampiões do ultimo «réveillon» extinguiram-se. A aurora que nasce sobre as ilhas Britânicas não é apenas a de um novo ano. Tudo mudou e nada mudou. Tudo mudou porque começa uma verdadeira aventura, e, mesmo que acabasse mal, nem a Inglaterra nem o Mercado Comum reencontrariam o seu modo de ser anterior a 1 de Janeiro **de 1973.**

E nada mudou. Os efeitos da adesão da Grã-Bretanha á Comunidade Económica Europeia só se farão sentir muito lentamente. Por ora, no espírito da maioria dos súbsídios de Sua Majestade — facto esquecido com demasiada frequência do outro lado do English Channel — a Inglaterra não faz parte da Europa. A Europa são «os outros», os do «continente». A frase de Michelet muito citada por André Siegfried — «a Inglaterra é uma ilha» — continua a ser verdadeira. E serão aindaprecisos longos anos para que os britânicos tenham a impressão de pertencer á mesma identidade que os franceses, os alemães, os italianos...

Além disso, para o homem da rua, a Europa significa simplesmente, por ora, a vida ainda um pouco mais cara, «por causa desta maldita política agrícola comum que o nosso governo teve a fraqueza de aceitar». Nas massas populares prevalece um vivo sentimento de rancor — hábilmente explorado pelo partido trabalhista — pela «Freench diplomacy», suspeita de pelo menos tanta perfídia como a da Albion pelos franceses. É certo que Pompidou não é detestado como o fora o seu predecessor, porque para o britânico médio, que não se preocupa com as subtilezas da «abertura na continuidade do partido gaullista», o Chefe do Estado francês fez o contrário do que havia feito de Gaulle.

Chega mesmoa ser apreciado por «se mostrar terrivelmente francês». Mas nem por isso deixa de prevalecer a opinião de que ele impôs ao governo de Heath um «bilhete de entrada» exorbitante. Os conservadores tentam contrabalançar a propaganda trabalhista afirmando que aquilo que o Reino Unido perderá em matéria de política agrícola comum, recuperá-lo-á graças á política regional. Porém, hesitam em adiantar um único número relativamente a esta ultima e a oposição está em condições favoráveis para mostrar que, se as vantagens da adesão são incertas, os inconvenientes, esses, são já visíveis palpáveis. Deste modo e para temer que a partir de agora, «tudo o que corre mal neste país seja atribuido ao Mercado Comum. Que uma fábrica encerre e o desemprego aumente, e será por causa da desleal concorrência dos italianos e dos franceses. E se a City continuar a investir no Continente em vez de criar empregos no solo inglês, não será por causa do mau clima social britânico — «que não é pior do que noutros países» — mas sim por causa da «Europa dos trusts».

NÃO AO ESTADO ESTACIONÁRIO

Nos meios do «establishment», a atmosfera é evidentemente muito diferente. O crescimento eis o que se espera do Mercado Comum. Um crescimento rápido após tantos anos da estagnação. Os dirigentes britânicos estão fartos de serem a lanterna vermelha da Europa essa progressão do produto nacional bruto. Este estado estacionário, este quase «zero growth» preconizado por espíritos subtis profetizado há mais de um século por um dos mais prestigiosos economistas britânicos será abandonado. Querem receber os famosos dividendos da expansão convencidos de que, quanto maior for o bolo, mais fácil será partilhá-lo. É o «crescimento-panaceia».

E, para bem demonstrar que a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comumm será um «factor de crescimento», o governo não hesitou durante todo o ano passado, em injectar no circuito económico uma das mais fortes doses de moeda que teve de absorver desde a guerra. Nestas condições com efeito o primeiro ano europeu da Grã-Bretanha será um ano de acentuado crescimento (4 a 5 por cento em ritmo anual), e, mesmo que este fenómeno conjuntural nada tenha que ver com a adesão britânica á C. E. E. — serão precisos vários anos para modificar a tendência a longo prazo do crescimento económico da Grã-Bretanha que é de 3 por cento e não está de modo algum demonstrado que esta taxa possa ser substancialmente elevada — os conservadores poderão tirar partido disso perante a opinião pública.

A LIBRA EM APUROS

O crescimento por qualquer preço, será esta a formula que resume melhor o estado de espírito dos dirigentes britânicos? Estariamos tentadoa a dizê-lo. Uma coisa, em todo o caso, é certa: a expansão já não será sacrificada á libra esterlina, e a flutuação desta, seja o que for que se tenha dito do seu carácter circunstancial ou provisório, corresponde perfeitamente aos objectivos da nova política económica. E, aliás, notável que a flutuação da libra seja a única decisão do governo objecto de um acordo geral. Conservadores e trabalhistas patrões e sindicatos, todos a aprovaram mais ou menos abertamente, e todos aconselham o governo a prolongá-la o mais possível.

«Não estão muito aborrecidos em Paris, por entrarmos no Mercado Comum com uma libra flutuante?», pergunta-se com um ar que não podemos deixar de qualificar de trocista. Os historiadores deverão um dia dizer se Londres, neste ponto «possuiu» Paris ou se as duas capitais fingiram acreditar num rápido regresso da libra a uma paridade fixa.

«Mas não temeis, dado que já não estais decididos a defender a libra a todo o custo, e nos próximos meses, a vossa balança comercial vai ser sériamente deficitária, que a especulação faça descer a libra ainda mais? Não temeis arrastar outras moedas nesta queda e fazer malograr o acordo monetário de Dezembro de 1971, tão laboriosamente conseguido em Washington?

— Mas o acordo de Washington já fracassou!»

Resposta maravilhosa que nos foi dada por mais de uma pessoa e que mostra bem que o «anglocentrismo monetário» não morreu: se a libra não aguentou é porque o acordo de Washington não era o indicado. Convém recordar a este respeito que a libra esterlina é a única divisa do mundo cujo câmbio é expresso em dólares em relação a si própria (1 2,35$) e não o inverso como, por exemplo o franco francês (1$ 5 F) — recordação de um tempo aliás bastante longínquo em que o esterlino era, no centro do sistema monetário internacional a «moeda-sol».

A PARIDADE IMPOSSÍVEL DE ENCONTRAR

Mas, pelo menos não se poderia calcular desde já a boa paridade da libra? Efectivamente, o que sobressai mais do estado de espírito das autoridades monetárias britânicas é que esta paridade é «impossível de encontrar». O raciocínio é o seguinte: se fixarmos em 2,30-2,35 dólares por uma libra (1), seremos em breve atacados pela especulação; abaixo de 2,30, arrastaríamos outras moedas, e os nossos parceiros não no-lo permitiriam; nestas condições, não valerá mais a pena flutuar? E preciso compreender que, quanto mais cedo nos obrigarem a fixar a paridade, mais baixo seremos obrigados a fazê-lo. Porque sofremos actualmente com toda a intensidade os famosos «efeitos perversos» da desvalorização «de facto» da libra na nossa balança comercial (redução do valor unitário das exportações ainda não compensada por um aumento da sua qualidade, aumento do valor unitário das importações ainda não compensado por uma diminuição da sua qualidade). Quando tivermos restabelecido o equilíbrio da nossa balança então poderemos fixar a paridade da libra com toda a tranquilidade..

PHILIPPE SIMONNOT

O vertice de Paris visto por Tim, caricaturista do «L'Express». Os «nove» trabalham na sombra dos três verdadeiros colossos da política mundial: Brejnev, Nixon e Mao. Divivida e insegura, a Europa terá dificuldade em responder ao desafio russo-sino-americano.

OS "NOVE"

a responsabilidade que obriga a Europa a contribuir para a paz, o degelo e o progresso no mundo, a Comunidade deve, na opinião de Btandt, colaborar com os Estados Unidos da América e outras nações industrializadas, preparar um sistema de colaboração com a Europa de Leste e ajudar os países do terceiro-mundo a dotarem-se de estruturas viáveis.

Os dinamarqueses juntaram-se à Europa no barulho dos tradicionais petardos do Novo Ano. Quanto aos irlandeses, muito favoráveis à entrada na C.E.E., não celebtaram de maneira especial a adesão do seu país.

O maior sortido de ouro pratas e joias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

MARIA VITÓRIA
TODAS AS NOITE 2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 HORAS
(Grupo D. M/ 18 anos)
AOS DOMINGOS E FERIADOS «MATINÉE» ÀS 16 HORAS
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam
A REVISTA POPULAR
CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO
UM GRANDE ÊXITO DE GARGALHADA,
com SALVADOR, IVONE SILVA, BARROSO LOPES, GUIDA MARIA, VÍTOR MENDES, CARLOS QUEIRÓS, a grande revelação CIDÁLIA MOREIRA, a atracção internacional VERA SANDERS e pela 1.ª vez em revista, HENRIQUE SANTANA.

MEDICINA

A ANESTESIA MODERNA TEM FALTA DE ESPECIALISTAS

O desenvolvimento das técnicas de anestesia e de reanimação desempenhar um papel capital na evolução da cirurgia — e de toda a medicina — há mais de vinte e cinco anos. Grande número das intervenções salvadoras, praticadas correntemente nos nossos dias, seria inconcebível sem os meios complexos e cada vez mais aperfeiçoados que permitem não só evitar o menor sofrimento durante períodos operatórios por vezes muito longos, mas também manter vivos feridos ou doentes que ainda ontem teiram sido condenados.

Estes progressos permitem reduzir a proporções insignificantes o risco inerente à própria anestesia, aquando de intervenções mais benignas e que podem fazer-se hoje em dia em condições de conforto incomparáveis. Mas seria preciso que o público beneficiasse da nova segurança susceptível de ser-lhe assim oferecida. Infelizmente, as coisas nem sempre se passam deste modo. A stécnicas refinadas da anestesia moderna exigem daquele que as aplica uma competência especial. E o número dos anestesistas — competentes — é insuficiente em Frrança, como noutros países da Europa onde esta especialidade só muito tarde foi reconhecida como autónoma e importante.

O Sindicato Nacional dos Anestesiologistas Franceses não cessa de denunciar, há vários anos, os perigos do fosso actualmente existente entre a audácia cirúrgica e a carência anestesiológica. Na ausência de especialistas (há dois mil este ano, enquanto que seriam necessários três mil actualmente e seis mil em 1980), numerosos doentes são adormecidos por auxiliares. E muitos são os anestesistas sujeitos a condições de trabalho que desafiam a inteligência: responsáveis pela anestesia simultânea de vários doentes, assegurando sós, vinte e quatro horas por dia e trezentos e trinta por ano, a responsabilidade de todo um sector operatório, mal pagos no sector público, frequentemente mal considerados, abandonaram pouco a pouco esta disciplina.

Todas as estatísticas mostram que a frequência dos acidentes operatórios ou pós-operatórios é multiplicada por dois, ou mesmo por cinco, quando o doente não pôde beneficiar das melhores condições de anestesia.

A PENÚRIA

Perante esta situação catastrófica, o Governo tem-se esforçado, desde 1970, por tomar medidas urgentes.

Nesse ano, um inquérito, tendo por objecto trezentos e cinquenta e seis estabelecimentos hospitalares franceses, revelou que 31 por cento não tinham médicos anestesistas e 42 por cento apenas um. Diversas faculdades de medicina não dispõem ainda de qualquer sector de aneste-

sia-reanimação, e esta disciplina não pode, portanto, ser aí ensinada.

Foram criados «quadros temporários» a fim de tentarem satisfazer as necessidades hospitalares mais urgentes. Porém, estão longe de se encontrarem todos providos, na falta de candidatos, e, quando o estão, são numerosos os titulares que ameaçam demitir-se em virtude das condições «inaceitáveis» de trabalho e de remuneração que os esperam.

O trabalho do anestesista não se limita a um acto técnico isolado. Seria para desejar que pudesse examinar demoradamente o seu doente antes da intervenção, sob o duplo aspecto clínico e psicológico, a fim de escolher com conheciemnto de causa a técnica mais apropriada no seu caso. E indispensável que se encontre presente durante toda a intervenção, o que parece evidente à primeira vista. Mas em quantos blocos operatórios não vemos o único anestesista de serviço «vigiar» quatro operados simultâneamente?

E necessário, finalmente, que possa acompanhar o seu doente durante todo o período pós-operatório, muitas vezes tão delicado, e cuja evolução condiciona o futuro.

As tabelas básicas previstas pela Segurança Social, de resto, a «obrigação» de acompanhar o operado durante dez dias após a intervenção». Em cinquenta por cento dos casos, o especialista, titular do seu diploma e do seu certificado de especialista, recebe uma importância global de 78 F correspondente à remuneração do próprio acto de anestesia (incluindo intubação e transfusão, se necessário) e cuidados consecutivos eventuais, mesmo que devam durar dez dias e dez noites...

Não estão previstas despesas de deslocação. E evidente, como escrevia há alguns meses o presidente do Sindicato dos Anestesiologistas ao ministro da Saúde, que, «com semelhante tabela, não se poderia assegurar uma única deslocação de um electricista, um técnico de rádio ou de televisão ou um mecânico de automóvel».

Noutros casos, os organismos sociais preceituam como se ignorassem tudo do progresso médico; a Segurança Social, por exemplo, recusa o direito à analgesia obstetrical, para a qual «nenhuma cotação é possível», como acaba ainda de o confirmar o médico-chefe da Caixa Nacional ao Professor Lassner. Tudo se passa neste domínio, escreve-nos este último, «como se o desejo de economizar levasse a Segurança Social a admitir a obrigação biblíca de dar à luz na dor»!

UM DESENVOLVIMENTO TRAVADO

Tabelas antecipadas que não correspondem à diversidade dos métodos modernos, e incitam, portanto, ao «rendimento» no sentido mais nocivo do termo; recusa de admitir a evolução técnica, estas atitudes retrogadas são tanto mais preocupantes quanto é, em larga medida, a esta mesma Segurança Social que devemos a penúria actual: durante mais de doze anos, o desenvolvimento da anestesiologia foi travado por uma tarifação absurda, pois era muito mais vantajoso, para os cirurgiões, empregar e remunerar uma enfermeira do que confiar a anestesia a um médico especialista.

Se certos acidentes de anestesia — felizmente excepcionais — são e continuarão a ser inevitáveis, outros, frutos da incompetência, não deveriam ser admitidos, e o discurso enérgico e corajoso que pronunciou recentemente na Haia o Professor Smalhout deveria ser estudado por todos.

O Governo tentou mais tarde remediar uma situação que as possibilidades audaciosas da cirurgia tornam cada dia mais preocupante.

Compete actualmente ao primeiro interessado, o próprio público, fazer pressão, por seu turno, sobre os organismos que o representam a fim de que a igualdade das oportunidades perante a doença se torne uma realidade, a fim também de que sejam criadas em França as «clínicas da dor» para todos aqueles que são, com demasiada frequência, entregues sós ao seu sofrimento.

Por outro lado, e a despeito dos progressos consideráveis registados durante vinte anos, a dor continua a ser um fenómeno misterioso, pelo que deveriam ser levados a efeito novas pesquisas na matéria, com a ajuda dos fundamentalistas e dos anestesistas.

DR. ESCOFFIER-LAMBIOTTE

Roberto Burle Marx

Continuação da pág. 12

escrever-se um livro com o título de «Diário de Denúncias de um Defensor da Natureza». Em Lisboa, pouco depois do seu desembarque, e durante o «cocktail» realizado no Grémio Literário, Roberto Burle Marx escreveu mais uma página deste suposto diário, chamando a atenção para os problemas da ecologia:

— Com o das cidades surge, inevitàvelmente, a especulação imobiliária. Em consequência as dificuldades na manutenção das áreas verdes são cada vez maiores. Os problemas da cidade moderna são cada vez mais violentos. Cidades, por exemplo, como o Rio e São Paulo, estão perdendo as características por causa da invasão do concreto. Para se fazer uma ideia, basta dizer que no Rio de hoje há menos área verde, por pessoa do que, por exemplo, no século passado. Em São Paulo, então, o problema atingiu o seu ponto crucial: cada um dos seus quase oito milhões de habitantes tem, em média, pouco mais de vinte centímetros quadrados de verde, o que é uma tragédia. A natureza e a flora, no mundo inteiro, atravessam um processo de destruição e por isso é preciso estar sempre alerta, prevenindo os homens dos males que fatalmente virão por causa disso. Imagine só: nos Estados Unidos vi um parque de estacionamento para quatro mil carros, com quase 90 mil metros quadrados, sem uma única árvore. No Brasil temos muitos problemas, mas, felizmente, ainda não chegamos a tanto. Estamos prevenidos, embora nem todos reconheçam que o verde é vital para a existência humana. Na Amazónia, por exemplo, Lúcio Costa sugeriu e conseguiu que fosse conservada uma faixa de 100 metros de largura nos dois lados e em toda a extensão da rodovia Transamazónica, conservando-se, ali, a floresta. Em síntese: é preciso lutar, gritar, denunciar. Só assim poderemos conseguir da humanidade um pouco de respeito para com a natureza.

W.D.

ENTREVISTA

"A SELVA":

Os anos loucos na Amazónia

Sem avisos, quase em silêncio, chegou esta semana a Lisboa o produtor cinematográfico brasileiro Luis Maximino de Miranda Corrêa. Na sua mala, apenas o essencial: algumas roupas apropriadas ao inverno europeu e uma lata com uma cópia do filme «A Selva», que ele trouxe para mostrar ao romancista Ferreira de Castro.

A exibição foi feita numa sala privada e quando a palavra fim surgiu no «écran» o escritor, amocionado, falou da fidelidade mantida ao seu livro pelo jovem realizador amazonense Márcio de Souza. Num rápido diálogo com o romancista, Maximino explicou que «A Selva» foi a primeira longa metragem da carreira de Márcio que, entretanto, tinha já a experiência de três livros publicados, oito curtas-metragens realizados e ainda a direcção de alguns programas de televisão.

Para as poucas pessoas que assistiram à sessão, Luis disse que o filme será brevemente estreado, em circuito comercial, em Lisboa. Afirmou ainda que **«A Selva»** já tem lançamento assegurado em cinco outros países europeus. Em seguida, os comentários giraram sobre a força do romance de Ferreira de Castro, cuja carreira, depois de mais de quarenta anos da sua publicação, continua em progresso: com mais de vinte edições internacionais, o livro foi apontado por uma recente pesquisa da UNESCO como sendo uma das dez obras da literatura moderna mais lidas em todo o mundo. Também foram lembrados alguns factos que antecederam a transformação do romance em filme:

. — **«Era natural que este romance, pelo fascínio que sempre exerceu desde a sua publicação em Lisboa, em 1930, viesse a ser cogitado como assunto para o cinema. Vários produtores norte-americanos já detiveram os direitos de adaptação cinematográfica da obra de Ferreira de Castro. O escritor, que sempre dedicou o mais profundo respeito pela temática amazónica da sua obra, manteve uma vigilância severa nas adaptações, impedindo que produtores sem a visão exacta do sentido do romance, partissem para o espectacular e o sensacionalismo barato de tantas superproduções hollywoodescas».**

O DESEJO E O DESAFIO

Em 1970 terminou o prazo de opção de um dos produtores norte-americanos interessado no romance de Ferreira de Castro. O escritor resolveu novamente abrir concorrência dos direitos autorais de **«A Selva»** para o cinema. A sua esperança era que, entre os interessados, aparecessem produtores portugueses e brasileiros dispostos a aceitar o desafio de transformar em cinema a obra literária. Foi aí que apareceu Luis Maximino de Miranda Corrêa, que, associado a uma empresa de São Paulo, a **Servicine,** se encarregou da produção executiva. Para a realização, Luis escolheu o seu conterrâneo Márcio de Souza. Depois de muitas conversas e discussões sobre o romance, os dois partiram para a concretização do filme. A adaptação foi realizada por Renato Coutinho, mas sofreu uma série de modificações e diálogos adicionais por parte do escritor Leandro Tocatins, ex-adido cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa e grande amigo de Ferreira de Castro. O romancista viu o trabalho, aprovando-o.

UMA VISÃO AMAZÓNICA

Numa recente entrevista concedida ao vespertino brasileiro «O Globo», o realizador Márcio de Souza disse que, tanto ele como o produtor Luis Maximino de Miranda Corrêa, pensaram no filme, desde o princípio, a partir de uma visão amazónica:

. — **«A «Selva» é um romance que perttence a dois mundos distintos: à literatura de determinada geração portuguesa e ao mundo do siberiano da Amazónia. É um romance de uma época definida no seu quadro histórico, mas com muitas doses de permanência. Vi o meu trabalho sempre a partir da óptica amazónica da obra. O lado portuuês toma o romance pelo muito que ele representa de ideológico; Ferreira de Castro é até o grande norteador de toda uma literatura de carácter social, produzida hoje em África. Como amazonense, vejo no livro uma coragem e uma clareza desconhecidas na literatura amazonense do período áureo da borracha, e um painel tão completo que sempre se confundiu, na minha memória, com os mitos e lendas que ficaram para sempre associados ao ciclo da borracha na Amazónia. Assim, logo recebi a adaptação de Renato Coutinho, muito preocupada com o aspecto literário da obra, tive que determinar uma linha para o filme, que fosse ao mesmo tempo fiel ao livro e ao mundo amazonense».**

Na sua entrevista ao jornal brasileiro, Márcio disse ainda que **A Selva** sempre se distinguiu, inclusivamente, como uma espécie de ruptura com o gosto literário da época — muito académico — pela sua força como documento, a sua preocupação de testemunho. A partir para a realização do filme, disse ele, este aspecto do livro foi levado em conta, mas houve também a preocupação de se evitar que o filme caisse noutro extremo, o que ele chama de «ficção-documental». Diz Márcio:

. — **«Para mim o filme deveria ser o documento do que de visível restava na memória, pois o apogeu do ciclo da borracha, acontecido há 60 anos atrás, desapareceu com o fim do monopólio, e nós amazonenses dos anos de decadência, herdamos apenas aquilo envolvido nos lances cómicos, dramáticos e trágicos do momento,mais delirante da história da monocultura brasileira. Portanto, a ficção documental, como a realizada por Francesco Rosi, iria empobrecer esse envolvimento importantíssimo incorporado à própria realidade da época. Além disso, traria um tom de comiseração humanista, muito ao gosto de um cinema político legalista que acabaria por se confundir com as velhas distorções do cinema brasileiro».**

POESIA DA MEMÓRIA

8 Márcio afirmou ainda que, antes das filmagens serem iniciadas, o produtor Luis Maximino de Miranda Corrêa lhe falava sempre que o filme deveria ter um lado poético, como em **O Rio,** de Jean Renoir:

. — **« E Renoir, apesar de ter realizado um semi-documentário de uma beleza falsa e europeizada, fez um filme de quadros-vivos. Na nossa memória de amazonenses, o ciclo da borracha, com os seus exageros, surge como uma série de quadros-vivos. São «tableaux-vivants» que, nas conversas de mesa de bar, ou das famílias, à porta de casa, à noite, os mais velhos relembram aqueles anos perdidos de permissividade e alucinação: o coronel que acendia charutos havana com notas de libra esterlina, as roupas que eram mandadas a lavar em Portugal e as atrocidades cometidas nos seringais. Era, portanto, por essa narrativa poética da memória, que eu poderia acompanhar o cerrado documentarismo do romance. Cortei no filme qualquer referência ao exotismo preiudicial e colonialista, que a tradição associou à minha terra e fiz um filme de gente a lutar contra a natureza, contra a miséria. De certo modo, tendo organizado o texto e estabilizado um caminho, procurei esquecer o romance enquanto romance, e recriei no filme, de memória, o período fascinante de uma psicologia toda especial, inesperada para o público, não só o brasileiro, mas também o europeu. Com isso o filme ganhou uma certa dosse de ironia, que pode parecer-se com o humor de Balise Cendrara, na sua tradução francesa do romance de Ferreira de Castro. Mas, na verdade, êsse foi o meio que encontrei para conjurar o humanitarismo samaritano, que sempre se abate, quando se fala dos explorados».**

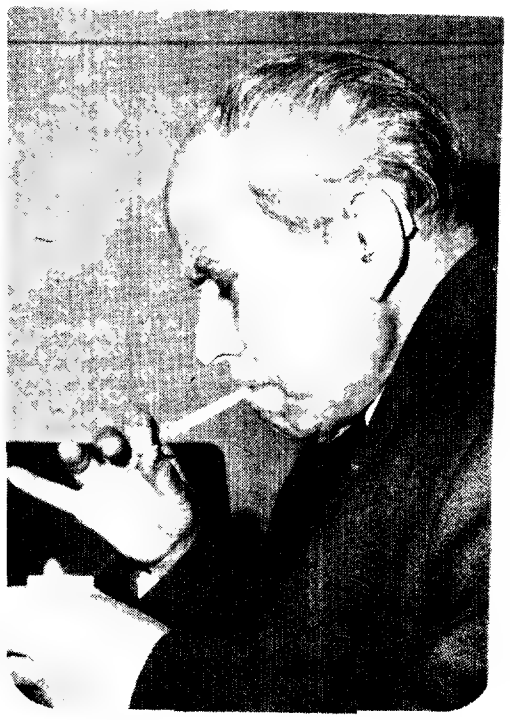
O português Rui Gomes é «Alberto» no filme. Ao seu lado, Leon Manickander, o «Firmino».

«BALLE EPOGUE» TROPICAL

Para recriar no **écran** a época em que se desenrola o romance o produtor Luís Maximino de Miranda Corrêa e **Servicine** não mediram esforços. Os exteriores foram erguidos numa fazenda do Estado do Amazonas e mais de 200 figurinos, nos modelos da época, foram confeccionados: um paquete foi construído e decorado e, além disso, foram movimentados todos os recursos possíveis para que a sequência do incêndio do barracão central do **Seringal Paraiso** pudesse ser apontada como uma das mais notáveis do moderno cinema brasileiro. Quanto ao elenco, foram contratados cerca de 400 figurantes, além dos nove intérpretes principais. Finalista Márcio, a sua entrevista:

— **«A forma do quadro vivo recriado de memória, uma época suscitada por reminiscências amargas, estrapolou o documental. O filme, como o livro, caminham paralelos nessa linguagem da ostentação. Não é a exploração sistemática do seringueiro, nem a luta desigual contra a natureza que interessa, mas a reconstrução global de um período. «A Selva», que na época da borracha quebrou o silêncio de um lado do problema, sempre camuflado pela gritaria das capitais, teve agora, como filme, outra tarefa semelhante: quebrar o silêncio de uma região inteira, vista pelos brasileiros e pelo mundo, como um universo exótico, uma área turística privilegiada. Foi com muita honra que aceitámos o desafio e quebrámos esta barreira perniciosa».**

W.D.



Ferreira de Castro viu o filme e gostou

O cemitério do «Seringal Paraiso»

TELEVISÃO

Domingo à noite: rios em tumulto

«Domingo à Noite» começa hoje com as «Águas de Março» para acabar com o «Hino à Liberdade». Começa com um agrupamento instrumental de que não se disse o nome e acaba com um «play-back» acompanhando os gestos exuberantes de Miguel Rios, vedeta especial da noite. Mas na gravação do programa, mais do que o «cantante» espanhol, a grande presença foi Ary dos Santos. Não cantou, não declamou, não contou anedotas, nem sequer subiu ao palco, mas a sua poesia esteve e as suas palavras ficaram.

Ficaram, apesar de «Elas» terem vindo, todas vestidas de branco, cantar uma canção chamada «Din-Don-Dão» e de Valério Silva ter cantado uma que falava da «sax-sexy» e acabava com uma fila de «ó-ó-ós». Eles e mais o Jorge Palma foram «os nossos artistas» que cantaram «as nossas canções», do tal concurso que dá um automóvel e duas viagens de avião. Mas Jorge Palma foi o único que disse (de Ary): **«Aqui ninguém me põe a pata em cima».**

CANÇÕES DE ARY

Depois da pirueta de Florbela Queirós, com um cão e Norberto de Sousa, foi a vez de Teresa Paula Brito. «Como é possível perder-te/ssem nunca te ter achado». Depois, Hugo Maia de Loureiro. Uma espécie de canto de fecundidade: «Meu corpo que é pinheiro/ em ti deitou raíz». Um pouco nervoso, um tanto rouco, Hugo Loureiro esteve longe de ser espectacular. Mesmo assim, para a sua sobriedade e para a inteligência das coisas que cantou, foram algumas das palmas mais batidas da noite.

Já a segunda parte do programa chegava, já um grupo de jovens enchia o palco com os seus instrumentos de cordas. Entrevistados por uma das apresentadores, soube-se que formam o Quarteto de Cordas de Lisboa, que está no início da sua carreira. Debussy foi a sua estreia na televisão. E, contràriamente ao que alguns pensam, outros dizem e poucos escrevem, a música erudita não perde em audição à sua parente pobre dita ligeira. Pelo menos, aplausos do público assim o disseram.

Depois da música, a poesia. Mas, antes pròpriamente da poesia, o homem que a interpreta. Manuel Lereno, um veterano do teatro, da rádio e da declamação, entrevistado por Luís Filipe Costa. De um tempo distante, vieram histórias, anedotas, pedaços de vida. Desse tempo ficou também um modo enfático de dizer, em poesia, coisas simples. Manuel Lereno disse Fernando

Teresa Paula Brito: a preocupação da qualidade.

Pessoa e dramatizou um poema aterrador de António Nobre, sobre a miséria quotidiana do mundo em que «vivia» o poeta. Houve nervos «em franja», acenos de concordância ou simplesmente distância perante aquela forma espectacular de falar da vida.

SHOW «À AMERICANA»

Espectáculo seria, porém, o convidado de Espanha que veio da Alemanha, com pronúncia americana. Chama-se Miguel Rios e trouxe os discos para o acompanharem, pois uma constipação surgida na última hora tinha posto em desordem a sua garganta.

Miguel Rios desceu ao palco por aquela escada que faz parte do cenário habitual, microfone na mão, gestos lentos, olhar inclinado para dentro e fez que cantava: «Mañana tudo cambiaf/ porque espero que me entiendas/ que me des tu mano».

Logo a seguir, aproximou-se mais da plateia, apoiou-se numa das pernas, pegou num gesto rasgado e «pop» e fez-se ouvir em inglês. O público ficou frio. Então, Miguel Rios pegou noutros gestos, arranjou um ar a atirar para o «contestatário», moveu-se num ângulo de noventa graus como se estivesse a ser sacudido por uma rajada de vento, repetiu os gestos deste o princípio, suspirou, acabou. Por palavras (e a pedido de Henrique Mendes), anunciou que vendeu 5 milhões de «Hinos à Alegria» só nos Estados Unidos, e que tem um novo disco na forja, com a adaptação aligeirada da «Sinfonia do Novo Mundo» de Dvorak.

Valério Silva: a presença do popularucho

Cantou de novo em inglês, voltou a utilizar o castelhano para canções de ritmo anglo-americano, pulou, riu, chorou e terminou interpretando sem alegria nenhuma o abastardado andamento da 9.ª Sinfonia de Beethoven a que impròpriamente chamou «Hino à Alegria». Era meia noite, mais coisa menos coisa e tinha chegado ao fim mais um «Domingo à Noite».

UM «EASY RYDER» ESPANHOL

Para os artistas e meia dúzia de jornalistas, o espectáculo prosseguiu, mas já no bar do Maria Matos. Aí, Miguel Rios rodeado pelo seu empresário e outros sequazes disse da sua vida. Que a sua carreira estava em plena ascensão, para além das fronteiras de Espanha, pois o mundo do espectáculo internacional abriu-lhe decisivamente as portas quando surgiu a versão de Oswaldo Rios de «Hino à Liberdade». Alemanha, América do Sul, Japão, Estados Unidos são já domínio da sua voz. A Portugal liga-o uma recordação romântica: depois do seu próprio país, foi o primeiro lugar onde apresentou o «Hino à Alegria», cheve do seu triunfo. Daí que ele tivesse regressado agora, apesar da garganta dorida e do cachet ignorado, como confessou cândidamente.

Anunciou, também, que vai produzir o seu primeiro filme, que se chamará «Tanger Escape» e se inspira no modelo do «Easy Ryder» mas quem se pira são quatro raparigas... Porquê um filme?

— **Porque também estou interessado em ganhar dinheiro...**

Confessou, porém, que já ganhou bastante com as cantigas, muito mais do que estava preparado para ganhar, pois a sua família era muito pobre. Mas o dinheiro não é tudo para ele, entenda-se. Canta, essencialmente, porque lhe dá prazer.

— **E é por isso que canto em inglês ou em castelhano, conforme me apetece. Embora me interesse agradar ao público, preocupo-me primeiro, em agradar a mim próprio...**

Natural de Barcelona e vivendo em Espanha até descobrir o «el dorado» das canções, MKiguel Rios é, agora, um **cantante** muito mais interessado no **rock** anglo-saxónico do que na música de raízes espanholas.

Muito preocupado se estava revelando Miguel Rios. Muito mais do que mostra no paldo, interpretando palavras incaracterísticas com gestos exuberantes e artificiais. Alguém lhe pergunta, então, porquê toda aquela gesticulação espectacular. Será mesmo necessária? E ele respondeu sem perder tempo:

— **É que eu sou espectacular por natureza...**

R. L.

Miguel Rios: um play-back e muitos gestos...

VÁ AO TEATRO!!! VASCO MORGADO

RECOMENDA OS SEUS ESPECTÁCULOS:

TEATRO. Tel. 53 85 86

VILLARET

24.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com JOSÉ VIANA no protagonista

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA

com DORA LEAL, a revelação da temporada, Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Vasco Morgado Jr., Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

3.ª, 4.ª — ÀS 21.45 HORAS 5.ª, 6.ª E SÁBADOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS DOMINGOS — Às 16 e 21.45 H. 2.ª-FEIRAS — Descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

21.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

A hilariante comédia britânica

A CAMA DOS COMUNS

com SIMONE DE OLIVEIRA, ARMANDO CORTEZ, Fernanda Borsatti, Luís Alberto, Manuela Maria, Leonor Poeira, Dário de Barros, Alda Pinto, David Silva, Carlos Miguel, Eduardo Vilaverde, Fátima Maria e a colaboração especial de JOAQUIM ROSA

HOJE: matinée 16 horas Noite, 21.45 H. Amanhã: no teatro José Lúcio da Silva em Leiria 3.ª feira: descanso da C.ª 4.ª feira às 21 45 H

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

4.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIRÓS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco IRENE ISIDRO Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª — ÀS 21.45 H. 4.ª-FEIRAS — Descanso da C.ª 6.ª-FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS DOMINGOS — «Matinées» 16 h.

ARMÁRIOS ROUPEIROS ESTANTES

e quaisquer outros MÓVEIS modernos ou de estilo, executamos por desenhos e medidas nas nossas oficinas próprias

ARTIS

Rua Maria Andrade, 64 (perto da igreja dos Anjos)

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)

Hoje e todas as noites às 22 h., sábados e domingos matinées às 16 h. de:

«ALICE NOS JARDINS DO LUXEMBURGO»

de Romain Weingartem, com Carmem Dolores, Ana de Sá e Augusto Figueiredo

Direcção de Jorge Listopad

Marc. Tel. 677299 Maiores 14 anos

Sub. Fundo Teatro

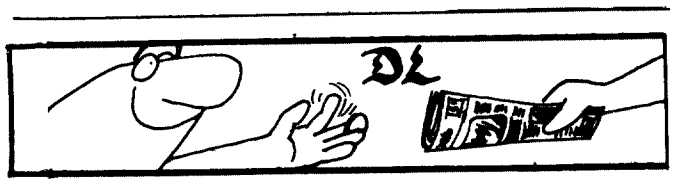
PRÉDIO

BAIRRO DAS COLÓNIAS — 2.600 c.

Construção em cimento armado, bem conservado, c/ 8 inquil., c/ 4-5 assoalh. Rendas inferiores ao s/ valor. Revestido a marmorite.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º, Esq.º — Telfs. 323172-367444



TELEVISORES GRUNDIG Garantia de qualidade e duração . . .

CINEMA

EM MARÇO LISBOA VAI TER UM "FIM DE SEMANA ALUCINANTE"

. Deliverance» é o título original do filme de John Boorman que Lisboa vai poder ver, em princípio, em Março deste ano. Trata-se de um filme de acção, segundo as palavras do próprio autor da novela que está na base da adaptação cinematográfica (que ele próprio fez), o poeta James Dickey: «A história fala-nos de como os homens planeiam fazer coisas perigosas para provar a sua virilidade. Quando descobrem quão perigosa é, de facto, a situação criada anseiam por libertar-se (deliverance) dela».

Uma multidão de 75 actores, técnicos e pessoal da produção foi de malas aviadas de Hollywood até à pequena cidade de Clayton, na Georgia do Norte. Assim o exigia a feitura do filme «Deliverance», que passará entre nós com o título «Fim-de-Semana Alucinante», e no qual desempenham principais papéis os actores Jon Voight e Burt Reynolds.

Uma das cenas mais violentas do filme

Dois carros recheados de equipamento de campismo, instrumentos de caça e canoas, dessslocam-se a grande velocidade por uma estrada deserta que atravessa uma região árida do norte da Georgia. No priimeiro viajam Ed Gentry (Jon Voight) e Lewis Medlock (Burt Reynolds), seguidos de perto por Drew Ballanger (Ronny Cox) e Bobby Trippe (Ned Beatty). São, òbviamente, quatro homens que estão longe da cidade onde vivem, que não têm nada a ver com a região onde se encontram. Apenas Lewis parece, pelo seu porte atlético, capaz de enfrentar as dificuldades que a viagem de canoa que combinaram fazer através do perigoso rio Chatooga, apresenta.

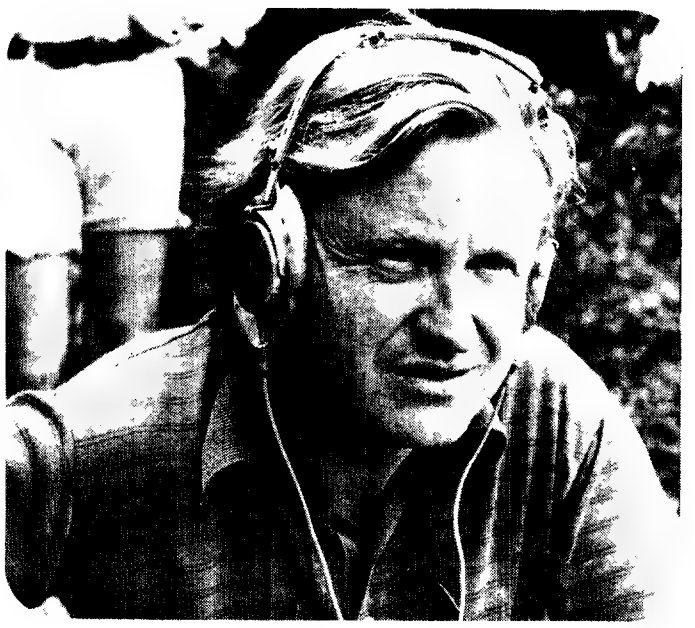
E, depois, **«quando descobrem quão perigosa é, de facto, a situação, criada anseiam por libertar-se dela»...**

OS AUTORES

Quando escreveu a sua primeira novela, James Dickey, poeta de nome firmado nos «states», tinha já recebido o Prémio Nacional do Livro pelo seu título «Backdancer's Choice». Dono de uma obra vasta, Dickey foi consultor poético da Biblioteca do Congresso e publicou, além de vários livros de poesia, alguns trabalhos críticos. Actualmente vive na Cidade de Columbia, na Carolina do Sul, onde, na universidade, é professor de inglês.

John Boorman («Point Blank», «Hell in the Pacific», «Leo the Last») tem créditos firmados no cinema. Se fosse preciso provar alguma coisa a esse respeito, dever-se-ia dizer que «Fim-de-Semana Alucinante» foi, ao fim e ao cabo, construído por si. Da novela de Dickey ao produto final vai o trabalho árduo de quatro meses de estudos, no próprio local onde o filme se desenrolou.

Daí que tudo seja apresentado de uma maneira tão verdadeira quanto o quereria, sem dúvida, o autor da novela. Em breve saberemos como.



John Boorman, o realizador de «Deliverance»

1972 - CINEMA PORTUGUÊS

"O FUTURO ESTÁ EM CIMA DO FUTURO"

Durante o ano de 1972 o cinema português conheceu um dos mais agitados e um dos mais eufóricos anos da sua até aqui conturbada existência. Efectivamente, para quem o quis ver, 1972 foi ano importante, durante o qual o cinema português poderá ter assegurado certa continuidade e — o que é mais importante — poderá ter secìndido a uma maturidade estilística e temática que o colocam a par do verdadeiro cinema que pelo mundo se faz, como forma de honestamente intervir na sociedade a que pertence e simultâneamente repensar linguagens e códigos de comunicação, gastos por anos e anos de uso abusivo.

Foi em 1972 que se estrearam oito novos filmes nacionais. dos quais cinco possuíam um mínimo de interesse susceptível já de polémica aberta e de opiniões adultas. Disso mesmo se deu conta o público, primeiramente desconfiado, depois surprezo, mas definitivamente agradado com a ideia de poder vir a discutir cinema português nos mesmos termos em que fala de cinema estrangeiro com um mínimo de qualidade e de respeito pela pessoa humana. Convirá, porém, não esquecer que o pior cinema, teimando em chamar-se «cinema» e «português», foi co-existindo. Ao lado de muitas obras dignas, viu-se algum filme de fancaria barata, de «agrado popular» (grande desculpa para a mediocridade dos propósitos que se não podem encobrir), que manteve em trabalho homens como Henrique de Campos, Constantino Esteves (que estreou novo filme em Luanda: **Derrapagem**), Francisco Saaalfeld, Eurico Ferreira e muitos outros signatários de encomendas publicitárias, disfarçadas de documentários industriais, turísticos, educativos, etc.... Mas as perspectivas são, apesar de tudo, risonhas. No cinema português assiste-se a um fenómeno bastante curioso: uma certa «pleiade» de oficiais de **métièr** incerto cede lugar a um conjunto de homens tècnicamente bem apetrechados e preocupados estéticamente com o cinema.

Foi, portanto, em 1972 que os primeiros filmes da Cooperativa dos Cineastas Portugueses, criada e mantida pela Fundaçãq Calouste Gulbenkian, sairam à luz do dia. Sobressaltando o público, apadrinhados pela crítica (que os sustentou de forma notável, no que só, fez o seu dever, prestando justiça ao que de justiça necessitava), **O Passado e o Presente**, **O Recado** e **Pedro Só** desceram à cidade e fixaram-se em cartaz, dois deles por tempo muito mais dilatado do que aquele que seria de supor. **O Passado e o Presente** (8 semanas no **Apolo 70**) e **O Recado** (6 semanas no **Vox**), juntamente com **Uma abelha na Chuva** (7 semanas no **Estúdio**) excederam o que de mais optimista deles de poderia esperar. **O Zé do Burro** (1 semana no **Ódeon**) e **Os Toiros de Mary Foster** («super-produção» com 5 semanas de estreia no **Politeama**) ficaram, contudo, aquém do que normalmente poderiam esperar os seus responsáveis. Sem querer tirar ilações precipitadas, algo parece mudar...

Em 1972, todavia, continuou a ser esperada a nova **lei do cinema**, elaborada e aprovada na Assembleia Nacional, durante o ano de 1971. Os atrazos parecem dever-se a interferência de variados «pareceres», oriundos dos diversos pareceres da classe visada. Uns dizem-se pouco defendidos, outros largamente feridos nos seus interesses, mas, como em todas as mudanças (por menos sensíveis que elas sejam), reacções destas têm de ser previsíveis e a lei, julga-se, está pronta a asair. Como aqui disse há um ano, precisamente, **«como consequência directa deste diploma, o «Fundo de Cinema Nacional» viu-se já substituído por um «Instituto Nacional de Cinema», organismo donde depende o futuro do nosso no nosso país. Que se poderá esperar para o futuro, eis a grande interrogação a que todos os interessados não sabem ainda responder cabalmente. Quem irá proteger a nova «Lei de Protecção ao Cinema»? As palavras do diploma prestam-se a muitas interpretações e daí deverá tirar-se a ilação que se impõe: a lei, consubstanciando a ideia de quem a fez, será, sobretudo, a vontade de quem a executar».** Como já afirmaranos no ano passado, a solução será, para já, aguardar...

1972 foi ainda ano importante no panorama cinematográfico português pelo aparecimento de um súbito interesse pelo ensino do cinema. Vários institutos, escolas e, finalmente, o Conservatório acharam por bem incluir, como matéria de ensino, o cinema, sua linguagem específiva, sua história e criação. Importante poderá ter sido a remodelação do Conservatório. Veremos de futuro para que servirão «bacharéis de cinema». Será título honorífico ou carteira de profissional?

1972 terá sido por conseguinte, ano de promoção. O cinema poderá ter dado, em Portugal, o «grande salto». Tanto mais que foi ainda em 1972 que o cinema português atravessou fronteiras, como grupo de certa força, e se tentou impôr no estrangeiro. Referimo-nos à Semana de Cinema Português organizada em Nice pelo cineclube local, durante o mês de Março. Mais tarde, **O Cerco** estrear-se-ia comercialmente nos circuitos de «arte e ensaio» de Paris e vários outros filmes nacionais estariam presentes em festivais e certamens internacionais, um pouco por todo o lado. Perspectivas futuras para o cinema português no estrangeiro? Colhendo informações compendiadas no **Enquadramento**, poderá dizer-se que, em 1973, o cinema nacional pensa estar presente em várias cidades de todo o mundo: Londres, Barcelona, Lausana, Bruxelas, Copenhague, São Paulo e Rio de Janeiro, na Alemanha ou na Bulgária, na Cinemateca Francesa ou em qualquer outro local. Os convites não faltam, ao que consta...

Posto isto, vejamos como se encontra presentemnete o cinema português. Depois de se saber o que se estreou em 1972, veja-se o que se prepara para 1973. Muitos são os filmes que aguardam estreia, meia dúzia deles com problemas graves sobre os ombros. Alguns são os que se encontram presentemente em fase de rodagem, de preparação ou de acabamento. Muitas são também as obras em projecto, dalgumas das quais damos notícia.

Será o cinema português uma realidade a confirmar em 73? Será o cinema português uma promessa a estiolar em 73?

1. Filmes estreados em 1972

— **O PASSADO E O PRESENTE**, de Manuel de Oliveira (**Apolo 70** e **Condes**). **O RECADO**, de Fonseca e Costa (**Vox**). **UMA ABELHA NA CHUVA**, de Fernando Lopes (**Estúdio**).**PEDRO SÓ**, de Alfredo Tropa, de Fernando Tropa (**Apolo 70**). **LOTAÇÃO ESGOTADA**, de Manuel Guimarães (**Roma**). **OS TOIROS DE MARY FOSTER**, de Henrique Campos (**Politeama**). **CRIME DE AMOR**, de Rafael Moreno Alba (**Roma** e **Éden**) (co-produção luso-espanhola). **O ZÉ DO BURRO**, de Eurico Ferreira (**Ódeon**) (rodado em Luanda)

2. filmes aguardando estreia

— **NEM AMANTES; NEM AMIGOS**, de Orlando Vitorino. **GRANDE GRÀNDE ERA A CIDADE**, de Rogério Ceitil e Lauro António (segundo «genérico» apresentado em Nice, na **Semana do Cinema Português**); de Rogério Ceitil (segundo «genérico» apresentado em Santarém). **QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO**, de João César Monteiro **VILARINHO DAS FURNAS** DE António Campos (inédito comercialmente, ainda que streado em circuitos de 16 mm). **DERRAPAGEM**, de Constantino Esteves (já estreado no Ultramar). **A PROMESSA**, de António de Maceedo (já estreado na Figueira da Foz). **PERDIDO POR CEM, PERDIDO POR MIL**, de António-Pedro Vasconcelos. **O SINAL VERMELHO**, (co-produção luso-espanhola de António Vilar). **A SELVA**, (co-produção luso-brasileira, de Márcio de Sousa, com Rui Gomes). **LIMPOPO**, de Jorge de Sousa (filmado em Moçambique).**BESTIAIRE**, de Luís Galvão Teles e Bernard Jaculewicz (média metragem rodada em 16 milímetros, em França). **O MAL AMADO**, de Fernando Matos Silva. **DEIXEM-ME AO MENOS SUBIR ÀS PALMEIRAS**, de Lopes Barbosa (filmado em Moçambique, segundo conto de Luís Horiwana).

3 Filmes presentemente em rodagem, em preparação ou em acabamento:

BRANDOS COSTUMES, de Seixas Santos. **RIO DE HONOR**, de António Campos. **zentremez famoso sobre a pesca no rio minho**, de Luis Galvão Telles (média metragem em 35 mm/cor). **NASCI COM A TROVOADA**, de Manuel Guimarães (16 mm/cor.). **ÍNDIA**, de António Faria. **VAMOS AO NIMAS**, de Lauro António (16 mílimetros, média metragem a preto e branco). **COMUNIDADE**, de Manuel Grangeio Crespo (16 mílimetros). **ALMADA, NOME DE GUERRA**, de Ernesto de Sousa. **AQUI AO LADO**, de António da Cunha Telles (16 mm). **MALTESE, BURGUESES E ÀS VEZES**, de Artur Semedo. **HISTÓRIAS DRAMÁTICAS DA EMIGRAÇÃO**, de Fernando Lopes. **OS CAMINHOS DA VERDADE**, de Rui Gomes. **ESPLENDOR SELVAGEM**, de António de Sousa (documentário de longa metragem sobre Angola). **SAGRADA FAMÍLIA**, de João César Monteiro.

4. Filmes em projecto:

— **MEUS AMIGOS**, de António da Cunha Telles. **BONECOS DE LUZ**, de Faria de Almeida. **A ILHA DOS AMORES**, de Paulo Rocha. **É PRECISO PLANTAR LILAZES**, de Constantino Esteves. **CONCERTO PARA AMADORES** ou **O MEU AMIGO TOM MIX**, de Manuel Guimarães. **SEARA DE VENTO** ou **MATAIŞVOS UNS AOS OUTROS**, de Jorge Brum do Canto. **EPITÁFIO PARA UM AUTOR**, de Rogério Ceitil. **DIÁRIO DE UMA MULHER A DIAS**, de Lauro António.

No domínio dos projectos, sabe-se ainda que Fernando Lopes gostaria de filmar uma película tratando um tema de vampiros: **«Trata-se de um filme dentro de um filme, uma equipa de co-produção europeia que realiza, num castelo português, uma fita de vampiros, um filme dentro de um filme; simultâneamente grotesco e uma reflexão séria sobre os nossos problemas. Considero o vampirismo um tema muito português»** (Celulóide); António Lopes Ribeiro, por seu turno, parece interessado em regressar ao cinema, dirigindo uma série de comédias que teriam como base uma **dupla**. Adivinham qual? Ribeirinho e António Vilar, ao que já ouvimos; entretanto, dois ou três jovens do novo cinema falam de um filme em três episódios, mas resguardam as informações; mais adiante, nova notícia de sensação: o crítico Eduardo Geada, que esccreve na **República** e **Seara Nova**, anuncia a sua estreia como realizador cinematográfico. A revista **Plateia** explica como: **«O connvite partiu de Angola Filmes que aprovou já o argumento escrito pelo jovem cineasta. O início das filmagens tem já data e local marcados: a partir de Abril em Angola. O elenco deverá ser formado essencialmente em Angola. De Lisboa, seguirão apenas Io Apoloni, que desempenhará um dos quatro principais papéis femininos, e Artur Semedo. O papel da protagonista — uma jovem de dezasseis anos —carece de uma actriz de difícil escolha, mas Eduardo Geada e os produtores do filme pensam descobri-la em Angola. Como se sabe, Eduardo Geada e Io Apoloni já anunciaram oficialmente o seu noivado, mas ainda nada decidiram sobre a data do seu casamento».**

E sobre tão gloriosos auspícios, damos por concluído o balanço português...

LAURO ANTÓNIO

CINEMA

"MALPERTUIS"

O outro lado dos espelhos

«Apaguem os cigarros, apertem os cintos. Não importa o que poderá acontecer, agora que passaram as portas de «Malpertuis». Eis que se encontram num outro mundo, onde a razão quotidiana perdeu os seus direitos. Olhai para esses fantasmas que se arrastam no labirinto dos corredores dessa casa maldita, esse reino da penumbra. Mas eles estão vivos!

Que malefício envolve esses perdidos, sob as suas caras de mulheres perigosamente belas, de monstros aduladores e cruéis. Viverão eles um sonho? Onde estará realmente, a realidade?

«Malpertuis» será o destino? A morte? O amor? Como saber? É preciso penetrar lá dentro.

É perigoso, mas, é, também uma prestigiosa viagem de exploração ao outro lado dos espelhos.»

(Jean Ferry, argumentista)

O FILME

Definido pelas palavras transcritas acima, «Malpertuis», que se estreia no próximo dia 18 num cinema da capital, baseia-se num livro do escritor belga Jean Ray, autor fantástico na linha de Edgar Allen Poe ou Lovecraft.

Assina a realização o realizador Harry Kumel, belga também, 32 anos de vida, alguns de cinema e um grande êxito: **«Daughters of Darkness»**, com Delphine Seyrig, o seu segundo filme de longa metragem.

Jean Ray tem, ainda, uma palavra a dizer sobre a sua obra em geral e «Malpertuis» em particular:

. **«Os meus personagens são imaginários, mas eles representam seres que realmente existiram, e que são frequentemente encontrados através da minha evolução».**

Em «Malpertuis» desempenham os principais papéis os actores Orson Welles, Susan Hampshire, Michel Bouquet, Mathieu Carriére, Jean Pierre Cassel e Sylvie Vartan.

Harry Kumel realizador

— Eu sonho com «Malpertuis» desde há cinco anos. Agora os dados estão lançados. O que apenas conta, hoje, para além do pretexto, para além da anedota, é a ilustração na tela branca». Harry Kumel nasceu em 1940, em Anverrs, na Bélgica. A sua primeira curta metragem foi feita aos catorze anos e baseava-se num conto de Andersen.

— Muitos filmes, presentemente, têm demasiadas precauções para que ninguém seja tentado a remar contra a maré. Eu, correndo o risco de parecer pretensioso, prefiro arriscar-me de forma grandiosa a vegetar num medíocre conformismo.

Em 1958, Kumel monta, ao ar livre, uma adaptação teatral do **Sétimo Selo** de **Ingmar Bergmman.** Começa, de certo modo, o gosto pelas coisas difíceis.

— Todos os cineastas, gostam das dificuldades. Os verdadeiros cineastas, entenda-se. Pelo que me diz respeito, tentarei não morrer disso.

Entretanto, uma dezena de filmes curtos permite-lhe, gradualmente, a aprendizagem do abecedário da profissão. A sua vida vai oscilar entre o cinema, o teatro e a televisão. Para o pequeno écran realiza **Erasme** (um estudo sobre o grande filósofo holandês), **Waterloo** (uma certa visão da batalha) e adapta uma peça de **Kafka**. A seguir, para o **Théatre National de Bruxelles**, colabora com o checo **Ottomar Crecza** em **Hamlet** e **La Mouette**. Finalmente, em 1968, a primeira longa metragem: **Monsieur Hawarden**. Peter Cowie coloca o filme entre os melhores dez do ano. Chovem prémios: de Chicago, Londres e EEdimburgo.

Cinema, teatro, televisão. As preferências de Kumel vão...

— Indiscutìvelmente para o cinema. O teatro, na minha opinião, está acabado: já não é uma arte de divertimento. Eu tomo a palavra divertir no sentido mais restrito. As pessoas pagam para encontrar num espectáculo aquilo aonde são frustradas na própria vida; a arte alcança o seu fim, libertando o potencial de imaginação que o público tem dentro de si. O cinema deve permitir essa libertação demonstrando imaginação.

Do cinema é preciso rejeitar o que reflecte demasiado os factos da vida. Por outro lado, na televisão, o testemunho é directo é directo; o cinema de-directo; o cinema dava deixar-lhe essa prerrogativa.

A seguunda obra de Kumel, **Daughters of Darkness**, com Delphine Seyrig, torna-o conhecido em todo o mundo. Depois, mais televisão: **L'Amante Anglaise**, de Marguerite Duras, uma série consagrada a **Joseph Von Sternberg**, etc.

No final de 1971 começa a aventura de **Malpertuis**.

— O ideal seria que, depois de ensinar às pessoas a olhar, a interpretar, a justapor, elas se tornassem cineastas ao sair do espectáculo que lhes é oferecido. Mas eu começo a compreender o que faço. No meu primeiro filme, descobri as minhas possibilidades; no segundo fiz a confirmação; em «Malpertuis» tentei explorá-las.

Com este seu terceiro filme, Harry Kumel pretende provar que o cinema belga é internacional. **Malpertuis** é apresentado no Festival de Cannes.

— Um festival é uma apaixonante confrontação. Uma apaixonante descoberta. A oportunidade de revelar que este ou aquele cineasta deixou de evoluir ou que outro qualquer tenta impor uma moral em vez de se limitar a expô-la.

Falando de realizadores, Harry Kumel declara a sua admiração incondicional por Ingmar Bergman:

. **— E o melhor, o mais equilibrado.**

Também Claude Chabrol está na sua lista: **Eu admiro muito Chabrol, ele não se leva a sério.**

E Jean-Luc Godard?

. **— Não é preciso gostar de Jean-Luc para admirar o que ele tornou possível.**

Michel Bouquet: um extraordinário desempenho em «Malpertuis»

Uma das cenas do filme, na qual contracenam Daniel Pilon e Susan Hampshire

GRANDE CONCURSO *AUTOMÓVEIS PARA SI

de 15 em 15 dias na compra de artigos com
UM AUTOMÓVEL PARA SI
da marca FIAT
a sortear entre todos os clientes
que comprarem qualquer dos artigos
das marcas

GARANTIA OCL OLAVO CRUZ LDA

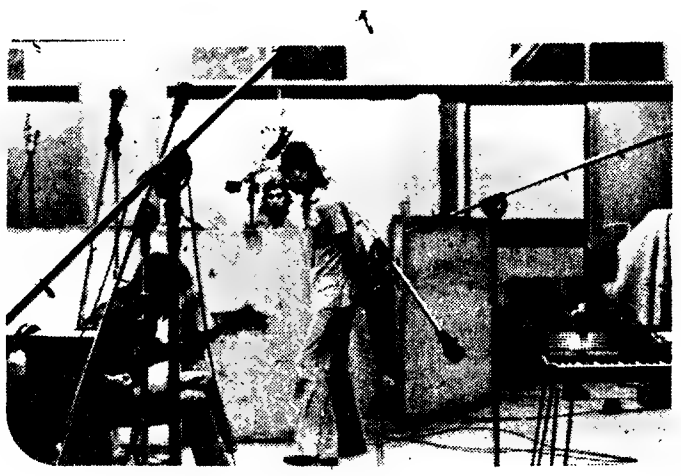
SCHAUB LORENZ / INDESIT
RILI / ODACLA / SIERA
REMINGTON / SEVERIN
ROLLER GRILL / GRAETZ
NECCHI / STARMIX / ZURCO
VESUVIUS - SAUNIER DUVAL
RADAR / JOLLY EXPRESS

PROCURE O FOLHETO - A

*
COMPRE ONDE VIR ESTE SINAL
EXIJA O CERTIFICADO DE GARANTIA

GARANTIA OCL OLAVO CRUZ LDA

É tão simples! basta pedir o certificado de garantia



MÚSICA POPULAR

NOTÍCIAS

Chevalier, e isto porque o famoso cantor — «entertainer» aí viveu durante muito tempo, em Roma Massimo Ranieri ganhava o primeiro prémio de um concurso de canções intitulado «Canzoníssima». Passou-se isto enquanto Miguel Rios, que popularizou, no estilo «pop» (?) o «Hino à Alegria», se deslocava até Lisboa, Teatro Mariaa Matos, para cantar em público aquilo que será ouvido no «Domingo à Noite» de hoje, conforme se dá conta noutro local do «DL» de hoje.

OS STONES E A NICARAGUA—MickJaggereos«Rolling Stones» afirmam que gostariam de realizar um concerto de beneficiência em 18 de Janeiro, a favor das vítimas do sismo de Manágua.

Jagger, de 29 anos, chegou recentemente de avião a Los Angeles vindo de Manágua, onde se deslocou com sua mulher Bianca, natural da Nicarágua, numa tentativa sem êxito para encontrar a sogra, após o terramoto.

O espectáculo do famoso conjunto necessitaria de uma autorização de trabalho passada pelo departamento de estado.

Jagger, que deve partir em 20 de Janeiro para uma digressão ao Palácio, encontra-se já em dificuldade com o Governo Japonês por causa de uma transgressão, envolvendo narcóticos, que cometeu há seis anos na Grã-Bretanha.

As autoridades japonesas negaram provisòriamente autorizações para o conjunto actuar na Japão em fins de Janeiro.

O concerto de Los Angeles seria organizado por Bill Graham, o famoso produtor de espectáculos de música «rock». Os bilhetes custariam entre 10 e 25 dólares (entre cerca de 260 e 650 escudos, segundo revelaram os agentes de Jagger.

DE CHEVALIER A RANIERI

Enquanto em Paris, mais precisamente nos arredores da grande capital, a antiga Rua du Résehvoir era riscada do mapa para dar lugar à Rue Maurice

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa António Lopes A.dos Santos, «Café Central»—SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

PROMÁTICA

SOCIEDADE DE INFORMÁTICA E ORGANIZAÇÃO DE EMPRESAS, S. A. R. L.

R. VASCO DA GAMA, JRS, 2.º — PRIOR-VELHO/SACAVÉM

DESEJA ADMITIR PESSOAL:

+ 1. Para os seus quadros

A — PROGRAMADORES de vários níveis

- Condições **mínimas** para admissão:
  - Cursos de COBOL e ASSEMBLER
  - 3.º ciclo liceal ou equivalente
  - serviço militar cumprido

B — OPERADORES de vários níveis

- Condições **mínimas** para admissão:
  - 2.º ciclo liceal ou equivalente
  - serviço militar cumprido

(A e B) **OFERECEMOS**

- boa remuneração
- boas regalias sociais
- formação permanente
- excelente ambiente de trabalho
- transporte próprio

+ 2. Para formação em Informática na própria Empresa

OFERECEMOS

- cursos gratuitos
- possibilidade de ingresso nos quadros da PROMÁTICA no caso de classificação adequada
- certificado de aproveitamento

- Condições **mínimas** para admissão:
  - 3.º ciclo liceal ou equivalente

As pessoas interessadas deverão enviar o seu «curriculum vitae» pormenorizado e indicar a remuneração pretendida (esta última indicação refere-se apenas aos candidatos à admissão) numa carta dirigida à PROMÁTICA.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 5/73

Faz-se saber que no dia 31 de Janeiro de 1973, pelas 15 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Esceciais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO E MANUFACTURA DE FARDAMENTOS PARA O PESSOAL DO BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS», com a base de licitação de 590.000$00. (Processo n.º 3/73/CP DSTE).

O depósito provisório é de 14.750$00 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 6 de Janeiro de 1973.

O Presidente,
António Jorge da Silva Sebastião

TEATRO MARIA MATOS

HOJE, «MATINÉE», às 16 horas

«SOIRÉE», às 21.45 horas

Ruth Escobar

apresenta

Missa Leiga

de CHICO DE ASSIS

Prémio da crítica brasileira para melhor encenação e melhor música

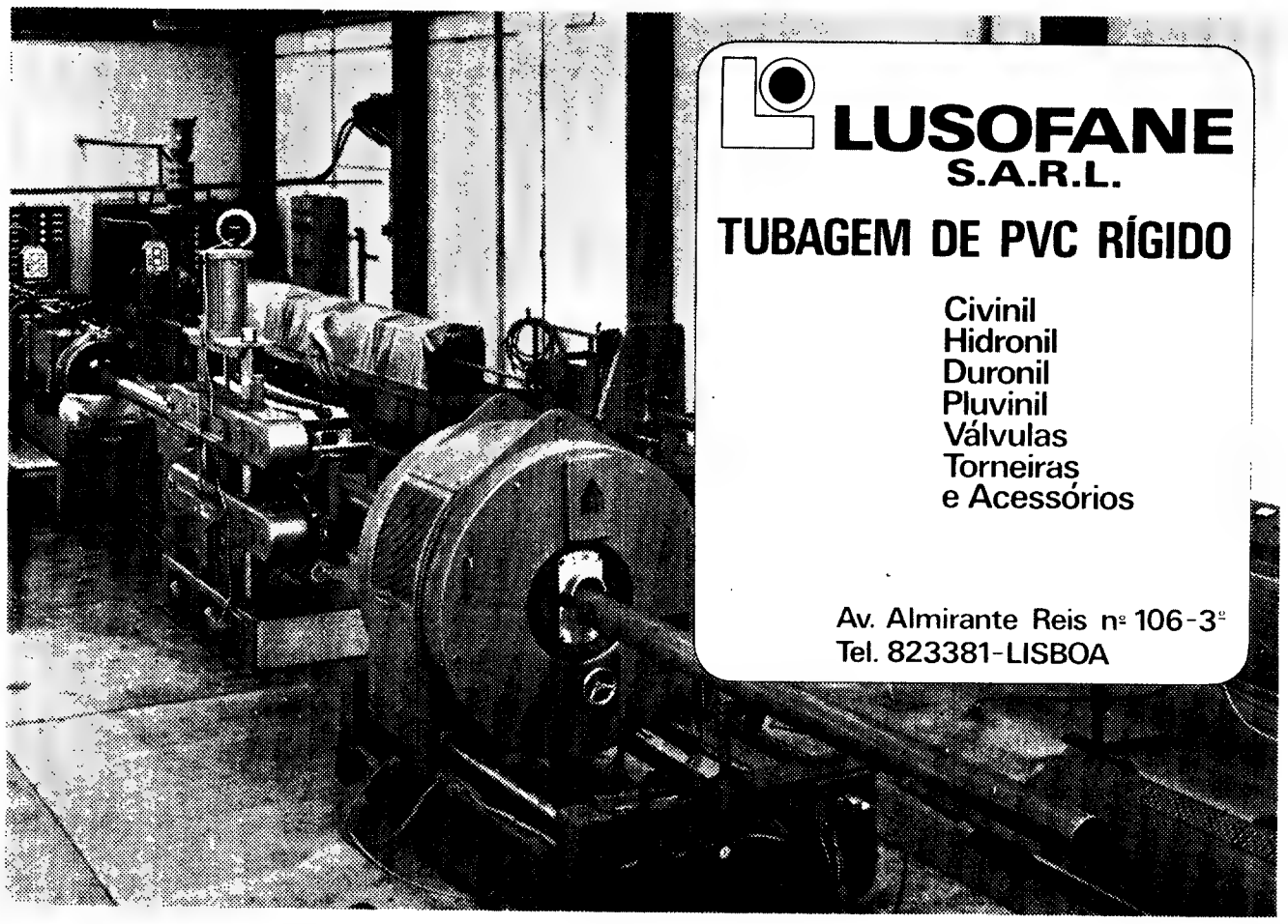
●

50 % para estudantes e para os jovens até 18 anos, devido a um subsídio da Fundação Gulbenkian

Reservas pelo telefone 71 70 17

M/ 14 anos

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Leitão Tavares, R. da India Portuguesa, 13—BENAVENTE



LUSOFANE S.A.R.L.

TUBAGEM DE PVC RÍGIDO

Civinil
Hidronil
Duronil
Pluvinil
Válvulas
Torneiras
e Acessórios

Av. Almirante Reis nº 106-3º
Tel. 823381-LISBOA

boutiques **between®**

beat store-Rua Conde Sabugosa, 11-F

a partir de amanhã

1000 camisas «between» restos de colecção em SALDO

Preço único 100$00

Compañia Transatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA

NEW YORK
FILADELFIA
NORFOLK

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortica a moderna e rápida motonave espanhola

«VALVANUZ»

em 26 do corrente

Os Agentes Gerais
LLORFT & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
LISBOA-2
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex 1416 — LLOXAV

DESPORTO

QUATRO «LEÕES EM FOCO: No aspecto individual, quatro sportinguistas convictos destacaram-se esta semana. Joaquim Agostinho aceitou filosòficamente o derradeiro ataque de mau humor gribaldino («Por onde anda o meu ordenado de oito meses?»). O dr. Valadão Chagas (antigo director-geral dos Desportos) enquanto procura uma direcção para o Sporting, vai afirmando: «Eu não serei o Presidente». Hilário vê-se afastado dos campos de futebol, completando uma lesão grave a desmoralização que os homens lhe tentavam já impôr. Sem resultado, é certo, pois Hilário é um campeão, nos bons e nos maus momentos. Por último, outro «leão» de peito: César Torres anuncia o «7.º Rallye Internacional TAP». Com sobriedade e a confiança de quem sabe bem o que quer e dispõe dos meios para o alcançar.

Joaquim Agostinho

Dr. Valadão Chagas

Hilário

César Torres

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 45 — LISBOA

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA

ÁV. DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 39 — LISBOA

AVISO

Avisam-se todas as empresas que explorem as actividades agrícolas, silvícolas e pecuárias no distrito de Lisboa, que vinham a contribuir para a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa, quer para o Regime Geral da Previdência, quer para o Regime Especial de Abono de Família que, por despacho de Sua Excelência o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, de 26 de Junho de 1972, passam a ficar abrangidas pela Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1973.

Assim, as folhas de ordenados ou salários, as folhas de trabalho ou as relações de arrendatários cultivadores directos respeitantes ao mês de Janeiro, deverão ser entregues na Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, de 1 a 10 de Fevereiro de 1973, devendo as contribuições respeitantes ao Regime Geral da Previdência ser depositadas à ordem da Caixa Nacional de Pensões, por meio de guias a fornecer, oportunamente.

A COMISSÃO ORGANIZADORA DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

A DIRECÇÃO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA

Souza

APRESENTA EM SALDO
A PREÇOS SENSACIONAIS
TECIDOS E MALHAS EXTERIORES

RUA GARRETT, 76-78 — L I S B O A
Telefs.: 369101-33439

DOMINGO não é só dia de futebol. E, se bem que os praticantes desta modalidade sejam indiscutìvelmente maioria nas manhãs e tardes de domingo (são milhares a participar nos campronatos nacionais da primeira, segunda e terceira divisões; nos campeonatos regionais de amadores, juniores, juvenis, seniores de primeiras e segundas e, inclusivamente, muitos e muitos a jogar por pura rivalidade desportiva e camaradagem entre aldeias e localidades vizinhas), o Atletismo também marcou presença, numerosa e antusiástica, nesse dia de quase primavera.

À desfilada pelos campos correram duas centenas de miúdos e miúdas de Lisboa, nas provas organizadas pela Associação; no Porto, mil crianças das escolas e colégios movimentaram-se igualmente, provando (quem sabe se pela primeira vez (os prazeres da competição desinteressada, da superação e da entrega total à procura de um alvo determinado.

Em Viseu, os miúdos desceram à pista do Estádio do Fontelo. Eram menos mas somavam já algumas dezenas. Em Coimbra como em Setúbal, repetição do quadro lisboeta e portuense. E, em ttodos estes locais, uma certeza: a juventude portuguesa adere. Falta segurá-la (depois), tornando-lhe hanitual a prática desportiva. O resto virá por acréscimo e com o aperfeiçoamento das qualidades humanas dos praticantes, pois, no fundo, a única coisa importante no meio da actividade despportiva é o próprio homem.

SEGUNDA foi um dia de automóveis. Não a correr nas «florestinhas» ou nas pistas e também sem dar relevo aos que diàriamente pelas estradas do país correm, tantas vezes para a morte, para o desespero e para o nada. Segunda foi um dos de automóveis, mas nos bastidorres. César Torres apresentou a fatiota nova do «Rallye Tsp», em reunião com os orgãos da Informação.

Ficou a saber-se que, pela primeira vez, a immportante competição fará parte do calendário do campeonato mundial de rallies; ficou a saber-se que virão ao nosso país os melhores volantes do género e que, durante uma semana o nome da TAP, de Portugal e das localidades do interior do continente andarão na boca da Europa: que é como quem diz, nas bocas dos milhões que hoje se interessam por estas coias, sacrificando-lhe, quantas vezes, os próprios interesses.

A SEMANA NACIONAL

Não se trata, como aconteceu no domingo, de um desporto de massa, voltado ao desenvolvimento físico dos indivíduos. E (sim) a competição desportiva ao serviço da publicidade, da renovação das técnicas de transporte, do aperfeiçoamento da máquina. Que deve estar ao serviço do homam, ou que pelo menos se deve tentar que esteja.

TERÇA, em termos desportivos, é um dia morto. Acontece habitualmente o campeonato feminino de basquetebol, aconteceu esta semana um jogo de hoquei em campo entre o Belenenses e um grupo de excursionistas universitários sul-africanos.

No Basquetebol, o CIF não encontrou problemas de maior para superar o Sporting. Distanciou-se, por isso e ainda mais, garantindo a posse do título regional. Pouco lhe falta, para o muito que deve ainda conseguir. O abona a caategoria das praticantes, os conhecimentos do treinador (Vitor Hugo) e a aplicação de todos. Saude-se no Sporting a luta que vem travando há anos para reunir uma boa equipa de Basquetebol feminino. A melhoria é evidente de época para época, pelo que resta apenas e só continuar a trabalhar.

Quanto ao Hóquei em Campo, de vez em quando acorda. A Uniiversidade de Stellenbosh (um conjunto da África do Sul) veio de férias à Europa, andou por aí a passear e a jogar, perdeu e ganhou, mas em Portugal (e como se esperava) venceu fàcilmente, mesmo em férias, mesmo fatigados os hóquistas. O que nem desabona o Belenenses, mas antes diz algo sobre o que, efectivamente vale o despporto português. Neste caso, o Hóquei em Campo.

QUARTA voltou a ser dia de futebol. Por um lado , o Benfica jogou a Madrid; por outro, disputou-se em Lisboa mais uma triste e descororoçoante jornada do regional de reservas; por outro (ainda) os problemas de uma das maiores cooperativas de espectáculo desportivo (o Sportvng), recrudesçeram quando o dr. Orlando Valadão Chagas afirmou aos orgãoos de Informação **«Eu não serei o Presidente»**. Por fim, e aqui nos detemos, sortearam-se os jogos da próxima eleiminatória da Taça. «Com todos os matadoures», que é como quem diz com todos os grupos prinncipais já envolvidos. Surge a sensação: o Benfica vai ao Restelo jogar «a uma mão», contra o Belenenses. Pelo que se sabe do actual futebol português, o Belenenses, seria uma das poucas equipas susceptíveis de afastar o ««papão» da Luz. Vamos a ver se de facto isso acontece.

QUINTA revelou-se dia apto a «broncas». A principal diz respeito a Agostinho, pois o seu ex-director desportivo (Jean de Gribaldy) oficiou à Federação, pretendendo manter o ciclista, sob contrato, por mais um ano, alegando que não lhe foi oportunamente comunicado o desejo de não renovar o contrato de prestação de serviço.

Agostinho e o seu procurador ripostaram, dizendo que (pelo contrário) Gribaldy foi avisado a tempo, telefònicamente e pessoalmente, e que deve ainda oito meses de ordenados ao ciclista do Sporting, num total de 250 contos.

A dúvida: pela letra do contrato não é fundamental o aviso por escrito. E, como o contrato era só de um ano, Agostinho está mesmo profissionalmente livre para assinar pela «Bic». A propósito: oos maiorais da «Bic» e o ciclista Ocaña estarão em Lisboa, no dia 26, para um encontro com a Imprensa e para estabelecerem o plano de treinos e provas da temporada - 73.

SEXTA: o Boavista mexe. Para além do seu bom momento futebolístico, o clube «axadrezado» fecha o contrato com o Skoda de Pilsen, para uma série de três jogos. A equipa checoslovaca participa no Torneio «O Tripeiro» e os portugueses jogarão em Abril e no Verão na cidade de Pilsen.

Este dinaaamismo do clube de Aimoré Moreira, deve-se, grandemente, ao empresário Olímpio de Magalhães (actual director) que também conseguiu jogos no Médio Oriente. O que prova (afinal de contas) que o futebol português começa a movimentar-se internacionalmente, mesmo a nível de clubes menos famosos. Depois do Benfica, Sportong, Vitória de Setúbal, Académica, e F.C. do Porto, chegou a vez do Boavista. Quem se sseguirá?

SÁBADO, nesta semana internacional, é dia da Ginástica. Modalidade que, durante quase todo o ano, trabalha em silêncio sem os favores da máquina informativa (os seus praticantes são em tão reduzido número que se compreende perfeitamente esta atitude, tem agora uma semana em cheio).

Foram (primeiro) os nacionais por equipas, ontem à noite, os campeonatos individuais. Notas salientes: a famosa Manuela Contreiras a impor a sua classe, como habitualmente, e a presença vitoriosa das moçambicanas do Ginásio Clube de Lourenço Marques (as gentis Eurydia Correia, Cinthya Túbio e Ana Patrício). Estas últimas arrebataram o título por equipas e justificaram plenamente a sua vinda à Metrópole com exibições de alto nível e consequentes louros, na prova individual. A demonstrar que, desportivamente, Lourenço Marques também trabalha. A sério. Para a Rudy, a Cooky e a Ana, aquele abraço.

Informamos a Exmª Classe Médica de que o mercado se encontra abastecido da

VACINA ANTIGRIPAL E ANTICATARRAL

PULMONAR-OM

na nova apresentação bebível, em
caixas de 10 FRASCOS-AMPOLAS de 3 ml.

VERIFICADA PELO INSTITUTO CÂMARA PESTANA

O VELHO DO RESTELO

por NEVES DE SOUSA

Que homem é este que consegue dar ao Belenenses uma validade futebolística que parecia arredada para o arquivo das recordações?

Que homem é este que transforma em potência um grupo sem «estrelas»?

Que homem é este que, à beira da velhice, permanece actual: identificado com os modernos processos de treino e com as mais ousadas «chaves» tácticas?

Alejandro Scopelli chegou a Belém com o ar de quem pedia desculpa pelo regresso saudoso ao emblema que tinha defendido na verdura da mocidade, de quando a guerra o fizera fugir para o último reduto. Calado, atento, precavido, Scopelli começou a trabalhar sem dar ouvidos às moscas que queriam zumbir em torno em si. Pegou em jogadores considerados como de limitados recursos e tornou-os vice-reis do campeonato. À custa de quê?

Treino racionalizado consoante a condição técnica de cada elemento: assim se tornou Ernesto um médio que não fica envergonhado no meio-campo $azul». Que está a léguas de distância do «cepo» de outras eras.

Preparação consciente e certa: é ver como Mourinho permanece no galarim dos bons guarda-redes nacionais, embora esquecido na lista de José Augusto. A barreira dos trinta e tal não é (ainda) a meta do último defensor resteliano.

Honesto e inteligente, Alejandro Scopelli pegou nos futebolistas e sacudiu-os da letargia que não tinha sido quebrada por Helenio Herrera nem por Joaquim Meirim. Deu-lhes uma confiança nos seus recursos que quase representa (para alguns deles) a volta à meninice: à fase em que cada um de nós sonhou com os voos mais altos.

Deu a Calado a consciência profissional que não tinha em Tomar.

Ofereceu a Laurindo a confiança que belenenses menos avisados queriam tirar-lhe.

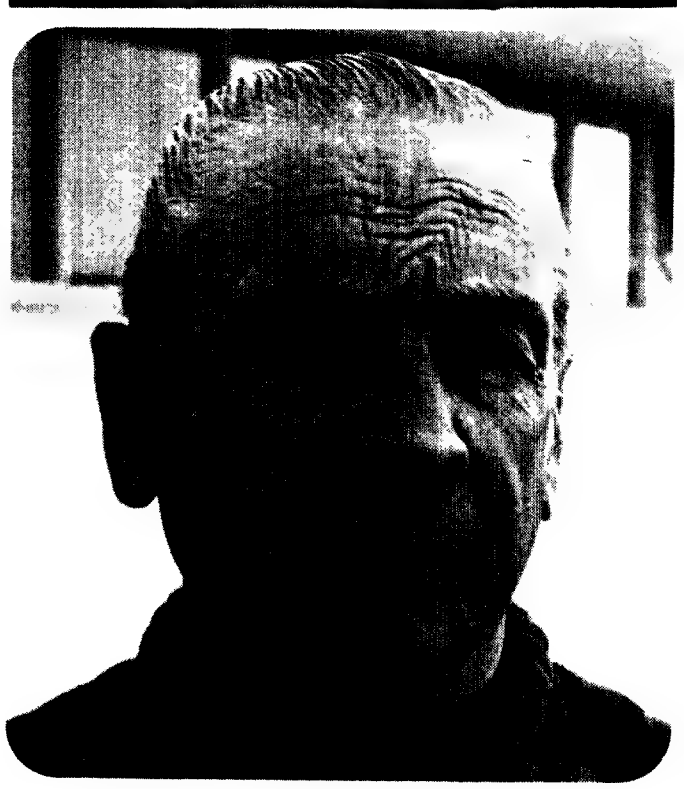
Restituiu a Quinito e a Godinho a alegria e o prazer de um jogo bonito chamado futebol.

Conferiu a Freitas e a Quaresma tarefas que implicam personalidade e abnegação. Responsabilidade.

Foi buscar um desconhecido e tornou-o vedeta: hoje, o paraguaio Gonzalez pode abrir a boca e pedir dinheiro grande pelos seus «shows» de bola.

Deu a Murça um aproveitamento técnico que o torna (para já) um segundo Malta da Silva.

Proporcionou a Luis Carlos uma vida mais folgada, sem a queima em permanente fogueira na grande área.



Scopelli: um senhor do futebol

Segurou Pietra e João Cardoso: trabalho quase só para Hércules.

Enfim: fez uma equipa de onze homens que mal suspeitavam que trabalhavam juntos.

O excepcional instante do futebol «azul» é, aliás, uma derivante do clima criado em torno de Alejandro Scopelli por uma direcção de alta envergadura moral e de belo estofo social. Baptista da Silva conduz o clube não como uma empresa comercial mas como um filho a que se deseja o melhor amanhã. No departamento médico, o exame de saúde revela o atento cuidado com que o melhor especialista de medicina desportiva do país (o dr. Silva Rocha) e um dos mais competentes massagistas do nosso futebol (João Silva) atendem à recuperação dos seus atletas. E até um «milagre» pode surgir de uma hora para outra: quem foi que disse que Carlos Serafim é irrecuperável?

E chegamos até Peres Bandeira, a eminência parda do «team» da Cruz de Cristo, um profissional de futebol como poucos. Na campanha da «Taça Independência» revelou-se «olheiro» de retina esperta, nas temporadas junto dos juniores ganhou entusiasmo pela revelação de valores. Agora, na oficina de beira-Tejo, é (mesmo) o «braço-direito» do secretário-técnico argentino. Prepara os guarda-redes, dirige todas as sessões de adestramento físico, dá ao orientador sul-americano a indicação exacta e detalhada das características de cada clube que vai tocando na rifa ao Belenenses.

Aí está como um homem, só por si, não poderia arcar com todo o peso da reconquista «azul»: acreditando em Scopelli e em Peres Bandeira, zombando de meia dúzia de risos trocistas, o presidente Baptista da Silva deu-lhes condições de trabalho e ficou, calma e seguramente, à espera dos frutos. ços bastidores, o dinheiro de Manuel Bulhosa e a serenidade dos adeptos da Cruz de Cristo deu moldura a este regresso do Belenenses às temporadas de inconformismo, às eras em que o seu sinal interferia na esgrima por títulos e honrarias.

O Belenenses de hoje é, portanto, um valor indesmentível com que o discreto campeonato nacional de futebol conta: o traço ainda resistente ao avassalador domínio benfiquista num torneio em que joga a léguas de distância da tradicional concorrência. Daí que se saúde Scopelli e toda a equipa que consigo labuta: não fora o Belenenses ter ido buscar o velho senhor ao remanso da lareira e teríamos agora, muito provàvelmente, o emblema «azul» na mesma mediania em que se afundara quando os «papagaios» do futebol dirigiam Ernesto e Godinho, Quaresma e Murça, Quinito e Laurindo.

Alejandro Scopelli: o «velho do Restelo» continua de pé ao serviço do clube que há trinta anos também lhe abriu as portas. Este reencontro do antigo companheiro de Tarrio com os homens que querem seguir as pisadas de Mariano Amaro e José Simões é, assim, o prolongamento de uma linha recta: que os maus ventos tinham tornado sinuosa e encarquilhada. Do WM ao 4-3-3, foi uma longa corrida: que Scopelli (afinal) não perdeu.

A SEMANA INTERNACIONAL

Mark Spitz foi, sem dúvida, o nome mais famoso dos Jogos Olímpicos: a sua simpatia, a sua classe, o àvontade com que conquistou sete medalhas de ouro, fizeram com que o seu nome fosse impresso nos jornais do mundo inteiro, associando-se mais à lenda do que à realidade.

Pois esta semana Mark Spitz voltou a ser notícia: não porque tenha batido mais um «record», mas única e simplesmente porque anunciou o seu noivado com a compatriota Susan Weiner, modelo comercial na televisão norte americana, uma estampa de mulher que fica mesmo bem no lar onde o campeão guarda as melhores recordações de Munique.

O casamento tem data marcada: será em Maio, e desde já os muitos admiradores do campeão lhe desejam as maiores felicidades na corrida em que irá participar.

Outro nome que Munique glorificou (Shane Gould) andou esta semana nas grandes «manchetes». Depois das proezas alcançadas nas piscinas da cidade olímpica, a bonita e elegante australiana decidiu profissionalizar-se: no próximo mês partirá para a pátria dos dólares, para uma estada de (pelo menos) seis meses. Vai matricular-se na Universidade da Califórnia, aproveitando os tempos livres para competir com alguns profissionais norte-americanos. Para Shane Gould, a máxima parece ganhar fundamento: **«só é amador, quem não tem capacidade para ser profissional»**...

Depois dos Jogos Olímpicos de Munique, os Jogos Africanos: em Lagos, 35 países (dos 41 que são membros do Conselho Superior do Desporto Africano) disputam a réplica africana aos famosos Jogos redescobertos por Pierre de Coubertin. Até ao momento, o grande poderio atlético pertence ao Egipto: o grande açambarcador das medalhas de ouro, prata e bronze. Seguem-se-lhe, na lista dos melhores, a Nigéria, o Ghana e a Argélia.

Assistiram à cerimónia de abertura dos Jogos 50 mil pessoas, o que atesta bem o interesse que a população de Lagos dispensa à realização do confronto desportivo dos atletas africanos.

Duzentos técnicos do atletismo europeu estiveram esta semana reunidos em Madrid, para estudarem alguns pontos das diversas disciplinas da modalidade. Entre tão avultado número de especialistas, destacamos a presença de alguns portugueses. (casos dos professores Fernando Ferreira e Fonseca e Costa, dos técnicos nacionais Moniz Pereira e Eduardo Cunha e, ainda, de Miranda Ferreira e Fernando Mota, além do representante da Federação Portuguesa de Atletismo, no caso o dr. Rui Costa).

Durante as diversas sessões de trabalho, foram discutidas as técnicas de Fosbury (salto em altura) e do lançamento do peso, tendo merecido particular atenção os aspectos estilísticos dos Jogos Olímpicos de Munique.

Um triste caso enlutou o futebol espanhol: faz hoje oito dias faleceu, em pleno campo de futebol, o jogador Pedro Berruezo (que representava o Sevilha). A sua equipa disputava um encontro oficial em Pontevedra: aos cinco minutos da segunda parte (e sem que aparentemente nada o justificasse) Berruezo caíu por terra. Tendo sido imediatamente levado para o posto médico do campo, ainda chegou a recuperar os sentidos: mas logo a seguir teve nova recaída, pelo que o fizeram transportar para o hospital local onde chegou já morto.

Alguns dias depois do acidente, os médicos revelaram a causa oficial do facelimento: ataque cardíaco nervoso, a revelar o **«querer e a determinação»** que o jovem jogador do Sevilha punha na luta.

Há alguns meses, aconteceu algo parecido em Portugal: por isso se teme que um «caso» que antigamente nunca acontecia venha a tornar-se rotina nos jogos de futebol. Poderia apressar o fim de uma modalidade que continua a entusiasmar milhares e milhares de pessoas... E, apetece perguntar: não haverá nada de estranho na causa destas mortes?

Não obstante estar marcado só para 14 de Fevereiro o próximo encontro de Classius Clay, a verdade é que o acontecimento começa já a ser falado, tecendo-se considerações sobre as possibilidades dos dois adversários. (Clay defrontará o inglês Joe Bugner).

O antigo campeão mundial de «pesados» Joe Louis declarou, na capital britânica, que Joe Bugner tem uma grande possibilidade de bater Cassius Clay, pois tem menos nove anos de idade e o seu soco é tão bom (ou mais violento, ainda) do que o do seu adversário. Ainda na opinião de Joe Louis: Cassius Clay encontra-se já em plena decadência... Verdade?

EXCURSÕES CP

SERRA DA ESTRELA

A FASCINAÇÃO DA NEVE

Fins-de-semana em 13/14, 20/21 e 27/28 de Janeiro

- **Sábado** — Partida de Lisboa (St.ª Apolónia) no «rápido», às 8-45, em 1.ª classe. Chegada a Coimbra-B, às 11-20.
- Itinerário de autocarro com guia, através dos pontos mais belos da Serra: Penhas da Saúde, Nave, Penhas Douradas, Garganta do Zêzere, etc.
  Alojamento em Hotel de 1.ª classe (Guarda) e refeições na Pousada de Santa Bárbara e em Manteigas.
- **Domingo** — Partida de Coimbra-B no «rápido», às 20-38. Chegada a Lisboa (St.ª Apolónia), às 23-05.

PREÇOS POR PESSOA

De LISBOA	690$00	Setúbal	710$00
Santarém	660$00	Évora/Beja	800$00
Entroncamento ...	640$00	Faro/Lagos	890$00

Informações e folhetos descritivos:
Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º Lisboa

Organização Tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

PARA O PERÍODO DE 14 A 20 DE JANEIRO — horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: — Muito poderá ser feito, no que se refira aos seus interesses particulares. Situações confusas agora se aclararão, e tudo quanto se relacione com a vida doméstica terá solução satisfatória. Observa-se, na verdade, um grande processo nas relações de familia.

DINHEIRO: — Conseguirá algo depois de algum esforço e espera. Como os dinheiros auferidos não serão substâncias é conveniente poupar o que conseguir realizar.

PROFISSÃO: — Observa-se um maior interesse nas suas ocupações. A ocasião é indicada para a dedicação a novos interesses. Faça novas relações que serão proveitosas. É possível que alguns nativos do «Áries» venham a travar relações com pessoas importantes, que muito farão pela satisfação dos seus interesses.

SAÚDE: — Não se alimente excessivamente durante este período, evite as emoções fortes e jamais se encolerize.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: — Analise cuidadosamente os seus objectivos na vida. No que se refere aos seus interesses particulares haverá restrições e atrasos. Uma pequena contrariedade espreita-vos. Recomenda-se calma a reflexão nas palavras.

DINHEIRO: — Procure solucionar as suas questões financeiras pondo em ordem as suas contas e aguarde uma agradável surpresa. Possibilidades de alguém recorrer ao seu património, certamente pessoa do seu meio ambiente.

PROFISSÃO: — Durante este período ser-lhe-à muito fácil obter favores e outras vantagens de superiores e pessoas que ocupam posições de destaque. Melhorarão as condições de trabalho. Indicado para início de sociedades.

SAÚDE: — Nas deslocações que tenha absoluta necessidade de fazer, tenha cuidado, especialmente se conduz qualquer veículo.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: — No plano amoroso tudo decorrerá normalmente,. Todavia, as actividades misteriosas poderão causar grande confusão e desapontamento, é preciso agir com franqueza e às claras em tudo o que fizer.

DINHEIRO: — Toda e qualquer diligência através da família dará resultado. Tem uma oportunifade de progredir muito aproveitando plenamente todos os seus esforços individuais. Cautela com os gastos extraordinários.

PROFISSÃO: — Deixe que a diligência através da família dará resultado. Tem uma oportunifade de progredir muito aproveitando plenamente todos os seus esforços individuais. Cautela com os gastos extraordinários.

PROFISSÃO: — Deixe que a sua vida profiissional decorra na forma habitual. Se pretende seguir novas direcções é conveniente orientar-se à base da ponderação, do estudo e dos conselhos amigos de pessoas de comprovada idoneidade.

SAUDE: — O excesso de actividade mental será a principal causa das suas enfermidades.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: — As condições amorosas decorrerão num clima tanto ameno como obstinado. A volubilidade será prejudicial à harmonia em família Uma palavra impensada, escrita num impulso momentâneo, poderá repercutir-se sobre os seus interesses, e na sua felicidade futura.

DINHEIRO: — Se souber aplicar a boa intuição que os astros lhe concedem neste período, novas fontes de receitas aparecerão e, consequentemente, a semana será progressiva financeiramente.

PROFISSÃO: — Boas oportunidades de sucessos através da sua actividade profissional poderão ser obtidos. Trabalhe com entusiasmo porque conseguirá elevar-se na situação que presentemente desfruta e, consequentemente, uma melhoria nos seus proventos mensais.

SAÚDE: — Os astros indicam perda de vitalidade, com enfermidades em consequência. Evite os excessos alimentares e descanse regularmente todos os dias.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: — Domine os seus desejos e as suas emoções. Proceda com discreção em todos os seus actos particulares, pois os astros advertem contra a maledicência em relação a assuntos sentimentais.

DINHEIRO: — No que se refere a finanças surgirão dificuldades. Observam-se problemas complicados ou de interesse tardio. Tenha muito cuidado ao tratar dos seus negócios e da forma como e onde aplica o seu capital.

PROFISSÃO: — É conveniente não fazer durante a presente semana alterações sensíveis na orientação anteriormente seguida, para a condução dos problemas inerentes à sua vida profissional. Continue firme nos seus propósitos, e procure desenvolver a sua acção com calma e ponderação.

SAÚDE: — As preocupações inerentes às suas condições físicas, nesta altura, são principalmente de ordem respiratória.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: — O momento reclama o seu interesse e dedicação pelas coisas do lar. É um período mais indicado para a sua vida social, para efectuar visitas e cuidar das suas amizades. Uma influência benéfica contribuirá para a reconciliação com as pessoas de família commm as quais se tenha incompatibilizado. Enfim, as coisas correrão mais tranquilas e haverá jovialidade.

DINHEIRO: — A altura é explêndida para conseguir bons resultados das empresas em que se meter. Se agir com calma e ponderação, de tudo se sairá bem.

PROFISSÃO: — Se negoceia e está pensando em ampliar os seus negócios poderá empregar com proveito o seu capital, pois terá a seu favor os principais planetas, a ajudar nos seus esforços construtivos. Os assuntos ligados à arte chamarão o seu interesse e darão boas satisfações e honras.

SAUDE: — As influências planetárias em referência à saúde são-lhe também bastante propícias.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: — Um importante aspecto negativo recomenda cautela no que se refira a amores, e amizades. Não dê muita importância a coisas que lhe não digam respeito, e abstenha-se de discussões, provocadas pelo seu orgulho despropositado em certos momentos.

DINHEIRO: — Se proceder com cautela poderá encontrar-se em condições de tirar proveitos financeiros dos seus próprios esforços. De facto, será capaz de realizar agora tudo o que teve de ser adiado.

PROFISSÃO: — Na vida profissional os resultados do seu esforço não virão logo, pelo contrário, serão vagarosos. Não tenha pressa, use de calma e saiba aguardar com paciência e serenidade as conclusões do seu trabalho.

SAÚDE: — A disposição poderá atingir a excessiva sensibilidade e manifestar-se impulsiva. Sob as actuais vibrações deverá ter muito cuidado com a sua dieta.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: — Use da maior circunspecção e domine a impulsividade a fim de não criar situações que podem ter consequências graves. Seja tolerante e em presença de qualquer contrariedade não explosiva.

DINHEIRO: — As vibrações são igualmente negativas quanto a finanças. As rendas e os lucros sofrerão uma redução. Seja prudente nos gastos e conte só com o que tiver certo.

PROFISSÃO: — Embora o seu trabalho rotineiro decorra durante este período normalmente, deve estudar cuidadosamente os projectos que tiver em mente, e que deseja por em prática nesta altura. Evite, porém, o contacto com pessoas pouco realistas e demasiado loquazes.

SAUDE: — Não se mantenha indiferente ao seu estado de saúde. É conveniente vigiá-la, pois há tendência a alterar-se em especial a parte superior do seu organismo.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: — O ambiente amoroso será indulgente. As amizades nesta altura podem ser-lhe de bastante utilidade. Consolide a sua posição em faces das mesmas. Observa-se uma vibração particularmente feliz aos seus esforços idealísticos.

DINHEIRO: — A sua disposição tende a ser precipitada em matéria de finanças, o que prejudica e concorre para causar prejuízos e não ajuda à obtenção de lucros.

PROFISSÃO: — Os negócios em projecto terão boa realização se tiverem o cunho da seriedade a acompanhá-los. Os assuntos profissionais que tiver presentemente entre mãos beneficiam de aspectos favoráveis.

SAÚDE: — Embora esta semana não seja favorecida quanto à saúde, não há a recear acontecimentos de gravidade.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: — Os prognósticos para esta semana são abertamente convidativos em referência a amizades, casos sentimentais dum modo geral, e grande harmonia conjugal. Viagens felizes e passeios alegres.

DINHEIRO: — Aproveite todos os ensejos que se lhe deparem para aumentar a sua situação económica. Propício para efectuar compras e negociar com acções e papéis de crédito.

PROFISSÃO: — Surgirão surpresas agradáveis no seu meio profissional. Despenderá bons esforços e raciocinará com muita lógica.

SAÚDE: — Nada de anormal se registará na presente semana. No entanto, não se exceda seja no que for.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: — Observam-se divergências no sector sentimental, mas estas podem ser resolvidas por meio do seu tacto diplomático. Esteja com atennção às suas manifestações emootivas. As actuais vibrações astrais indicam contratempos na vida conjugal e inclinam à prática de actos violentos e expressão dura.

DINHEIRO: — As suas possibilidades financeiras serão muito escassas assim, ponha menos entusiasmo na aplicação de capital e diminua as despesas que não forem absolutamente necessárias e urgentes.

PROFISSÃO: — Há toda a conveniência em preocupar-se simplesmente com a sua situação presente. Esforce-se por cumprir bem o lugar que exerce. Terá, nno entanto, de usar de método e de senttido prático, se quizer tirar partido das circunstâncias.

SAÚDE: — As dificuldades astrais no campo físico, aconselham prudência. Cuidado com divertimentos perigosos.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: — Os interesses românticos estão sob bons auspícios, assim como as relações familiares e vida doméstica. Tudo se conjugará com muita compreensão e felicidade.

DINHEIRO: — Melhoria acentuada na sua vida económica, quer pelo seu próprio esforço, quer por patrocínios influentes. No entanto, os fluidos astrais recomendam cuidado com as despesas fúteis.

PROFISSÃO: — Não se preocupe em demaasia, deixe as coisas seguirem o seu curso normal. Há uma forte tendência para desprezar os métodos eficazes, para preferir outros apenas aparentemente mais eficazes. É preciso não esquecer que essas mudanças podem também ter as suas desvantagens.

SAÚDE: — A sua saúde alterar-se-à se não descansar o suficiente ou se se descontrolar emotivamente. É necessário também cuidado com a alimentação.

REVESTIMENTOS

PLÁSTICOS
ALCATIFAS

PREÇOS ESPECIAIS
PARA A GRANDE OBRA

OS MAIS MODERNOS

PAPÉIS LAVÁVEIS PARA PAREDE

1.500 PADRÕES

EXPOSIÇÃO E VENDA

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B—Tel. 532383

Cápida

RUA AUGUSTA, 275-A
LISBOA

CASA PIRES D'ALMEIDA, LDA.
TELEF. 32 07 00

GRANDES SALDOS

NO DIA 15

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIROASTROLOGO

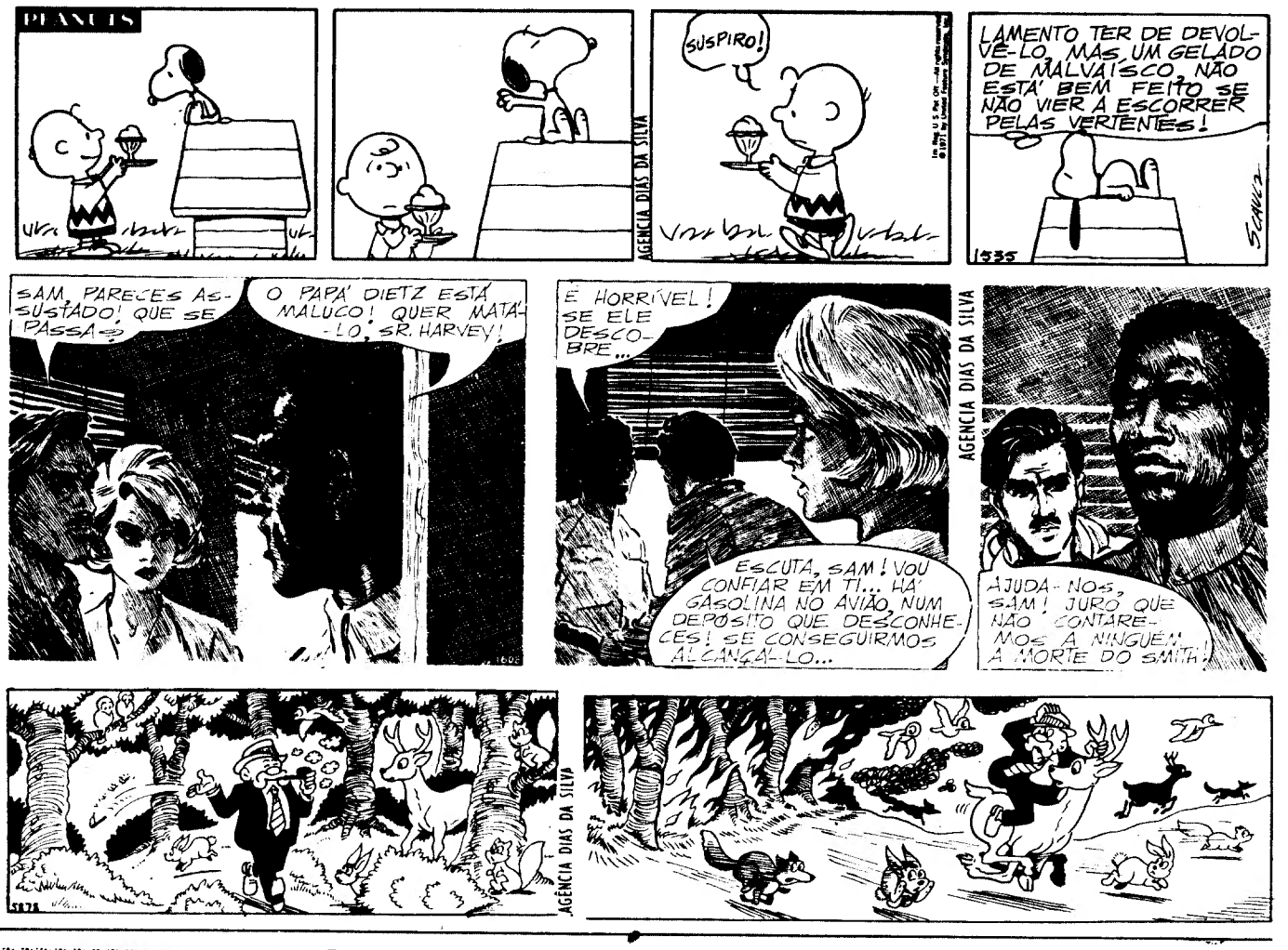
CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

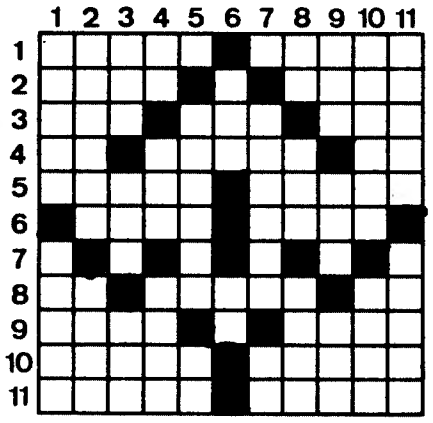
O Papa Paulo VI preside na Basílica de S. Pedro à ordenação de 38 novos padres. Seis dos novos padres são vietnamitas e dois da Jugoslávia, os primeiros a serem ordenados desde que aquele país restabeleceu relações diplomáticas com a Santa Sé. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)



Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10310



HORIZONTAIS:

« Em excesso. Virgulas dobradas.
2 Cobre. Batráquio anuro.
3 Cólera. Tempo do verbo ir. Por baixo de.
4 Em a. Gorgulhos tropicais. Doutor.
5 Freguesia do concelho da Covilhã. Distrito da India Portuguesa.
6 Grande afeição. Formar em alas.
8 Preposição. Os dois juntos. Preposição.
9 Mulher nobre. Cidade da Romenia.
10 Ratara. Atraiçoar.
11 Restos mortais. Cansado.

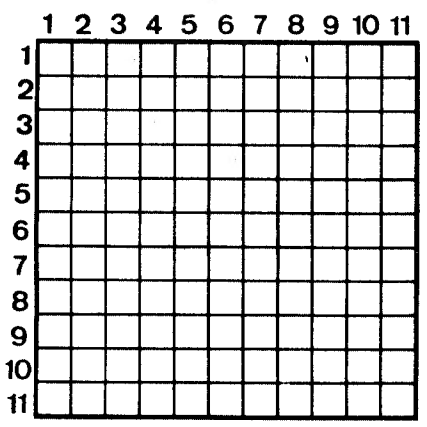
VERTICAIS:

« «Antiga província de França. Nome de homem.
2 Dera urros. Extremidades dos braços.
3 Ergue. estime. Espaço de trinta dias.
4 Basta. Milho torrado que se reduz a po temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Hilha do Pequeno Belt.
5 Foram pelos ar com grande velocidade. Campeao.
6 Pátria. Berilo (s.q.)
' Coberto de iodo. Tálio (s.q..
8 ABAbreviatura de Santissimo . Chiste. cura.
9 Utensílios domésticos. Infelicidade. Freguesia do concelho de Penafiel.
10 Comparar. Ofereceis
11 O Mesmo que sobreiro (planta). Nome de homem.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6466



HORIZONTAIS

1 Capital da Escócia.
2 Guarnecería de ameias.
3 Preposição. Entonteces. O **mais.**
/ Rua estreita. Cidade de Itália.
5 Encolerizas. Detestar.
6 Troça. Campeão.
7 Gosta muito de. Conjunção. Um cento.
8 Fale sem sentido (fig). Fechara as asas para descer mais depressa.
9 Cantiga. Apre!
«) Piedosa. Ponta aguda. Autores.
11 Gorgulhos tropicais. Olcutava.

VERTICAIS

1 Pessoa cruel (fig). Oculta.
2 Muto. Nome de homem.
3 Oferece. O mesmo que radiar.
4 Sacrificai. Batráquio.
5 Peça de vestuário de tecido de malha que cobre o pé e a perna ou parte dela. (pl) Neon (s.q.). Post scriptum.
6 Botequim. Crença. Plutónio (s.q.).
7 Nome de planeta. Manuscrito. Camões.
8 Gargalhada. Tempo do verbo ir.
9 Gálio (s.q.). Tracaram.
10 Nome de mulher. Vagueia.
11 Impulso. Origem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10309

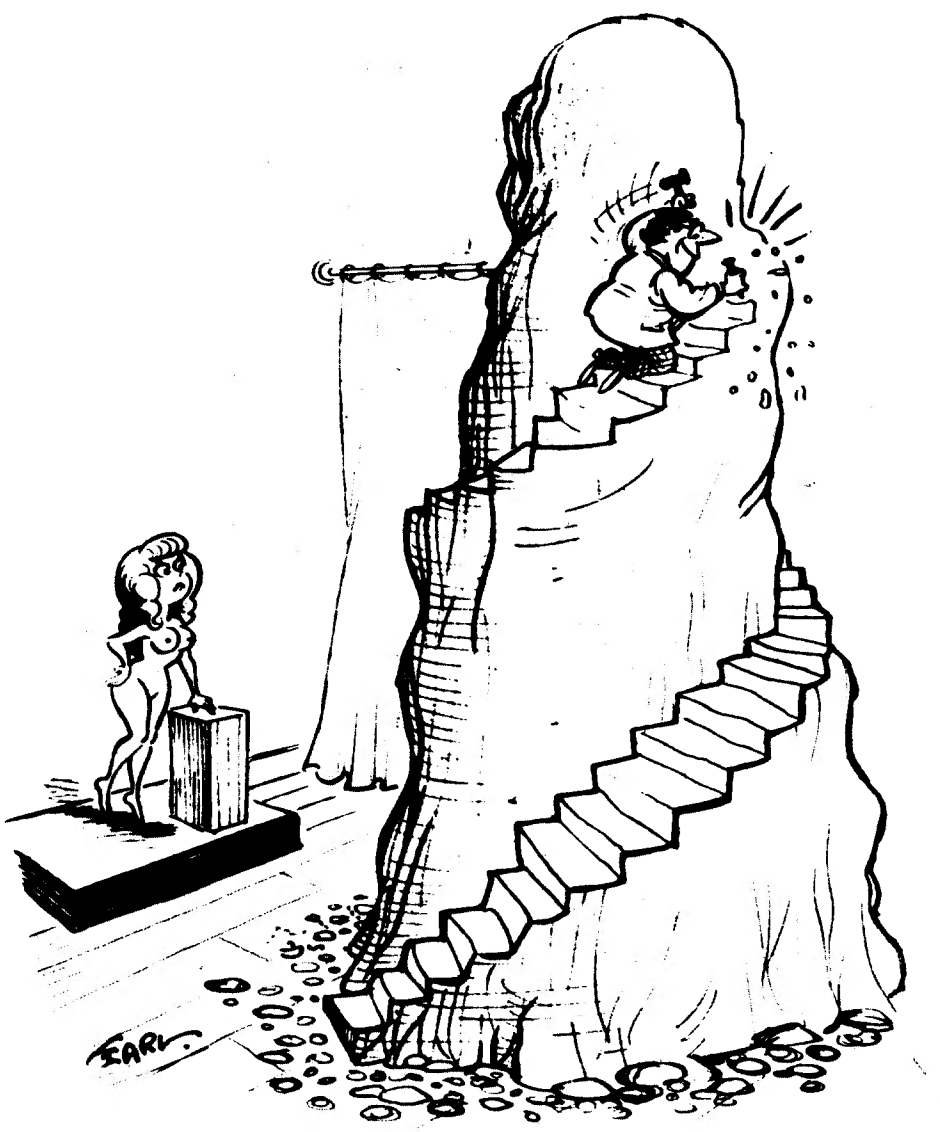
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Anela. Matos.	1 Arca. Vagara.
2 Ralos. Apuro	2 NÃO. Nio. Mês.
3 Coa. Urrar.	3 Elavas. Copa.
4 Vãs. Ser.	4 Ló. Asa. Arar.
5 Nas. O. Sai.	5 Asas. Sud. Sã.
6 Visas. Cases.	6 TEM.
7 Ao. Uta. Ia.	7 Maus. Cal. Cb.
8 Cadelas.	8 Apressa. Asar.
9 AMOR. Seco.	9 Turras. Sena.
10 Repas. Canal.	10 Ora. LEI. Cãs.
11 Asara. Brasa.	11 Sora. Sacola.

PROVÉRBIO O Amor, não tem lei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6465

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Acarretaras.	1 Aso. Mab. Mal.
2 Sacai. Acaba.	2 Cana. Errara.
3 Onera. Copas.	3 Acerar. Ulos.
4 Aros. Alas.	4 Raros. Dão.
5 As. Ad.	5 Rias. Tós.Sa.
6 Aer. Tem. Oca.	6 Per. Mu.
7 Br. Dorme. An.	7 Taça. MMD. Al.
8 Ruas. Dias.	8 Acolá. Eis.
9 Malo. Siam.	**9 Rapado. Aias.**
10 Aro. Sua. Aço.	10 Abas. Casaca.
11 Lasca. Lesas.	11 Sãs. Man. Mós.

SEM PALAVRAS



COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SEDE — Calçada do Duque, 20 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 205 obrigações da Antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, 4 1/2 % — 1905, 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1972.

N.os	6 026		=	1
	6 038	a 6 060	=	23
	6 278		=	1
	6 523	a 6 525	=	3
	6 597		=	1
	6 666	a 6 668	=	3
	6 723	a 6 732	=	10
	6 745		=	1
	7 004	a 7 007	=	4
	7 110	a 7 111	=	2
	7 333		=	1
	7 393	a 7 394	=	2
	7 408	a 7 410	=	3
	7 533		=	1
	7 791	a 7 796	=	6
	7 805	a 7 809	=	5
	7 812	a 7 814	=	3
	7 822		=	1
	7 826		=	1
	7 896		=	1
	7 898	a 7 902	=	5
	8 375	a 8 382	=	8
	8 477		=	1
	8 549	a 8 558	=	10
	8 581		=	1
	9 342	a 9 347	=	6
	9 352		=	1
	9 354	a 9 355	=	2
A transportar				107

Transporte				107
N.os	9 369		=	1
	9 385	a 9 389	=	5
	9 601	a 9 605	=	5
	9 770	a 9 773	=	4
	9 829		=	1
	9 906		=	1
	9 909	a 9 910	=	2
	9 926		=	1
	10 068		=	1
	10 121	a 10 140	=	20
	10 325		=	1
	10 352		=	1
	10 363	a 10 367	=	5
	10 570	a 10 589	=	20
	10 727	a 10 733	=	7
	11 045		=	1
	11 055		=	1
	11 057		=	1
	11 162	a 11 166	=	5
	11 242		=	1
	11 248	a 11 249	=	2
	11 267		=	1
	11 320	a 11 321	=	2
	11 383	a 11 385	=	3
	11 390		=	1
	11 392		=	1
	11 421	a 11 424	=	4
TOTAL				205

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SANTOS & NASCIMENTO

AVENIDA DA LIBERDADE, 177 — LISBOA

SALDOS

A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 15

OS

SALDOS

DOS

Tecidos Almirante, Lda.

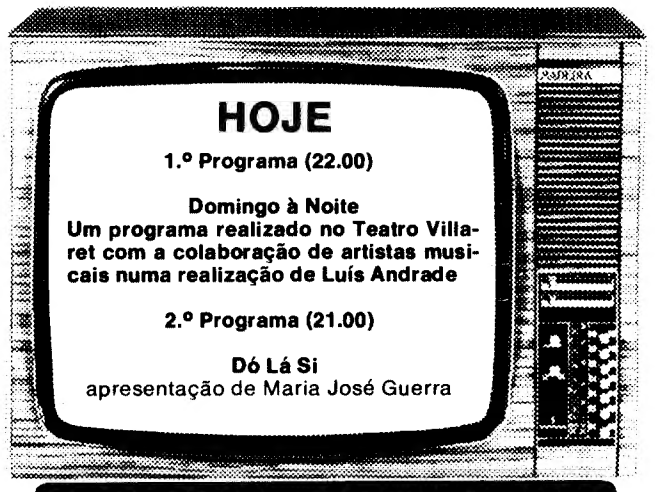
— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

COMEÇAM

AMANHÃ

Visite-nos e verificará que os nossos SALDOS são sem dúvida os mais SENSACIONAIS DE LISBOA

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.60 Eurovisão: Transmissão directa das corridas internacionais de Esqui
15.00 Robin dos Bosques
15.25 TV Educativa
15.50 Tarde de Cinema «Abril Encantado»
17.00 Domingo Desportivo - 1.ª edição
18.10 T.V. Infantil
19.00 T.V. Rural
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 «Adeus 15 Anos»
20.00 TV 7
21.00 «Agente Secreto à Força»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.35 Domingo desportivo — 2.ª EDIÇÃO
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»
21.00 Dó lá si
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma Rapariga Endiabrada»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV infantil
20.00 Momento desportivo
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Mc Cloud»
23.00 TV mundo
23.45 Telejornal — 4.ª edição
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 «Uma Rapariga Endiabrada»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do Cinema
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações ...	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José ..	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11.º
P. DOURADAS	0.º
COIMBRA	8.º
PORTALEGRE	6.º
LISBOA	10.º
FARO	11.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade e Praia da Rocha
Máxima 15,5.º

Penhas da Saúde
Mínima 1,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14.º
Atmosfera	11.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.44	3,3 m	5.09	1,4 m
		17.44	1,3 m

DIA 15

0.26	3,4 m	6.27	1,2 m
13.05	3,4 m	18.54	1,2 m

DIA 16

1.38	3,6 m	7.34	1,0 m
14.13	3,5 m	19.55	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; aguaceiros.

— AMANHÃ —

NASCER ÁS 8.54
OCASO ÁS 18.39

DIA 18 | DIA 26 | DIA 3 | DIA 10

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde desportiva. Rádio desporto. Futebol: relatos e informações dos jogos da 18.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Actualidade desportiva.
17.30 Música sem palavras
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada.
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades
22.00 Teatro das Comédias: O Fruto proibido», de Octave Euillet
22.38 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para outro, por Fernando Garcia
02.p00 Fecho

23.00 Sinal horário — Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

17.00 Perspectivas da obra de Lalo
18.00 Concerto de Domingo
19.36 Quinteto para sopro e piano
20.00 Diário sonoro
20.20 Concerto a cinco partes em mi menor
20.30 As grandes figuras do Mundo Português
21.00 Recital de piano
21.30 Que quer ouvir
22.45 Música de piano
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa em MF 2

14.30 Música sinfónica: «Carmen»
15.00 1.º acto da ópera «Lohengrin», de Wagner
16.30 Solos de piano
17.00 Junção com o 2.º Programa

Programa estereofónico MF 2

22.00 Cantata [illegible] Haendel
22.57 Sonatas para violoncelo e piano, de Rachmaninov e Briten

Programa estereofónico — MF 2

23.50 Alegria parisiense (bailado), de Offenbach, pela Orquestra Pops de Boston, dir. por Arthur Piedler.
00.18 Música de câmara
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

14.55 Tarde desportiva
17.00 Chave no Totobola
18.00 Noticiário
18.02 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 73»
20.00 Divagando
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens bíblicas
23.22 Canções ao acso
23.30 PBX
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.00 Chave do Totobola
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Divagando (Vértice)
21.02 Boa noite em FM
22.00 Programa á gô-gô
23.00 Noticiário: Programa á gô-gô
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora Sonipol
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 12.00 e das 22.00 às 2.00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-I
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704)
ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235 (Tel. 728277)
ALVALADE:
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida Rodrigo da Cunha); (Tel. 722384); **Rio de Janeiro,** (Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América (Tel. 721409)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 às Galinheiras (Tel. 790969)
ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (Tel. 534027)
ARROIOS
Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (Tel. 821973
AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, 219 (ao Marquês de Pombal) (Tel. 43641).
AVENIDAS NOVAS:
Figueiras, Av. Marques de Tomar, 20 (Tel. 44995)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Tel. 311216)
BAIXA:
Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 126 (Tel. 873875)
BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (Tel. 704828)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Tel. 684424)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, R. Maria Pia, 358-A (telefone 686176); **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162 (Tel. 669485)
LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-A (Tel. 660720)
LUMIAR
Matos Viegas, A. Rainha D. Amélia (Quinta das Mouras) (Tel. 794141)
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (Tel. 842725)
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Tel. 612248)
SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193)
S. BENTO
Feniz, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 678531)
S. MIGUEL
S. Miguel, Praça de Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469)
SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (Tel. 778439)

TURNO C-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-B (Tel. 636620); **Vieira da Rosa,** Rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187).
ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (Tel. 717505)
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (Tel. 731478)
ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 9 (Tel. 43340)
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (Tel. 41845)
BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Telefone 322798)
BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (Tel. 611454)
CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 5 (Tel. 662838); **Pinheiro,** Rua de Campo de Ourique, 133 (Tel. 686640)
CARNIDE
Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)
JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (Tel. 662327)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
MOURARIA
Silva, Calçada de Santo André, 16 (Tel. 862074)
OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Olivais Sul) (Tel. 313610)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (Tels. 728395-720703)
RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (Tel. 681947)
SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (telefone 761035)
SOCORRO
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829)
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Telefone 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho-B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Tel. 260087)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL
Oliveira, L. da Mesericórdia (Tel. 22488)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama,** R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança,** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 93 (Tel. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM **Garcia,** Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942191)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299088)

PORTO

10.º TURNO

SUB-TURNO A

Canavarro, R. da Restauração, 53. **Constituição (da)**; R. da Constituição, 93. **Ferreira de Carvalho,** R. do Bonjardim, 354. **Oriental,** R. do Bonjardim, 727. **Padrão,** Largo do Padrão., 342. **Ramos,** Pr. Exérc. Libertador, 91.

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda., R. de Cedofeita, 125. **Lidador (do)** R. do Lidador, 171. **Parente,** Rua das Flores, 114. **Sousa Soares,** R. de Santa Catarina, 141. **Vitória,** R. de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033; **Figueiredo,** R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837); **S. José,** Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697)

cinemas • cinemas • cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo C-14 anos)
12.ª Semana de êxito
«UM VIOLINO NO TELHADO»
Écran gigante, som estereofónico de 4 bandas magnéticas.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo C - 14 anos) 7.ª Semana
A teoria e a prática do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tcherkassov

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Por amor a César, por amor a David... Entre dois amores Rosalie «CESAR E ROSALIE» com Yves Montand e Romy Schneider

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo C-14 anos) 7.ª Semana
A obra-prima de Robert Rosselini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda)

ALVALADE (Tel.717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Peter Finch e Rita Tushingham em «A RAPARIGA DOS OLHOS VERDES»

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Colorido. Um filme de John Mackenzie «MOCIDADE SEM FREIO» com David Hemming e Douglas Wilmer.

CASINO (Tel. 264621/264948)
15.30 - 18.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«HOSPITAL»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C-14 anos) 2.ª Semana
Technicolor-Panavision - Vanessa Redgrave e Glenda Jackson «AS DUAS RAINHAS»

CONDES (Tel. 322523/326710)
4 sessões às 14.45-16.30-18.45 e 21.45 (Grupo D - 18 anos)
Robert Mitchum provoca...
«A CÓLERA DE DEUS»
Um filme fora de série

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D-18 anos) 6.ª Semana
Alfredo Landa, Sylva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARAS A MULHER DO DELICADINHO». Um escândalo em graça brejeira

LYS (Tel. 38560)
14.45 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
Em continuação de estreia «A MANIA DAS GRANDEZAS»
Em complemento «PARA O MELHOR O PIOR» (Metropolitano: Intendente).

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
Christopher Lee e Klaus Kinsky «DRÁCULA O PRINCIPE DAS TREVAS»

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Dejustiça em injustiça impõe a sua lei... Paul Newman em «JUIZ ROY BEAN»
Hoje às 18.15 - Tardes infantis (Grupo A - 6 anos)
Bucha e Estica em «UM PAR DE CIGANOS»

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
Um filme de Sidney Pollack «AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE» com Robert Redford

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 51.ª Semana «TRINITÁ» - Cow-boy insolente com Terence Hiel e Bud Spacer color-scope.

LONDRES (Tel. 731313)
4 sessões diárias 7.ª semana
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Colorido A estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (Ade-us Berlim)
Snack-Bar-Pub «The Flag» o melhor encontro gastronómico.

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Sensacional 4.ª Semana «O MECÂNICO» Charles Bronson

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
4.ª Semana Technicolor Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana de êxito Technicolor — Goldie Haw e Ellen Heckart em «SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES» numa inesquecível eterna história de amor.

ROYAL (Tel. 865037)
(Grupo D - 18 anos)
«O AMANTE DA URSA MAIOR» e em complemento «O HOMEM QUE GOSTAVA DAS RUIVAS»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«VAGABUNDOS SELVAGENS» e em complemento «NÃO FAÇAS ONDAS»
Hoje às 18.30 (Grupo A - m 6 anos) «AS GRANDES AVENTURAS DE DONALD» (Metropolitano: ARROIOS - P. Chile)

ESTÚDIO 4444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Nina Comijannez «DESEJO DE AMAR» com Adjani e Muriel Catala. Estma

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
4.ª Semana de êxito Terence Hill e Bud Spencer depois de «TRINITÁ» novamente juntos «A COLINA DOS SARILHOS»

BERNA (Tel. 7776098)
14.30 - 18.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
23.ª Semana A Paramont apresenta «O PADRINHO»

LEIA ÀS QUINTAS - FEIRAS
motor

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (14 anos)
«Alice nos jardins do Luxemburgo»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Lar»

GIL VICENTE
17.00 (18 anos)
«As criadas»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

VILLARET
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
19.00 (10 anos)
«Maciste nas minas do rei Salomão»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Aventura é aventura»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Os azares de um homem de sorte»

PROMOTORA
21.00 («? ANOS)
«Shaft, mafia em Nova York»

JARDIM CINEMA
21.30 (10 anos)
«Perseguição a um espião» e «Hércules contra os Mongóis»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Os Intrusos»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Romance de um ladrão de cavalos»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (14 anos)
«Os cinco bandoleiros»
ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 e 21.30
(18 anos)
«Hospital»
Palácio
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta»
CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«Se a minha cama voasse»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«História de uma traição»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Encontro marcado»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Aguenta-te canalha»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Meu marido, esse desconhecido»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Os Cowboys»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«O Preço da herança»
COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«Crime de amo»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«O princípio e o fim»
ANTÓNIO PEDRO
18.00 (6 anos)
«A Princesa e o papagaio»

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Melodia incompleta»
OLYMPIA
21.30 (14 anos)
«O Mundo esquecido»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Não desejarás a mulher do delicadinho»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A mulher marcada»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Despertar para a vida»
ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«As grandes manobras»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«X, Y e Z»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Escândalos na praia»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Um vinho difícil»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Uma história imortal»
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Mister X»

COIMBRA

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«Tempo de amar»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Encontro com uma mulher só»
GIL VICENTE
21.30 (6 anos)
«Se a minha cama voasse»
SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Borsalino»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18 h às 21 h e das 22.30 h às 05.00 h**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**
Com variedades

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing. Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 74859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário. Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermínda e José Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264595, 264621 e 264946.**

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. **Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado).**

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

DL / ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2,º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ARMAZÉNS OU FÁBRICAS
COMPRAM-SE

Devolutos, Lisboa ou arredores, ocupação imediata. Bons acessos, água, energia eléctrica e telefone. Próprio ao próprio.

Resposta indicando local, área disponível e preço ao «Diário de Lisboa» ao n.º **695**.

TERRENO INDÚSTRIA
COMPRA-SE

Zona aprovada, Lisboa ou arredores, ocupação imediata. Bons acessos, água, energia eléctrica e telefone. Próprio ao próprio.

Resposta indicando local, área disponível e preço ao «Diário de Lisboa» ao n.º **694**.

J. PIMENTA
SARL
Pessoal precisa-se para admissão imediata

- Construtores civis
- Encarregados de construção civil
- Carpinteiros
- Pedreiros
- Ladrilhadores
- Estucadores
- Serventes
- Electricistas da construção civil
- Serralheiros civis e mecânicos
- Canalizadores

LOCAIS DE ADMISSÃO E INFORMAÇÕES

COIMBRA: R. Nicolau Chanterene, Lotes 1 e 2
PORTO: R. Campo Alegre, 17
LISBOA: Reboleira / Paço de Arcos / Cascais / Talaíde
LEIRIA: — **Agodim:** Nova Cerâmica da Madalena, Lda.
PORTIMÃO. Estrada do Vau

- **OFERECE-SE EMPREGO ESTÁVEL**
- **BOAS REGALIAS SOCIAIS**
- **BOAS REMUNERAÇÕES**
- **DORMITÓRIOS NAS OBRAS**

Mais informações: R. António Enes, 25 — Queluz

KISSINGER REGRESSOU AOS E.U.A

BEY BISCAYNE (FLORIDA), 14 (R e UPI-ANI) — O emissário da Casa Branca, dr. Henry Kissinger, regressou ontem á noite aos Estados Unidos para travar consultas com o presidente Nixon, após seis dias de conversações em Paris com o enviado norte-vietnamita Le Duc Tho, segundo foi comunicado hoje.

O informador presidencial Ronalda Ziegler disse que o dr. Kissinger viajara de avião directamente da capital francesa para a base da Força aérea de Homestead, perto desta cidade, após a sua sessão de hoje com o negociador norte-vietnamita.

Ronald Ziegler recusou-se a dar pormenores sobre o objectivo da visita de Kissinger, dizendo apenas que se tratava de «consultas ao fim de seis dias de negociações sérias com os norte-vietnamitas».

O secretário de Imprensa da Casa Branca não revelou se Kissinger ou qualquer outro enviado presidencial, iria a Saigão. Anteriormente, Kissinger dera a entender que era necessária uma nova viagem à capital sul-vietnamita para explicar pormenores do acordo de cessar-fogo.

Apelo da Caritas para a paz no Vietname

A Caritas Internacional, através da sua delegação para a ajuda das orgânizações católicas ao cessar-fogo do Vietname, distribuiu o seguinte apelo a todos os países:

Há 30 anos que o Vietname é devastado por um conflito que tem gerado inumeráveis vítimas, no Norte, no Sul, e aos países vizinhos, Laos e Camboja. A esperança suscitada por um iminente cessar-fogo foi dolorosamente traída; e, entretanto, a população continua envolvida na dura realidade de uma guerra cada vez mais selvagem.

Nesta dramática situação, a Caritas Internacional, fazendo-se eco do apelo do Santo Padre, denuncia a violência e convida todos a promoverem, através da oração e da acção uma reconciliação que conduza efectivamente a uma Paz real.

Centenas de milhar de refugiados e de feridos, sobretudo mulheres, crianças e velhos — enquanto aguardam ansiosamente o silenciar das armas — têm necessidade imediata de solidariedade fraterna. Por esse motivo a Caritas Internacional não se detem pela simples expectativa de um possível cessar-fogo e lança um apelo urgente a todos para que redrobem a sua generosidade em ajuda às populações tão martirizadas no Vietname do Norte e do Sul, independentemente da sua religião e ideologia tomando ùnicamente como critério a miséria humana.

14 CASOS DE FEBRE EM ANGOLA

. LUANDA, 14 (L.) — Os Serviços de Saúde e Assistência informam que no território deste Estado foram registados, durante o período de 18 a 24 do passado mês de Dezembro, os seguintes casos de doença infecto-contagiosas, para cuja defesa as autoridades sanitárias consideram vantajoso o conhecimento público: cólera, um caso; febre tifóide, catorze casos; outras salmoneloses, doze casos; carbúnculo, um caso; tosse convulsa, cinquenta casos; e varicela, dezanove casos. Não se registou qualquer óbito.

Comunicado especial do Comando-Chefe das Forças Armadas de Angola

LUANDA, 14 (LUSITANIA) — O Comando-Chefe das Forças Armadas de Angola destribuiu ontem o seguinte Comunicado Especial:

«Como tem sido comunicado periódicamente, a situação no Leste de Angola tem vindo a melhorar sensìvelmente nos últimos meses e alguns dos grupos terroristas que ali actuavam têm se refugiado na Zâmbia.

A actividade terrorista descresceu substancialmente e manifesta-se agora por incursões vindas daquele território para ataques a povoações mais ou menos perto da fronteira.

No dia 4 Janeiro, numa dessas incursões, foi atacada Lutembo, sem consequências. Para a perseguição ao grupo atacante, que voltou a refugiar-se na Zâmbia depois de lhe ter sido capturado material, foram accionadas forças de intervenção.

Ao aproximar-se do objectivo, o piloto Capitão — aviador Custódio Janeiro Santana — foi atingido gravemente pelo que o seu aparelho se despenhou.

Do acidente resultaram ferimentos em três militares e o piloto veio a falecer».

ROUPA PARA 40 CRIANÇAS POBRES

Para comemorar o quadragésimo aniversário da sua fundação, o Grupo Recreativo Estrela de Ouro distribuirá enxovais para 40 crianças pobres.

Trata-se de uma iniciativa, que esta associação vem levando a cabo há já alguns anos e o número de crianças auxiliadas responde sempre à quantidade de anos do Grupo.

Prejudicado o porto da Beira

LOURENÇO MARQUES, 14 (A.N.I.) — Será prejudicado em cerca de 22.000 contos mensais o porto da Beira, em virtude das recentes medidas tomadas pelo governo da Rosdésia em relação ao movimento de mercadorias que trasitavam pela fronteira daquele país com a da Zambia, com destino a Moçambique — anunciou o matutino «notícias» de Lourenço Marques, baseando a informação no facto de serem manuseadas por aquele porto, mensalmente, cerca de 25 mil toneladas de cobre Zambiano.

O «Notícias» salientou ainda que este prejuízo assume maiores proporções quando somado aos provocados pelo bloqueio marítimo imposto pela armada britânica aos produtos destinados à Rodésia, que eram desembarcados no Porto da Beira.

UNIÃO DAS COOPERATIVAS HABITACIONAIS

«Trata-se fundamentalmente de enraizar e dinamizar o movimento cooperativo face ao Estado e a outras forças económicas visando a obtenção de garantias e facilidades fiscais e legais...» afirmou-nos Emílio Santana, presidente da direcção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, referindo-se à proposta de adesão deste organismo à União das Cooperativas de Habitação que será amanhã à noite discutida na Assembleia extraordinária daquela associação.

Na mesma assembleia será ainda debatia uma outra proposta acerca de alterações dos Estatutos da A.I.L. visando a adaptação dos mesmos relativamente à recente legislação sobre o Fundo de Fomento de Habitação.

A criação da União das Cooperativas de Habitação surgiu pela primeira vez em 1967. Diz-nos Emídio Santana.

— **A questão foi ventilada, pela primeira vez, há cerca de seis anos, pela Associação dos Inquilinos Lisbonenses, exactamente na altura da eleição do vogal para o Conselho Económico e Social do Ministério das Corporações. Foi numa das reuniões do Conselho que pusemos a ideia de aglutinação das cooperativas habitacionais.**

O ano passado, durante o Verão em Coimbra decidiu-se a criação, formando-se uma comissão que tratou das bases dessa união. A escritura está feita faltando apenas a materialização da nossa participação. Por isso a assembleia desta noite.

Informou-nos depois, o presidente dos Inquilinos Lisbonenses, acerca de algumas das facilidades ou garantias que a nova associação pretende obter junto das entidades superiores:

— **Visamos sobretudo a isenção relativamente a determinados impostos, a cedência de parte dos terrenos, que sejam urbanizados pelo Fundo de Fomento de Habitação, a preços acessíveis e, ainda, a possibilidade de créditos.**

Criada em 1924, a Associação dos Inquilinos Lisbonenses, tinha em 1945 cerca de cinco mil associados, passando, dez anos depois, para quinze mil. Actualmente conta com mais de vinte e oito mil membros e com acentuada tendência para aumentar dada a crescente agudização dos problemas habitacionais na capital.

ERNESTO COSTA

O comendador Ernesto Costa, comandante de bombeiros e conhecido aficionado da «Festa Brava», que se eencontrava há já algum tempo internado numa clínica, acaba de regressar a sua casa.